

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**GISELE DA COSTA LIPIMAM PEREIRA**

**NOTAS DE RODAPÉ SÃO IMPORTANTES: TRADUÇÃO COMENTADA DE  
TEXTOS DA CULTURA CHAMORRO**

**PORTO ALEGRE**

**2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**  
**ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA**  
**LINHA DE PESQUISA: LITERATURA, SOCIEDADE E HISTÓRIA DA**  
**LITERATURA**

**NOTAS DE RODAPÉ SÃO IMPORTANTES: TRADUÇÃO COMENTADA DE**  
**TEXTOS DA CULTURA CHAMORRO**

**GISELE DA COSTA LIPIMAM PEREIRA**

Dissertação de Mestrado em Letras, área de Estudos de Literatura, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Karina de Castilhos Lucena

**PORTO ALEGRE**

**2024**

Gisele da Costa Lipimam Pereira

NOTAS DE RODAPÉ SÃO IMPORTANTES: TRADUÇÃO COMENTADA DE TEXTOS  
DA CULTURA CHAMORRO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Porto Alegre, 25 de setembro de 2024.

Resultado: Aprovada.

BANCA EXAMINADORA

---

Karina de Castilhos Lucena  
Instituto de Letras - UFRGS

---

Ian Alexander  
Instituto de Letras — UFRGS

---

Denise Regina de Sales  
Instituto de Letras — UFRGS

---

Marlova Gonsales Aseff  
Departamento de Línguas estrangeiras e tradução — UnB

### CIP - Catalogação na Publicação

Pereira, Gisele da Costa Lipimam  
Notas de rodapé são importantes: tradução comentada  
de textos da cultura chamorro / Gisele da Costa  
Lipimam Pereira. -- 2024.  
121 f.  
Orientadora: Karina de Castilhos Lucena.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, , Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Literatura chamorro. 2. tradução de literatura  
chamorro. 3. Guam. 4. notas de rodapé. 5. história,  
cultura e identidade. I. Lucena, Karina de Castilhos,  
orient. II. Título.

À minha mãe.

## AGRADECIMENTOS

À Karina, pela orientação tranquila e gentil. Esse trabalho do jeitinho que está não seria possível sem a sua orientação e nem teria uma experiência tão prazerosa o escrevendo se não fosse por você.

Ao Ian, que me apresentou Guam ainda na graduação e é uma das melhores pessoas que já conheci. Obrigada por acreditar que uma simples tradução para uma disciplina poderia se tornar tudo isso.

Aos chamorros, por compartilharem as suas histórias.

Ao grupo de pesquisa, pelos encontros cheios de trocas e aprendizados, mas acima de tudo, leves e divertidos.

À minha mãe e à minha irmã, pelo amor, carinho, incentivo e apoio incondicional. Não teria chegado até aqui sem vocês.

À Ândrea, que acompanhou todo esse processo de pertinho junto com o próprio TCC. Ei, migs, conseguimos!

Aos meus letristas favoritos, Lucas, Amanda, Adriane e Laura, *I had the time of my life fighting dragons with you.*

À Lohanna, por todos os momentos desde a pandemia.

Ao Instituto de Letras e aos maravilhosos professores que tive durante estes anos.

À UFRGS, por ter oportunizado tudo isso.

*Os ossos velhos embaixo dos nossos pés,  
louvamos o Matao, o povo de antes  
Que chegou nas primeiras canoas à vela,  
louvamos nossos ancestrais,  
E louvamos todos os ossos velhos.  
Leonard Z. Iriarte (2019)*

## RESUMO

Essa dissertação apresenta o papel das notas de rodapé para o movimento de descolonização em Guam a partir dos textos da literatura chamorro e, conseqüentemente, da tradução comentada das obras *I Tinituhon/The Beginning*, de Leonard Z. Iriarte, *Manotohge Hit/We Stand*, de Leonard Z. Iriarte, *I Have Seen Sirena Out at Sea/Gua na hu li'i' si Sirena*, de Evelyn Flores, *The Tree*, de Christiane Taitano DeLisle, *What am I*, de Frederick B. Quinene e *Hineksa Anonymous*, de Desiree Taimanglo Ventura, publicadas na antologia *Indigenous Literatures from Micronesia*, organizada por Evelyn Flores e Emelihter Kihleng (2019). Além disso, este trabalho busca analisar como elementos como a história, a cultura e a identidade estão presentes nestas obras e como, conseqüentemente, o conhecimento sobre esses elementos é essencial para a tradução destas. Este trabalho também procura discorrer sobre a importância das notas de rodapé tanto para a compreensão destes textos como para as suas traduções, já que os autores as utilizam para trazer informações sobre aspectos histórico-sócio-culturais da ilha. A partir das traduções comentadas, será analisada, desta forma, a presença destes elementos em textos que focam em três períodos essenciais da história da ilha: pré colonização espanhola, pós colonização espanhola e pós colonização estadunidense. Como há um movimento de descolonização na ilha de Guam ao qual a literatura faz parte, as obras produzidas pelos chamorros, sendo assim, são ricas em marcações culturais assim como recontos das histórias da ilha. Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar as traduções a partir das observações das presenças destes conceitos nas obras chamorros e, também, analisar as notas de rodapé presentes nos textos fontes, assim como trazer à luz a importância destas tanto para a leitura quanto para a tradução destes textos. Desta forma, o presente trabalho foi separado em duas partes. A primeira parte do trabalho, irá trazer a história da ilha, desde a sua criação até os dias atuais, assim como o conceito de identidade e de cultura para os chamorros e como estes conceitos estão presentes e são apresentados ao leitor nas obras, a partir dos textos presentes na antologia de Flores e Kihleng (2019). Na segunda parte, será analisada a presença desses conceitos no processo de tradução, além da função das diferentes notas tanto do texto fonte quanto do texto de chegada, assim como apresentar as escolhas tradutórias como um ato político e ideológico. Sendo assim, a partir das análises de Hall (2006) sobre o conceito de identidade e de Anderson (2008) sobre comunidades imaginadas, foi possível analisar estes elementos dentro das obras chamorros. Ademais, a tese de doutorado de Perez (2021) sobre a literatura chamorro foi a base teórica para compreender esta literatura dentro deste movimento de descolonização em Guam. Os estudos de Venuti (2002, 2011, 2019) sobre tradução como um ato político e de Genette (2009) sobre as funções das notas. Portanto, com essas análises das obras e as traduções, foi possível compreender o grande papel das notas de rodapé dentro da literatura chamorro, já que estas trazem não apenas informações sobre o texto, mas também sobre a história, a cultura e a identidade do povo chamorro. Além disso, também foi possível compreender o papel tanto da literatura chamorro quanto da língua dentro deste movimento de descolonização na ilha de Guam.

**Palavras-chave:** Literatura chamorro; tradução de literatura chamorro; Guam; notas de rodapé; história, cultura e identidade.



## ABSTRACT

This dissertation presents the role of footnotes in the decolonization movement in Guam based on Chamorro literature texts and, consequently, the commented translation of the works *I Tinituhon/The Beginning*, by Leonard Z. Iriarte, *Manotohge Hit/We Stand*, by Leonard Z. Iriarte, *I Have Seen Sirena Out at Sea/Gua na hu li'i' si Sirena*, by Evelyn Flores, *The Tree*, by Christiane Taitano DeLisle, *What am I*, by Frederick B. Quinene and *Hineksa Anonymous*, by Desiree Taimanglo Ventura, published in the anthology *Indigenous Literatures from Micronesia*, edited by Evelyn Flores and Emelichter Kihleng (2019). In addition, this study seeks to analyze how elements such as history, culture, and identity are represented in these works and how understanding these elements is crucial for their translation. This study also seeks to discuss the importance of footnotes both for the understanding of these texts and for their translations, since the authors use them to provide information about historical and socio-cultural aspects of the island. Based on the commented translations, the presence of these elements in texts that focus on three important periods of the island's history will be analyzed: pre-Spanish colonization, post-Spanish colonization, and post-US colonization. Since there is a decolonization movement which literature is a part of in Guam, the texts produced by the Chamorros are therefore rich in cultural markings as well as retellings of the island's stories. Thus, the goal of this dissertation is to analyze the translations based on observations of the presence of these concepts in Chamorro texts and also to analyze the footnotes present in the source texts as well as to highlight their importance both for the reading and for the translation of these texts. As a result, this study was divided into two parts. The first part will present the history of the island, from its creation to the present day, as well as the concept of identity and culture for the Chamorros and how these concepts are represented and presented to the reader in the texts, based on the texts present in the anthology by Flores and Kihleng (2019). In the second part, the presence of these concepts in the translation process will be analyzed, in addition to the function of the different notes in both the source text and the target text. As well as presenting the translation choices as a political and ideological act. Therefore, based on Hall's (2006) analyses of the concept of identity and Anderson's (2008) analyses of imagined communities, it was possible to analyze these elements within Chamorro works. Furthermore, Perez's (2021) doctoral thesis on Chamorro literature was the theoretical basis for understanding this literature within this decolonization movement in Guam. Venuti's (2002, 2011, 2019) studies on translation as a political act and Genette's (2009) on the functions of footnotes. Thus, with these analyses of the works and the translations, it was possible to understand the great role of footnotes within Chamorro literature, since they bring not only information about the text, but also about the history, culture, and identity of the Chamorro people. Moreover, it was also possible to understand the role of both Chamorro literature and language within this decolonization movement on the island of Guam.

**Keywords:** Chamorro literature; translation of Chamorro literature; Guam; footnotes; history, culture, and identity.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>11</b>
<b>2. Parte I: História, Cultura e Identidade Chamorro</b>	<b>14</b>
2.1 A história CHamoru: uma pequena nota de rodapé na história	15
2.1.1 Fo'na e Pontan	17
2.1.2 O período espanhol	19
2.1.3 O período militar dos EUA	22
2.1.4 O período japonês	24
2.1.5 O período estadunidense novamente	26
2.2 A cultura e a identidade chamorro: um ato de descolonização	30
2.2.1 O povo CHamoru e a sua língua	31
2.2.1.2 Por que CHamoru e não Chamorro	37
2.2.2 A identidade e a cultura chamorro dentro da literatura	37
2.2.2.1 A língua	37
2.2.2.2 A comida	40
2.2.2.3 A arquitetura	43
2.2.3 Hall, Anderson e Guam: seus conceitos e a literatura chamorro	44
2.2.4 Sistema de valores culturais chamorros	47
<b>3. Parte II: Traduções comentadas</b>	<b>49</b>
3.1 Pré Espanha	52
3.1.1 Tradução 1	58
3.1.2 Tradução 2	64
3.2 Pós Espanha	70
3.2.1 Tradução 3	75
3.2.2 Tradução 4	79
3.3 Pós Estados Unidos	85
3.3.1 Tradução 5	86
3.3.2 Tradução 6	91
3.3.2.1 Nota à tradução 6	97
<b>4. Considerações finais</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>103</b>
<b>ANEXO A – TRADUÇÕES SEPARADAS DO TEXTO FONTE</b>	<b>110</b>

## 1. Introdução

Embora essa seja minha segunda pesquisa sobre Guam, ainda é curioso e, admito, surpreendente o quanto essa considerada pequena nota de rodapé da Micronésia possui tantas histórias para contar. Quando comecei a pesquisar sobre a ilha e a sua literatura, ainda na graduação, me deparei, inicialmente, com um conto “simples” que narrava a volta da personagem principal a sua terra natal e como esta aprende a fazer um dos tradicionais pratos do local. No entanto, o que julguei como uma fácil e rápida tradução se tornou, na verdade, um desafio e, por fim, o meu trabalho de conclusão de curso por essas mesmas razões. A tradução de apenas um conto da literatura chamorro mostrou que estratégias das quais estava tão acostumada como convencionalidade e adaptação, isto é, estratégias que aproximam o texto de chegada com a realidade na qual este será publicado, não seriam assim tão úteis para a tradução daquele texto, já que havia diversos outros elementos extremamente sutis presentes na obra de Charissa Lynn Atalig Manibusan (2019), que não havia considerado na minha primeira leitura e tradução do texto. No fim, todos esses elementos e aspectos presentes no conto foram o que fizeram com que uma segunda versão daquela tradução e, junto dela, uma nota de apoio para a leitura daquele texto surgissem, tornando-se, por fim, o meu trabalho.

Desta forma, este trabalho é a continuação do meu trabalho de conclusão de curso, também conhecido como o famoso e assustador TCC, e enquanto o primeiro estudo trouxe apenas um texto traduzido, neste trabalho teremos seis traduções de textos de diferentes autores chamorros que relatam períodos diferentes da ilha. A escolha de seguir pesquisando sobre Guam, logo, foi tomada porque a pesquisa feita no TCC era apenas um “pedaço do bolo” como disse meu orientador e, sendo assim, a dissertação, um trabalho relativamente maior que o TCC, permitiu que outros elementos que não haviam sido identificados ou discutidos no trabalho de conclusão fizessem parte desta pesquisa. Um exemplo para essas novas descobertas é a história da ilha de Guam, que inicialmente julguei conhecer a maioria dos eventos, mas, durante a escrita deste trabalho, percebi que ainda havia alguns que precisavam ser considerados.

Precisamos, primeiramente, refletir sobre o que comentei inicialmente sobre Guam ser considerada uma pequena nota de rodapé. Os chamorros ao se referirem à história da ilha costumam dizer que esta é apenas uma pequena nota de rodapé na história das histórias, o que devemos considerar um tanto quanto curioso se pensarmos sobre isso. Isso ocorre porque não há muitos materiais contando a história da ilha, longe disso, a maioria desses, além de serem

recentes, não obtiveram grande alcance e são, em sua maioria, produzidos por chamorros, como uma das mais importantes referências deste trabalho — a tese de Craig Santos Perez sobre a poesia chamorro, traçando seus aspectos e sua história. Devemos considerar que poucas pessoas conhecem Guam e a região da Micronésia e, conseqüentemente, os chamorros possuem essa visão de que sua história não é importante e por esta razão a visualizam como essa nota sem relevância. Desta forma, este trabalho tem como objetivo a tradução de seis textos chamorros que relatam três diferentes períodos da ilha e as notas de rodapé para a compreensão destas obras são essenciais, pois elas trazem informações que são valiosas tanto para o leitor quanto para o tradutor. Deve ser ponderado, especialmente, que as notas de muitos destes textos são ricas em informações culturais, geográficas e linguísticas. Sendo assim, o que muitas vezes é visto como um elemento irrelevante de uma obra literária ou, até mesmo, aquele “monstrinho” que devemos evitar de qualquer forma durante a tradução, neste caso, estas meras “notinhas” possuem tanta informação quanto o texto principal, arrisco a afirmar que até mais em alguns casos. Portanto, se Guam é uma pequena nota de rodapé na história das histórias, devemos considerar isso um elogio, afinal, notas de rodapé são importantes! A ilha guarda diversas páginas completas cheias de notas de rodapé trazendo todas as informações, as histórias e as culturas do local e do seu povo.

Isto posto, este trabalho busca, logo, apresentar como elementos como a história, a cultura, a identidade, a língua e, até mesmo, a arquitetura estão presentes nas obras chamorros e como o conhecimento desses elementos é essencial tanto para melhor poder compreender a literatura produzida pelos chamorros como para traduzi-la. Além disso, irei mostrar o papel das notas de rodapé dentro desses textos, assim como quem são seus possíveis destinatários e suas diferentes funções tanto no texto quanto na tradução deste. Também irei apresentar as escolhas tradutórias como um ato político e ideológico. Desta forma, separei o trabalho em dois grandes pólos: Parte I e Parte II. A Parte I irá trazer a história da ilha, desde a sua criação até os dias atuais, assim como o conceito de identidade e de cultura para os chamorros e como estes conceitos estão presentes e são apresentados ao leitor nas obras. Já a Parte II será a análise desses conceitos no processo de tradução. Sendo assim, separei a história de Guam em três períodos e dois textos para cada um destes: pré colonização espanhola (I Tinituhon/The Beginning, de Leonard Z. Iriarte e Manotohge Hit/We Stand, de Leonard Z. Iriarte); pós colonização espanhola (I Have Seen Sirena Out at Sea/Gua na hu li'i' si Sirena, de Evelyn Flores e The Tree, de Christiane Taitano DeLisle); e pós colonização estadunidense (What am I, de Frederick B. Quinene e Hineksa Anonymous, de Desiree Taimanglo Ventura).

Como estou desenvolvendo essa “notinha” de rodapé que é a história de Guam, optei por escrever meu texto de forma mais informal, trazendo marcas de oralidade, um elemento tão presente na literatura chamorro, para contar essas histórias. Devemos considerar que os chamorros estão utilizando a literatura como uma forma de reescrita de uma história há muito tempo perdida, conseqüentemente, essas marcas estão muito presentes nas obras. Também há o uso de repetições no texto, que é outra marca da oralidade e elemento muito presente quando contamos uma história a alguém. Além disso, como o objeto de estudo é tão novo, há uso do *apud*, porque ainda há dificuldade para encontrar alguns textos e o aumento de publicações é recente. Pensando, também, neste ineditismo que é a literatura chamorro e a sua história e, por conseguinte, as nomenclaturas utilizadas pelos autores, optei por utilizar sempre os nomes próprios da mesma forma que o autor chamorro, ou seja, quando o autor escolheu utilizar “CHamoru” ao invés de “chamorro” ao traduzir o texto, mantive a mesma grafia, para possibilitar ao leitor o contato com todas essas diferentes nomenclaturas.

Portanto, este trabalho apresenta não apenas Guam e o seu povo, ele demonstra sua cultura, identidade e história através das diferentes perspectivas dos chamorros, já que utilizei como base apenas textos produzidos por autores da ilha. Sendo assim, espero que ao contar essas histórias, esta pesquisa e essas traduções possam abrir as portas da Micronésia, de Guam e do seu belo povo para leitores que não conhecem a ilha e a sua região.

## 2. Parte I: História, Cultura e Identidade Chamorro

Sempre que comento sobre literatura chamorro e a sua tradução, seja para um conhecido, em sala de aula ou em eventos, preciso começar falando sobre Guam. Isso ocorre porque o local não é muito conhecido, na verdade, alguns globos sequer apresentam a ilha. Antes do meu trabalho de conclusão da graduação, também não conhecia o local, então escrever esse primeiro trabalho sobre Guam foi a minha oportunidade para conhecer esse lugar tão belo. Além disso, toda a história da ilha, da região e do seu povo está extremamente presente na sua literatura, como veremos abaixo, e em razão disso precisamos do contexto para poder entender todo esse movimento que está acontecendo. Portanto, nessa primeira parte irei trabalhar com a história de Guam, a cultura e a identidade de seu povo. No entanto, para ser possível discutir esses elementos, é necessário comentar, brevemente, sobre a ilha para que assim toda a trajetória traçada neste trabalho se conecte com as de mais informações.

Guam, escrita na língua local como Guãhã, é uma bela ilha localizada na região da Micronésia. A Micronésia é uma região na Oceania composta por 2.000 pequenas ilhas, nomeada desta forma porque a palavra possui origem no grego, que significa “pequenas ilhas”. Algumas dessas ilhas já são territórios independentes, enquanto outros ainda não, como o caso de Guam e as Ilhas Marianas do Norte, que seguem sendo território estadunidense. Guam é a maior ilha da Micronésia, medindo por volta de 549 km<sup>2</sup>, mas ainda segue sendo um território por questões geopolíticas como explicarei melhor, entretanto, as pessoas que moram em Guam, os chamorros, estão fazendo um grande movimento de descolonização e buscando recuperar sua identidade e sua cultura, que foi perdida por consequência das colonizações. Os chamorros estão publicando antologias, como a que será utilizada como base para discutir os conceitos acima, assim como os textos que irão ser traduzidos na Parte II deste trabalho. Além disso, é importante acrescentar que eles também estão fazendo websites com informações sobre a cultura da ilha, as lendas e a própria língua nativa.

Refletindo, então, sobre este movimento que está acontecendo entre os chamorros, precisamos considerar a sua importância para a compreensão da literatura desse povo, como Perez (2021, p. 18, tradução minha) explica “é um meio através do qual a identidade CHamoru é expressa, representada, inovada e articulada”<sup>1</sup>. Além do mais, ela também é o meio pelo qual eles estão recontando sua história pelo ponto de vista do próprio povo e não do colonizador, permitindo ao leitor que não é chamorro, que este possa conhecer esse lugar

---

<sup>1</sup> No original: is one site through which CHamoru identity is expressed, represented, innovated, and articulated.

pouco conhecido e para aquele que é, que possa conhecer seu próprio povo, já que o apagamento cultural e histórico é extremamente comum nos processos de colonização e em Guam não foi diferente.

Portanto, essa primeira parte do trabalho irá traçar a história de Guam, desde a criação da ilha até os dias atuais, logo após irá discutir sobre a identidade chamorro e a sua cultura, o que os chamorros entendem e compreendem desses temas e como estes são apresentados nos textos da antologia, *Indigenous Literatures from Micronesia*, organizada por Evelyn Flores e Emelighter Kihleng, publicada em 2019, com o intuito de fazer exatamente isso: apresentar a Micronésia para o resto do mundo, mas também para aqueles que fazem parte da região. Já na segunda parte, irei analisar minhas traduções de seis textos chamorros que refletem três períodos históricos da ilha. Sendo assim, essa primeira parte tem como objetivo apresentar Guam e pequenos trechos de sua literatura para que na segunda parte essas informações possam complementar as traduções.

## **2.1 A história *CHamoru*: uma pequena nota de rodapé na história**

Enquanto estudava a história de Guam, algo que sempre me chamou a atenção foram os comentários sobre a história da ilha ser apenas uma pequena nota de rodapé no grande esquema da história mundial. Esse comentário sempre foi proferido pelos próprios chamorros, o único texto que li sobre a história da ilha que não foi escrito pelo próprio povo, não se referiu ao território dessa forma. Acredito que um dos motivos para os chamorros possuírem essa visão é o fato de que pouquíssimas pessoas sabem sobre o local. Eu, por exemplo, sequer conhecia Guam antes de ser apresentada ao conto que deu origem ao meu trabalho. Ao imaginar o quão pouco, ou neste caso como eu não conhecia absolutamente nada, pensei que seria apenas porque moro no Brasil, um lugar muito distante da ilha. Entretanto, Craig Santos Perez, um importante pesquisador sobre literatura chamorro e uma das principais fontes desse trabalho, traça, levemente, a história de Guam, ao estudar literatura chamorro na sua tese de doutorado. A tese intitulada *Navigating CHamoru Poetry* publicada em 2021 navega pelos temas da história, da cultura e da literatura de Guam, apresentando todos esses temas para todos os públicos.

Logo no prefácio, Perez (2021, p. x) relata sua migração para a Califórnia e como foi ser um menino chamorro nos Estados Unidos, que supostamente era seu país também. O autor relata que, durante sua adolescência, sua cultura era a estadunidense. Ele assistia jogos dos times estadunidenses, assistia suas séries, comia sua comida e lia seus autores, Perez descreve

o colonialismo dos EUA como “uma parte intimamente emaranhada de nossos cotidianos”<sup>2</sup> (tradução minha). Além disso, o autor narra sua primeira experiência na escola estadunidense, quando o professor questionou de onde ele vinha:

Quando eu disse “Guam”, ele respondeu que nunca tinha ouvido falar do lugar e me pediu para apontá-lo no grande mapa-múndi pendurado na parede da sala de aula. O mapa centralizava o Oceano Atlântico, de modo que o Pacífico foi dividido em dois e devastado até as margens. Tentei encontrar minha terra natal onde sabia que deveria estar, mas ela não estava lá. Guãhan é uma ilha tão pequena que muitas vezes não aparece nos mapas globais. Tentei esconder meu constrangimento dizendo: “Sou desta ilha invisível”. Durante o resto daquele ano letivo, ficou claro para mim que a maioria dos estadunidenses nunca ouviu falar da minha terra natal. Eles não sabiam que Guãhan é um “território” dos Estados Unidos desde 1898 e que os CHamorus são cidadãos dos EUA desde 1950. Eu me senti invisível. Apagado.<sup>3</sup> (Perez, 2021, p. x, tradução minha)

Desta forma, a partir do relato de Perez (2021), consegui visualizar o quanto minha opinião a respeito de desconhecer Guam por causa de sua localização foi precipitada. Conforme o autor relata, diversos estadunidenses não possuem conhecimento sobre a ilha, mesmo os chamorros sendo cidadãos dos Estados Unidos há mais de cinquenta anos. Além disso, no prefácio da antologia, Evelyn Flores (2019) explica como o propósito da publicação da obra era apresentar as histórias da Micronésia para os chamorros e para aqueles que são de fora da ilha. O mais curioso é que um dos textos da antologia apresenta exatamente essa ideia: Guam como uma nota de rodapé estadunidense. *My Island Is One Big American Footnote* (Minha Ilha É Uma Grande Nota de Rodapé Estadunidense), de Michael Lujan Bevacqua (2019), apresenta a opinião do autor sobre ser apenas uma vaga lembrança estadunidense. Bevacqua não é o único a mencionar Guam como uma nota de rodapé, o próprio Perez (2021, p. 9-10, tradução minha) possui uma fala semelhante na sua introdução: “Guãhan permaneceu em grande parte invisível (ou, no máximo, uma mera nota de rodapé) na maioria dos mapas-múndi e na maioria das histórias mundiais”<sup>4</sup>.

Ademais, Perez (2021, p. xii, tradução minha) comenta no seu prefácio que, ao apresentar sua pesquisa em uma escola de Guam, uma menina chorou durante a apresentação,

<sup>2</sup> No original: American colonialism was an intimately entangled part of our everyday lives.

<sup>3</sup> No original: When I said, “Guam,” he replied that he had never heard of it and asked me to point it out on the large map of the world that hung on the classroom wall. The map centered the Atlantic Ocean, so the Pacific was split in two and flayed to the margins. I tried to find my homeland where I knew it should be, but it was not there. Guãhan is such a small island that it often does not appear on global maps. I tried to hide my embarrassment by saying, “I am from this invisible island.” During the rest of that school year, it became clear to me that most Americans have never even heard of my homeland. They didn’t know that Guãhan has been a “territory” of the United States since 1898, and that CHamorus have been U.S. citizens since 1950. I felt invisible. Erased.

<sup>4</sup> No original: Guãhan has remained largely invisible (or, at most, a mere footnote) on most global maps and in most world histories.



quando perguntou a ela se havia algo errado, ela respondeu: “Nunca vi nossa cultura em um livro antes. Eu apenas pensei que não éramos dignos de literatura”<sup>5</sup>. Sendo assim, refletindo sobre todos esses relatos trazidos por Perez, irei, nesta parte do trabalho, desenvolver essa “pequena” nota de rodapé em diversas páginas, para podermos visualizar melhor a história desse lugar tão belo através do ponto de vista do seu próprio povo, já que apenas textos de autores chamorros serão usados como base para contar essa história e para que, espero profundamente, possamos ver o quão merecedores de mais do que uma nota de rodapé eles são.

### 2.1.1 Fo'na e Pontan

Falar sobre a história de Guam, é falar sobre Fo'na e Pontan. A história sobre a criação do mundo diverge conforme cada povo e, obviamente, entre os chamorros não seria diferente. O povo da ilha de Guam possui uma história sobre a criação do seu povo. Quando procurei entender pela primeira vez a história de Guam, li o artigo do historiador estadunidense Doug Herman, *A Brief, 500-Year History of Guam*, publicado pela revista *Smithsonian Magazine* em 2017, que apresenta, como já diz no título, uma breve história da ilha e, conseqüentemente, Fo'na e Pontan não aparecem nessa história resumida feita pelo historiador. Entretanto, estes deuses estão presentes nos textos escritos pelos chamorros e isso ocorre porque para eles isso faz parte da história da ilha. Para algumas pessoas essa história pode parecer apenas um mito, porém para o povo é como a sua ilha, o seu povo, as suas tradições, as suas histórias e a sua língua começou.

Kuper (2014, p. 15, tradução minha) explica que ao ignorar a história de Fo'na e Pontan, na verdade, se está apagando uma parte da história chamorro

A história dos chamorro não começa com a chegada dos colonizadores. Alguns livros de história em Guãhan começam a análise da história quando os espanhóis chegaram, mas não é o caso. Os chamorros estão em nossas ilhas desde que nossos criadores, o irmão e a irmã, Puntan e Fu'una, deram suas vidas para criar as ilhas e o povo Chamorro. Tínhamos uma sociedade próspera e complexa que existia muito antes da chegada dos colonizadores. (...) mas é importante salientar que qualquer projeto histórico abrangente que comece apenas com a chegada dos colonizadores carece de uma grande parte da história.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> No original: I've never seen our culture in a real book before. I just thought we weren't worthy of literature.

<sup>6</sup> No original: Before discussing this history of language colonialism in Guãhan, it is important to point out that Chamorro history does not begin with the arrival of the colonizers. Some of the history books in Guãhan begin their analysis of history when the Spanish arrived, however this is not the case. Chamorros have been in our islands since our creators, brother and sister, Puntan and Fu'una, gave their lives to create the islands and the

A partir da explicação de Kuper, decidi que ao discorrer sobre a história de Guam, não começaria pela colonização espanhola, mas pelos irmãos que criaram a ilha. Para os chamorros, a ilha começou a partir do momento que Fo'na e Pontan usaram seus próprios corpos para criar a ilha. Na parte II deste trabalho, irei analisar minha tradução do poema *Tinituhon/The Beginning* de Leonard Iriarte (2019) que relata este evento. Além do poema de Iriarte, que deriva de uma famosa música chamorro cantada por mulheres, a antologia também tem o poema *Fu'una e Puntan* de Evelyn Flores (2019), que retrata a mesma história porém com mais detalhes, já que o poema de Iriarte retrata mais a conversa entre os irmãos durante a criação e todas as etapas desse processo, enquanto o de Flores comenta brevemente a parte da criação e foca mais no que ocorreu após e em mostrar a força feminina nesta criação. Perez (2021) também traz a história para dentro de sua tese, para explicar algo muito importante para os chamorros: a terra.

O website *Visit Guam* explica o início da história sobre a criação de Guam. A história começa com os poderosos deuses Fo'na e Pontan quando nada mais existia, até que Pontan sentiu que seu corpo estava morrendo e pediu para sua irmã usar seu corpo para criar a ilha. O poema de Evelyn Flores (2019, p. 14, tradução minha) usa frases do chamorro com a tradução em inglês abaixo para mostrar o pedido do irmão: ““Bai matai” ilekña i che'lu-ña, / “I will die,” said her brother; / “Ya debi na un fa'tinas nu guao / and you must make of me / nuebo na tiempo. / a new era” (““Bai matai” ilekña i che'lu-ña, / “Eu irei morrer,” disse o seu irmão; / “Ya debi na un fa'tinas nu guao / e você deve fazer de mim / nuebo na tiempo. / uma nova era”). A partir do corpo do irmão, Fo'na criou, então, a terra e o solo, as suas costas para fazer o céu, o olho esquerdo para o sol e o direito para a lua, as suas sobrancelhas para fazer o arco-íris, por fim, criando Guam. No poema de Flores (2019, p. 17, tradução minha), Fo'na viveu por milhões de eras depois, mas sacrificou sua própria vida para que o sol pudesse brilhar, a terra florescer, a água pudesse fluir e se tornou Laso Fu'a (a pedra Fu'a). A morte dela fez com que fosse considerada o espírito de todos os chamorros, “he the land, she the spirit (ele a terra, ela o espírito)”, isto é, Pontan é a parte visível da vida dos chamorros, a terra, o sol, a lua e o arco-íris, Fo'na é o espírito deles, quem eles são como um povo, isso ocorre especialmente porque os chamorros acreditam que todos são descendentes de Fo'na e Pontan (Perez, 2021, p. 38).

---

Chamorro people. We had a thriving and complex society that existed long before the arrival of colonizers. (...) but it is important to point out that any comprehensive history project beginning only with the arrival of colonizers is missing a large portion of history.

Mantendo em mente essa conexão dos chamorros com os irmãos, Perez (2021, p. 39) explica que a história da criação dos chamorros representa também a importância da família e da igualdade de gênero para o povo. Para eles, esses dois deuses são o símbolo do seu povo, do início da história de todo chamorro, por essa razão a terra é tão importante para eles, porque eles acreditam que como Pontan a criou e eles são todos descendentes diretos do deus, então a terra faz parte de quem eles são como comunidade, mas apesar de ter sido criada através do corpo de um homem, as terras são herdadas sempre pelo lado da família da mulher. Além disso, a pedra Fu'a existe na ilha. Os chamorros visitam a pedra para honrar os irmãos, fazer pedidos e oferecer oferendas.

Pensando no enorme papel da terra na história da criação, podemos visualizar o relacionamento dos chamorros com a natureza também. Para poder entrar na floresta, os chamorros sempre pedem permissão aos seus ancestrais, para eles existe uma relação de interdependência. Portanto, conforme aponta Perez (2021, p. 39), a história da criação do mundo é, também, evidência da espiritualidade pré-cristã e da adoração aos ancestrais.

Sendo assim, mesmo que vários historiadores e os poucos livros que contam a história de Guam considerarem a história da criação apenas como uma lenda, a história de Fo'na e Pontan conta como o povo chamorro começou, mostra suas crenças, seus costumes e todos os aspectos que são importantes para eles, como a família e a natureza, por exemplo. Desta forma, mesmo que a colonização espanhola tenha sido um período que deixou diversas marcas no povo, começando pela própria língua, é muito importante que seja considerado tudo o que aconteceu antes da invasão dos espanhóis, ou seja, os irmãos criaram a ilha, criaram os chamorros e deram vida para esse lugar, e a partir desse momento, os chamorros viveram dando a devida importância para as mulheres, para a família e a natureza que os deuses criaram para eles, até que os espanhóis chegaram e Guam passou, então, pela primeira colonização, mas, infelizmente, não a última, conforme veremos a seguir.

### **2.1.2 O período espanhol**

Diversos anos depois que Fo'na e Pontan criaram Guam, os espanhóis invadiram a ilha, a primeira do pacífico que os europeus encontraram, no dia 6 de março de 1521, liderados por Fernão de Magalhães. O português chamou a ilha de “Islas de Los Ladrones” (Ilhas dos Ladrões), o que resultou em chamorros sendo associados a roubo por mais de cem

anos. A colonização não começou assim que a ilha foi invadida, não que isso tenha tornado o período até o início de fato menos devastador, já que diversas casas foram queimadas e centenas de chamorros foram assassinados. Nos primeiros anos, Guam foi um ponto de parada para os navegadores espanhóis, até os anos 1660, nos quais a Espanha oficialmente colonizou Guam.

A partir desse período, começou o que os chamorros chamam de “reducción”. Começando pelo próprio nome da ilha, que passou a ser “Mariana Islands” (Ilhas Marianas) em homenagem à rainha da Espanha naquele período, Maria Ana de Áustria. Esse processo de “reducción” tinha como objetivo principal forçar os chamorros a aceitar o cristianismo e os transformar no que seria entendido, naquela época, por um bom cidadão espanhol, os forçando a viver em comunidades centradas na igreja (Kuper, 2014, p. 16), isto é, sempre havia algum representante da igreja próximo a essas comunidades para garantir que o povo seguiria os mandamentos do cristianismo. Além disso, as 150 aldeias da ilha foram reduzidas a seis distritos, fazendo com que o povo se distanciasse das suas terras, que são muito importante para eles. Então, eles foram obrigados a saírem de suas aldeias e tiveram que deixar suas terras, e devo ressaltar que essa “mudança” não foi passiva, houve uma guerra que durou cerca de vinte anos entre os dois povos, que foi apenas um dos primeiros conflitos entre estes que resultou na morte de milhares de chamorros.

Além do mais, as doenças que chegaram com os espanhóis também contribuíram para que o número de nativos em Guam diminuísse drasticamente. Farell (2011 *apud* Kuper, 2014, p. 17) ainda aponta que o número de chamorros quando a ilha foi invadida era de cerca de 30 mil habitantes e trinta e dois anos depois o número caiu para 4 mil e 500. Dentro dos números das pessoas que foram assassinadas, a maioria eram homens, já que dessa forma eles não poderiam trabalhar nas plantações que mantinham a ilha alimentada. Ademais, várias mulheres recorreram ao infanticídio ou ao aborto porque não queriam que seus filhos crescessem dentro daquele ambiente extremamente hostil e opressor que era a ilha sob domínio espanhol.

Mantendo em mente esse período extremamente trágico, devemos retomar a época em que mencionei que os chamorros foram obrigados a deixarem suas terras. A terra é um meio de conexão com os seus antepassados, e não apenas com Pontan, e além disso era de extrema importância para os rituais fúnebres do povo naquela época. Os chamorros mantêm contato com os seus antepassados porque, para eles, a morte acontece apenas de forma física, de forma espiritual essas pessoas ainda estão vivas. Por essa razão, eles possuíam o costume de

guardar os crânios daqueles que morreram nos lugares mais valiosos de sua casa, já que eles acreditavam que havia uma energia espiritual que deveria ser preservada como uma forma de respeito, explicou Kuper (2014, p. 17). Entretanto, os espanhóis acreditavam que os crânios eram uma forma de adoração a algum ídolo e, conseqüentemente, fizeram diversas campanhas para destruir todos que haviam nas casas de chamorros. Esse é apenas mais um exemplo dos efeitos tanto na identidade quanto na cultura chamorro, já que eles os tiraram de suas terras onde eles se sentiam mais conectados com os seus antepassados e também destruíram outra forma de conexão.

Toda colonização ataca a cultura e a identidade de um povo, porém também é uma forma de se apropriar para melhor subjugar-lo. Em Guam, a língua foi utilizada como uma ferramenta para o catolicismo, já que os espanhóis optaram por aprender a língua ao invés de erradicá-la, como uma forma de se aproximar mais dos chamorros. Essa ação resultou no primeiro material sobre língua chamorro escrito por um padre espanhol, o *Chamorro Grammar Book*, de Callistus e alguns anos mais tarde o *Diccionario Chamorro Castellano*, pelo padre Roman Maria de Vera em 1931. O padre Callistus precisou aprender a língua para poder catequizar o povo e, conseqüentemente, publicou o primeiro material. Entretanto, apesar do chamorro ter se tornado a língua da igreja, não era a língua do comércio exterior e nem das atividades governamentais. Kuper (2014, p. 19) ainda explica que era proibido ensinar a língua espanhola nas escolas por diversos anos até o Rei da Espanha em 1817 declarar que esta deveria ser ensinada. Em razão desses contatos que ocorreram por causa da colonização e do colonizador aprendendo a língua do colonizado e vice-versa, isso fez com que a língua fosse afetada também pelo período espanhol em Guam, no entanto, isto será discutido no item 2.2.1.

Apesar da língua ter sido afetada, é muito importante ressaltar que a língua muda conforme as circunstância e o uso, Kuper (2014, p. 20, tradução minha) explica como isso aconteceu em Guam

As línguas evoluem à medida que mudam as circunstâncias das pessoas que falam essa língua, no entanto, a agência de quem produz essa mudança torna-se a fonte de discórdia. No âmbito da memória chamorro, mesmo que os espanhóis não tenham apagado as palavras, deram-lhes novos significados e novos discursos. Por exemplo, taotaomo'na ou “as pessoas na frente, os espíritos dos nossos antepassados”, são contemporaneamente demonizados na cultura chamorro. Muitos chamorros crescem com medo total dos taotaomo'na e pensam neles como espíritos malignos que querem causar problemas ou doenças. Eu ouvi chamorros dizerem que “deus” os protegerá do taotaomo'na.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> No original: Languages evolve as the circumstances of the people who speak that language change, however the agency of who produces that change becomes the source of contention. Within the realm of Chamorro memory, even if the spanish did not erase words, they gave them new meanings and new discourses. For

Desta forma, no trecho acima temos um exemplo de como a própria língua foi utilizada contra o seu povo, já que palavras do chamorro que tinham um sentido positivo receberam uma conotação totalmente negativa. Entretanto, é importante ressaltar que os chamorros resistiram ao colonialismo na sua língua. No final da colonização espanhola, mais da metade dos adultos falavam chamorro e em torno de metade da população falava espanhol, isso aconteceu, destaca Kuper (2014, p. 21), por causa das mulheres chamorros. Como a maioria dos homens havia falecido em função dos conflitos com os espanhóis, diversas mulheres chamorros precisaram casar com espanhóis, mas mesmo assim continuaram ensinando sua língua e sua cultura para seus filhos. No entanto, enquanto a colonização espanhola utilizou a língua como uma forma de se aproximar do povo chamorro para poder subjugar-lo, a colonização estadunidense fez exatamente o contrário, como veremos a seguir.

### **2.1.3 O período militar dos EUA**

Guam se tornou uma colônia estadunidense na guerra hispano-americana em 1898. O conflito entre a Espanha e os Estados Unidos foi impulsionado por várias razões, incluindo a busca pela independência de Cuba e os interesses expansionistas dos EUA. Além disso, o USS Maine no porto de Havana foi um evento crucial que intensificou as tensões entre os dois países. Sendo assim, a guerra se desenrolou em duas frentes principais: nas Filipinas, uma colônia espanhola no Pacífico, e em Cuba, onde o povo lutava contra o domínio espanhol. O Tratado de Paris de 1898 encerrou o conflito, com Cuba se tornando independente e a Espanha concordando em ceder Porto Rico, Guam e as Filipinas aos Estados Unidos.

Desta forma, em 1898 Guam passou a ser domínio estadunidense, entretanto, vale a pena ressaltar que esse domínio era do exército dos Estados Unidos. Acredito que um dos principais aspectos que preciso comentar sobre essa colonização é a grande diferença com a espanhola. Enquanto a Espanha utilizou a língua como uma de suas ferramentas durante o processo de colonização, os estadunidenses fizeram exatamente o contrário, eles a erradicaram. Essa foi uma das primeiras atitudes que os estadunidenses tomaram. Kuper (2014, p. 21) descreve essa ação como “linguicídio chamorro”. A autora explica que faz uso desse termo para situações em que a língua passa por um processo de destruição ou

---

example, taotaomo'na or “the people in the front, the spirits of our ancestors,” are contemporarily demonized in Chamorro culture. Many Chamorros grow up being completely afraid of the taotaomo'na and think of them as evil spirits who are out to cause trouble or cause you ailment. I have heard Chamorros actually say that “god” will protect them from the taotaomo'na.

erradicação completa, o que foi exatamente o que aconteceu com o chamorro durante esse primeiro período estadunidense, já que falar a língua nativa se tornou proibido na ilha.

Michael Lujan Bevacqua em seu artigo “American-Style Colonialism” (Colonialismo ao Estilo Estadunidense) explica a razão para os Estados Unidos terem ficado em posse da ilha no Tratado de Paris: a localização. Guam é uma ilha que fica no Pacífico, bastante próxima da Ásia, o que possibilitava aos EUA, já naquela época, estar próximo do local por questões geopolíticas. Durante esse período, os militares transformaram os chamorros em uma extensão do seu povo, especialmente porque acreditavam que o povo precisava da sua ajuda, “A Marinha dos EUA retratou o povo chamorro como uma população nativa que precisava de orientação estadunidense”<sup>8</sup> (Garrido, 2022, p. 16, tradução minha) e por consequência “tentou refazer os CHamorus de acordo com uma concepção colonial de estadunidenses produtivos, disciplinados, educados e limpos”<sup>9</sup> (Perez, 2021, p. 12, tradução minha), ou seja, eles fizeram com que um povo, que recentemente havia passado por todo um processo de colonização, precisasse passar novamente para se tornar algo totalmente oposto de quem eles eram e do que eles acreditavam.

Todos precisavam cumprir as estipulações estadunidenses que eram falar inglês em todos os lugares públicos da ilha, os objetos religiosos deveriam estar apenas dentro de suas casas e as crianças não podiam estar ausentes nas aulas sem uma justificativa ou um motivo que fosse aceitável para os militares. Aqueles que descumprissem estas determinações sofriam alguma forma de punição corporal, embora os chamorros tenham resistido à opressão militar e continuaram falando chamorro em lugares públicos até 1939. Sendo assim, eles buscaram formas de manter sua cultura e identidade apesar de todas as atrocidades que eram feitas caso não seguissem essas estipulações que comentei acima, por exemplo, crianças eram agredidas pela direção da escola por falarem a língua nativa durante a aula. Portanto, devemos sempre considerar o quão resistentes os chamorros foram durante todas essas colonizações e o quanto continuam resistindo atualmente.

Quando fiz uma breve explicação sobre a história de Guam no meu trabalho de conclusão da graduação, não considerei o quanto a língua poderia ser usada como uma forma de opressão. No entanto, ao ler textos de autores chamorros relatando e, de certa forma também, recontando a história da ilha consegui visualizar que durante o período de domínio

---

<sup>8</sup> No original: The US Navy portrayed the Chamorro people as a native population in need of American guidance.

<sup>9</sup> No original: attempted to remake Chamorus according to a colonial conception of productive, disciplined, educated, and sanitary Americans.

espanhol, o que mais foi afetado foi o povo por si só, no caso, a quantidade de chamorros diminuiu drasticamente e, também, a sua religião, sua conexão com seus antepassados e sua terra, enquanto o período estadunidense atacou a língua, o único aspecto que foi pouco afetado durante os trezentos anos de colonização espanhola. Portanto, o povo chamorro, sua cultura, sua língua e sua identidade foram subjugados por uma potência colonial após a outra, já que, infelizmente, essa não foi a última colonização de Guam. O período considerado o mais horrendo, sofrível e traumatizante da ilha aconteceu quando a ilha foi atacada pelo Japão, como veremos no próximo item.

#### **2.1.4 O período japonês**

O Japão atacou Guam no dia 7 de Dezembro de 1941, apenas quatro horas depois que Pearl Harbor. Quando li os textos da antologia, notei que poucos textos falavam sobre a colonização japonesa, mas aqueles que falavam sobre ela ressaltavam sempre o mesmo aspecto: o quão horrível foi esse período. Os militares estadunidenses apagaram a cultura e a identidade dos chamorros e, assim que chegaram, os japoneses tomaram a mesma atitude, entretanto, eles não erradicaram a cultura chamorro de fato, mas sim a estadunidense. Perez (2021, p. 12, tradução minha) explica os primeiros passos dos japoneses:

As autoridades japonesas iniciaram vários projetos militarizantes e civilizadores para “erradicar quarenta anos de símbolos e valores estadunidenses, em última análise, da lealdade [estadunidense] entre os Chamorros”. Os japoneses viam os CHamorus como “muito pequenos para serem chamados de raça [e] muito (culturalmente) devastados para serem chamados de tribo. Assim, os CHamorus eram vistos como culturalmente atrofiados, preguiçosos e necessitados de um “corpo materno” capaz de “promover seu crescimento”.<sup>10</sup>

Sendo assim, Guam saiu de um regime militar para outro e, conseqüentemente, teve outra potência tentando apagar tudo que era conhecido para eles. Apesar de algumas ações serem parecidas com o processo de colonização estadunidense, os chamorros descrevem esse curto período de três anos como um dos mais sofridos da história da ilha. Kuper (2014, p. 33, tradução minha) comenta que “As memórias chamorro desse período estão repletas de

---

<sup>10</sup> No original: Japanese authorities initiated several militarizing and civilizing projects to “eradicate forty years of American symbols, values, and, ultimately, [American] loyalty among the Chamorros.” The Japanese viewed Chamorus as “too small in size to be called a race [and] too (culturally) devastated to be called one tribe. Thus, Chamorus were seen as culturally stunted, lazy, and in need of a “mother body” capable of “promoting their growth.”



derramamento de sangue, trabalho sem fim e brutalidade”<sup>11</sup> e ainda complementa contando que sua avó dizia que os japoneses eram pessoas cruéis que os tratavam como escravos. Perez (2021, p. 64) ainda explica que, durante esses dois períodos militares, a violência contra mulher aumentou drasticamente na ilha, com autores chamorros escrevendo poemas para representar essas mulheres que foram tão brutalmente agredidas, especialmente porque eles acreditam que ao escrever um poema, estão dando voz a uma história silenciada. O autor acrescenta (2021, p. 88) que as mulheres chamorros foram forçadas a serem escravas sexuais, conhecidas na época como “comfort women” (mulheres conforto), enquanto os homens foram obrigados a participarem do exército japonês em Guam ou a trabalharem nas lavouras que alimentavam os japoneses.

Além disso, o autor também explica que os militares tentaram transformar Guam em uma espécie de extensão japonesa. Eles não proibiram o povo de falar chamorro, mas os proibiram de falar inglês. Desta forma, eles continuaram falando a língua nativa como uma forma de resistência contra os invasores. A educação era na língua do colonizador, os valores morais, a música, a escola e as histórias todas eram em torno da cultura japonesa. Um ensaio que faz parte da antologia que me permitiu entender esse período foi *A Journey of CHamoru Self-Discovery* de Nikkie de Jesus Cushing, no qual a autora conta sobre como seu avô se sentia em relação a esse período:

Até sua morte, meu avô nunca pôde falar sobre a Segunda Guerra Mundial, em que os estadunidenses “salvaram” os chamorros dos japoneses que invadiram e ocuparam Guam por dois anos e meio. (...) Quando perguntei ao meu avô sobre o que ele havia passado, seus olhos lacrimejaram e ele disse que ainda tinha dificuldade em falar sobre isso. Tudo o que ele podia dizer era “eu penso na minha mãe e dói falar sobre isso”. (Cushing, 2019, p. 267, tradução minha)<sup>12</sup>

Esse trecho, além de relatar o quão traumatizante foi esse período, também nos apresenta a violência que as mulheres sofreram naquela época. Entretanto, Perez (2021, p. 64) ressalta que essa violência não acabou quando os Estados Unidos tomaram posse de Guam novamente, já que, conforme o autor explica, essa violência caminha de mãos dadas com o militarismo na ilha, assim como o turismo.

Quando estava estudando a história de Guam pela primeira vez, tive a impressão de que o período em que a ilha esteve sob domínio japonesa havia sido facilmente esquecido

<sup>11</sup> No original: Chamorro memories of this time period are filled with bloodshed, endless labor, and brutality.

<sup>12</sup> No original: Up until his death, my grandfather had never been able to talk about World War II, in which the Americans “saved” the CHamoru from the Japanese who had invaded and occupied Guam for two and a half years. (...) When I asked my grandpa about what he had gone through, his eyes watered and he said he still had a hard time talking about it. All he could say was “I think about my mother and it hurts to talk about it”.

pelo povo. Na verdade, o que ocorreu foi exatamente o contrário. Os japoneses que viviam na ilha, após a colonização japonesa eram odiados pelos chamorros. Esse ódio ocorreu em razão de vários chamorros terem sido torturados, assassinados e estuprados pelos militares e, como consequência de todas essas atrocidades de guerra, o povo passou a ter certa mágoa em relação a tudo que possuísse alguma conexão com o Japão. Sendo assim, famílias que eram chamorro-japonesas ou completamente japonesas em Guam foram presas e abusadas e, quem possuía sobrenome de origem japonesa, trocou para sobrenomes de origem chamorro, atualmente, os chamorros possuem um comportamento hostil até mesmo com turistas japoneses. Portanto, o que compreendi nas minhas primeiras pesquisas como um evento que não havia deixado muitas marcas ou que, de certa maneira, não havia permanecido tanto assim nas memórias dos chamorros, na verdade, deixou marcas e permaneceu.

Pensando em todo esse cenário horrendo que foram os quase três anos de posse japonesa em Guam, se torna mais fácil compreender porque, nos primeiros anos, não houveram problemas para se tornar uma colônia estadunidense novamente, já que próximo ao fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos invadiram a ilha e tomaram posse outra vez. Isso fez com que os chamorros criassem um certo sentimento de liberdade para com um de seus colonizadores. Entretanto, esse sentimento não durou muito tempo, como veremos abaixo.

### **2.1.5 O período estadunidense novamente**

Os estadunidenses invadiram a ilha no dia 21 de julho de 1944 e lutaram com os japoneses para conquistar a ilha mais uma vez, o que deu início a “The U.S. Era” novamente em Guam. Um aspecto curioso sobre essa separação temporal feita pelos chamorros é os títulos. Para a primeira colonização estadunidense em Guam, eles dão uma ênfase maior ao militarismo, enquanto na segunda não. Porém devo ressaltar que essa falta de foco no militarismo no título da segunda colonização estadunidense não significa que os militares não estão bastante presentes nestas últimas décadas.

Como o período japonês foi muito traumatizante para os chamorros, quando os estadunidenses retornaram, o povo sentiu certa liberdade, o que criou um senso de lealdade e patriotismo para com os Estados Unidos (Garrido, 2022, p. 18). Esse senso de patriotismo, e todo o processo de colonização, fez com que pelos primeiros anos os chamorros acreditassem que precisavam dos estadunidenses para se manter (Perez, 2021, p. 13), o que resultou nos

chamorros utilizando o inglês de forma voluntária. Entretanto, é importante destacar que todo esse senso de patriotismo e liberdade não durou muito tempo, esses sentimentos aconteceram apenas nos primeiros anos após o ataque japonês, assim que as lembranças e o trauma se distanciaram, de certa forma, os chamorros passaram a se ressentir com os Estados Unidos.

Nesta segunda colonização estadunidense, os Estados Unidos tentaram transformar, novamente, a ilha em uma extensão do país. O sistema educacional era o mesmo dos EUA, a economia passou a ser completamente capitalista, assim como a cultura estadunidense foi fortemente inserida: a televisão e os programas eram estadunidenses assim como a literatura. Além disso, as inscrições no exército aumentaram drasticamente pelo lado dos chamorros. Sendo assim, os traços que os chamorros tinham da agricultura, da cultura e da identidade chamorro nesses primeiros anos foram desaparecendo.

No entanto, apesar de toda essa assimilação que o povo fez eles ainda não eram considerados estadunidenses. Perez (2021, p. x) explica que por volta de 1950 os chamorros se tornaram oficialmente cidadãos estadunidenses reconhecidos por lei, mas como o autor ressalta, os estadunidenses sequer conhecem Guam ou os reconhecem como tal. Esse vazio no qual os chamorros se encontravam fez com que eles comessem a questionar seu lugar dentro desse enorme esquema geopolítico.

Apesar de terem se “tornado” estadunidenses, os chamorros se sentiam como se não pertencessem a nenhum lugar, já que mesmo sendo reconhecidos por lei como cidadãos dos Estados Unidos, eles não eram reconhecidos de tal forma de nenhuma outra maneira. No entanto, ao mesmo tempo, eles também não se consideravam chamorros já que estavam tão “estadunidensizados”, a sua cultura e identidades não eram mais “puras” em razão de todas as colonizações e atrocidades que haviam passado em função desta, o que gerou no povo uma “crise de identidade” (Perez, 2021, p. 14). A partir de todas essas questões, emergiu um movimento contemporâneo de descolonização chamorro, que havia sido inspirado no movimento internacional de descolonização e dos direitos dos indígenas tanto no Pacífico quanto ao redor do mundo. Além disso, Perez (2021, p. 14, tradução minha) ainda acrescenta que

O fato de outras ilhas da Micronésia (conhecidas como Território Fiduciário das Ilhas do Pacífico na década de 1960) estarem negociando o seu estatuto político com os Estados Unidos também inspirou os Chamorus a se imaginarem no contexto da descolonização. Armados com a língua, a política e a história dos direitos indígenas, vários grupos de direitos Chamorus surgiram nas décadas de 1980 e 1990 que empregaram a identidade indígena como sua principal estratégia política para

defender a revitalização da língua CHamoru, a recuperação de terras, a descolonização, a autodeterminação e a soberania.<sup>13</sup>

Se pensarmos nesse cenário que Perez explicou, devo acrescentar que a maioria das ilhas da Micronésia se tornaram independentes nesse período, mas Guam e as Ilhas Marianas do Norte não, por causa da localização dessas ilhas em relação à Ásia. O fato de não se tornarem independentes não fez com que os chamorros desistissem assim tão facilmente, muito pelo contrário, isso fez com que todo um movimento realmente começasse em Guam e não apenas de uma forma política, mas cultural também. A gratidão e o patriotismo que Guam sentiu para com os Estados Unidos logo após a segunda invasão estadunidense foi se esvaindo conforme os chamorros assistiam a situação ao seu redor. O fato de não possuírem permissão para votar, possuírem um representante no congresso, mas que apenas poderia expressar sua opinião e não possuía sequer uma chance de voto, ou, também, o fato de serem vistos como inferiores, não poderem aprender chamorro na escola, assim como sua história e sua cultura, fez com que o sentimento que uma vez existiu não existisse mais.

O que aconteceu em razão de todos esses eventos, na verdade, foi um sentimento de mágoa. Os chamorros estão trazendo de volta sua cultura e sua identidade que uma vez foi pensada como se não existisse mais, mas que, na verdade, sempre esteve viva com todos eles. Kasperbauer (1996 *apud* Perez, 2021, p. 16, tradução minha) chama esse movimento de “Chamorro-cization” (Chamorro-rização)

Muitas vezes ouvimos falar da “hispanização” ou “americanização” da cultura chamorro, mas raramente ouvimos falar da “Chamorro-rização” das culturas visitantes. É verdade que a cultura chamorro foi exposta às influências da cultura espanhola, estadunidense e japonesa por muitos, muitos anos, mas não é verdade que a cultura chamorro seja apenas uma imitação dessas. Muitos costumes e tradições antigas do chamorro ainda sobrevivem. Às vezes eles são disfarçados de práticas cristãs e às vezes eles receberam uma forma, mas eles ainda são chamorro em substância.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> No original: The fact that other islands in Micronesia (known as the Trust Territory of the Pacific Islands in the 1960s) were negotiating their political status with the United States also inspired Chamorus to envision themselves in the context of decolonization. Armed with the language, politics, and history of Indigenous rights, several CHamoru rights groups emerged in the 1980s and 1990s that employed Indigenous identity as their major political strategy to advocate for CHamoru language revitalization, land reclamation, decolonization, self-determination and sovereignty.

<sup>14</sup> No original: We often hear about the “Hispanicization” or “Americanization” of Chamorro culture, but we seldom hear about the “Chamorro-cization” of visiting cultures. It is true that the Chamorro culture has been exposed to the influences of the Spanish, American and Japanese cultures for many, many years, but it is not true that the Chamorro culture is just an imitation of these cultures. Many ancient Chamorro customs and traditions still survive. Sometimes they are disguised as Christian practices, and sometimes they have been given a form, but they are still Chamorro in substance.

Sendo assim, os chamorros não estão “criando” uma cultura e uma identidade, eles estão trazendo para a superfície e para os olhos de outras pessoas o que sempre esteve entre eles. O primeiro passo para fazer isso é lembrar e aprender sobre a “memória coletiva” da ilha, como Perez (2021, p. 55) chama, já que através dela que Guam irá se reerguer, especialmente se considerarmos a necessidade da ligação dos chamorros com aqueles antes deles, assim como com a sua história e a sua própria língua. Estas não são apenas características da sua identidade e da sua cultura, como veremos mais adiante, mas também fazem parte de todo um lindo movimento que o povo dessa ilha está fazendo para recuperar o que foi tirado deles há centenas de anos atrás: sua liberdade.

## 2.2 A cultura e a identidade chamorro: um ato de descolonização

Pensando em todo o contexto histórico que tracei acima sobre a ilha e as diversas colonizações pelas quais Guam passou, preciso, também, comentar sobre a construção e a própria identidade chamorro por si só, além da sua cultura que teve diversas mudanças e adaptações em todos esses séculos por causa dessas ditas colonizações. Por causa de todos esses processos e todos os seus efeitos tanto na identidade quanto na cultura chamorro, a maioria dos textos literários buscam, de alguma forma, trabalhar com essas questões.

Além disso, nesse processo de construção, de reconstrução e de definição de uma identidade própria, as obras apresentam pensamentos e ideias diferentes sobre o que é ser chamorro. Nos textos da antologia consegui visualizar a divergência sobre o que eles consideram ser chamorro, especialmente porque cada autor apresenta uma definição diferente com exemplos baseados em suas próprias experiências. E, nesse caso, precisamos lembrar que as linhagens podem ser diferentes também, já que alguns são descendentes diretos dos nativos, enquanto outros são descendentes de pai ou mãe chamorro com japonês ou japonesa, por exemplo, e esses detalhes alteram bastante a experiência na ilha. Sendo assim, mantendo em mente todo esse processo de construção de uma identidade que está ocorrendo entre as pessoas que moram e que não moram na ilha, mas nasceram lá, surgem, a partir disso, as discussões sobre a cultura também.

Quando pensamos em Guam, é inevitável não pensar nas colonizações e o quanto elas afetaram a ilha das formas mais variadas, e a cultura não escapou. A cultura chamorro é, diferentemente da identidade, um resultado de todos os contatos que ocorreram no decorrer de todos esses séculos. Percebi durante a leitura das obras da antologia e de outros textos de autores chamorros que não há tantas controvérsias sobre a cultura. A cultura chamorro para o povo é mais facilmente definida. Um dos possíveis motivos para isso seja o chamado “CHamoru Cultural Value System” (Sistema de valores culturais chamorro) que define as crenças e as práticas culturais do povo. As diferentes discussões sobre esses assuntos tão complexos quanto identidade e cultura em Guam, me fizeram não querer definir, mas discutir sobre como esses conceitos aparecem nas obras chamorros e de quais maneiras os autores buscaram trabalhar com esses temas, já que devemos considerar que cada autor aborda determinado assunto de sua própria maneira. Pensando em todo esse movimento de afirmação e descoberta que está ocorrendo na ilha, também me fez visualizar os chamorros, inclusive, como uma comunidade imaginada, seguindo os estudos de Benedict Anderson (2008), como irei explicar a seguir.

Portanto, nessa parte irei analisar como os conceitos de identidade e de cultura são apresentados nas obras da antologia e como, conseqüentemente, Guam pode ser entendida como uma comunidade imaginada. Nas obras que fazem parte da antologia, cada autor buscou trabalhar com esses temas de formas diferentes, alguns usaram a língua nativa como forma de expressar a cultura, enquanto outros optaram por utilizar uma ação tão simples mas tão importante para eles: a alimentação. Essas abordagens diferentes apenas enriqueceram a minha leitura das obras e permitiram que eu pudesse compreender melhor esse movimento que está ocorrendo dentro da ilha. Movimento esse que não é apenas literário mas também social.

### **2.2.1 O povo CHamoru e a sua língua**

Durante a minha primeira leitura de uma obra chamorro, o único aspecto que me chamou atenção e considerei como uma marcação cultural foi a língua nativa. Antes de me aprofundar no enorme papel que a língua possui dentro da identidade deles, preciso explicar, primeiramente, sobre o que significa a palavra “Chamorro” para essa comunidade. A nacionalidade daqueles que nascem em Guam é denominada chamorro, entretanto, os chamorros possuem uma nomenclatura diferente para se referir àqueles que estavam na ilha antes da primeira colonização. Estes são chamados de “Matao”.

Essa diferença nas nomenclaturas das nacionalidades se dá em razão das conseqüências da colonização espanhola. Nos primeiros anos sob domínio espanhol, houve muitas guerras entre o povo e os militares e, como resultado, apenas 10% do povo sobreviveu. A partir desses acontecimentos, os espanhóis passaram a trazer povos de outras ilhas da Micronésia para Guam, também houve alguns relacionamentos entre espanhóis e “mataos”, o que criou o chamado, naquele período, de “mestizo”, que tempos depois se tornou o “chamorro”. Perez (2021, p. 12, tradução minha) ainda explica que muitos dos chamorros que “sobreviveram à conquista, conversão e doenças espanholas casaram-se com colonos espanhóis, criando uma população mestiça que se tornaria um “ponto focal das divisões coloniais da sociedade”<sup>15</sup>. Portanto, a nomenclatura do povo chamorro passou por todos esses estágios que são muito bem desenhados nas obras da antologia, um exemplo é o relato

---

<sup>15</sup> No original: who survived Spanish conquest, conversion, and disease intermarried with Spanish settlers, creating a mestizo population that would become a “focal point of colonial divisions of society” as well as a central cultural identity in Guåhan during that time.

da lenda *I dos Amantes* (2019), de Baltazar Aguon, que reconta uma famosa lenda de Guam, *Puntan Dos Amantes*, em chamorro e *Two Lovers Point*, em inglês.

Na obra de Aguon, Isa, filha de um capitão espanhol (Antonio) com uma mulher chamorro (Sirena), descobre que sua mãe foi prometida a um espanhol. Em um dos trechos, Antonio explica o motivo pelo qual a união da filha com um espanhol seria tão boa: “Esta união trará prestígio à nossa família. Pense nisso. Isa vai morar na Espanha, aprender os costumes do nosso povo e estar entre as melhores famílias!” (Aguon, p. 125, 2019, tradução minha)<sup>16</sup>. A partir do que a obra de Aguon nos apresenta, podemos ver como funcionava esse “jogo” durante o período espanhol. Uma das consequências, como em todo o processo de colonização, é o fato de que quanto mais você se aproxima do colonizador, seja dessa maneira por casamento, você ganha mais prestígio, o que é exatamente o que o pai de Sirena quer para a filha.

Mantendo isso em mente, podemos falar sobre como o “mestizu” ou “mestisu”, como aparecem nas obras da antologia, vira o “chamorro” que conhecemos hoje. Existem duas teorias sobre a origem do nome. A primeira é sobre o nome “chamorro” ser oriundo da palavra da língua nativa, “Chamori”, que era usado para se referir aos chefes de alto escalão nas tribos; já a segunda é sobre o nome ser oriundo da palavra “chamorro” no espanhol, que pode ser traduzido para “aquele que tem a cabeça tosquiada” (Perez, 2021, p. 10). Enquanto Perez (2021) apresenta ao leitor essas duas possíveis teorias, a Comissão de Língua CHamoru e Ensino da História e Cultura do Povo Indígena de Guam no seu website explica que o nome “chamorro” foi dado pelos espanhóis, possuindo três possíveis significados “careca, tosado e pernil de boi” (tradução minha). Porém, o povo decidiu usar o nome dado como “um ato de construção da nação” (tradução minha) e usar chamorro tanto para o nome do povo quanto para a língua falada naquele local.

Pensando em como a história da ilha está tão presente em algo que pode ser considerado comum como o nome da sua nacionalidade, preciso comentar sobre o papel muito importante que esta possui em outra área de mesma importância: a língua. A língua chamorro é um elemento extremamente presente e importante na cultura. O uso das palavras em chamorro na minha primeira leitura foi o único elemento que compreendi como uma marcação cultural, entretanto, existem outras marcações. A língua chamorro aparece em diversos textos da antologia e cada autor escolheu uma forma de trabalhar com ela. Alguns optaram por utilizar as palavras em itálico como conto de Victoria-Lola M. Leon Guerrero, *Ti*

<sup>16</sup> No original: This union will bring prestige to our family. Think of it. Isa will live in Spain, learn the ways of our people and be among the best of families!



*Mamaigo Si Yu'us— God Never Sleeps*, que possui palavras como “bunita”, “pescadot”, “kaduko” e “hãgu” sem notas, acredito que para causar um estranhamento ao leitor, ou apenas para criar a famosa “pulguinha atrás da orelha” para que o leitor pesquisasse mais sobre essa literatura e essas palavras que não conhecemos. Outros autores escolheram utilizar as palavras da língua nativa e adicionar notas de rodapé explicativas ou com a tradução, como o poema *Fu'una and Pontan* de Evelyn Flores, que utiliza frases em chamorro como ““Bai matai” ilekña i che'lu-ña” que a autora utilizou a nota para explicar que “che'lu-ña” é do antigo chamorro para dizer “irmã”, já que atualmente é apenas usado “che'lu”, que é gênero neutro, e seria o equivalente de “sibling” (irmãos em gênero neutro em inglês).

Quando traduzi o conto de Manibusan para meu trabalho de conclusão da graduação, interpretei, na minha primeira leitura, que o conto possuía três línguas: o chamorro, o inglês e o espanhol, entretanto, as palavras que interpretei como do espanhol, na verdade, eram do chamorro e isso acontece por causa das colonizações pelas quais a ilha passou. Durante o período espanhol, o povo precisou aprender a língua do colonizador, como acontece em todos os processos de colonização; quando começou a era Naval dos EUA, eles precisaram aprender novamente outra língua. A partir desse período, ocorreu a absorção de vocábulos do espanhol para o chamorro, resultando em 50% da língua com palavras oriundas do espanhol.

Como esse movimento de identidade, de literatura e de cultura é tão recente em Guam, existem pouquíssimos trabalhos sobre isso. A primeira, e atualmente única, gramática do chamorro, *Chamorro Grammar*, foi escrita pela professora da Universidade da Califórnia, Sandra Chung. A professora explica que o chamorro é considerado uma língua austronésia, entretanto, a relação do chamorro com as outras línguas desta família é desconhecida (Chung, 2020, p. 3), especialmente por causa dos empréstimos do espanhol. “A língua teve muitos empréstimos do espanhol durante o período colonial. Os empréstimos incluem numerais, termos de parentesco e palavras para certos aspectos do ambiente natural” (2020, p. 3, tradução minha) explica a professora na gramática. Sendo assim, podemos encontrar palavras que para os brasileiros podem parecer ser do espanhol porque é uma língua neolatina assim como o português. Essa questão da língua pode afetar o processo de tradução, exatamente por essa mesma questão. Nas obras aparecem palavras como “familia”, “biscocho” e “eskuela”, que afetam a tradução para o português por esses motivos que mencionei acima e que veremos melhor na Parte II deste trabalho.

Apesar de o livro de Chung (2020) ser atualmente a única gramática, existem duas dissertações de mestrado de autores chamorros sobre a própria língua. Apesar de serem

escritas com oito anos de diferença, as dissertações de Kenneth Gofigan Kuper (2014) e Heather Ann Franquez Garrido (2022) defendem o mesmo tema: a língua chamorro. Kuper (2014) apresenta em seu trabalho a língua nativa como uma forma de resistência e de expressão cultural, enquanto Garrido (2022) discorre sobre a crença da língua chamorro estar morta e o importante papel da Internet para a disseminação da língua.

Antes de apresentar a língua chamorro como cultura, preciso apresentar a história em volta disso. Por muitos anos, o chamorro não era ensinado nas escolas, foi apenas após muitos anos da colonização espanhola que houve a permissão para aprender a língua, e quando o período estadunidense começou apenas o inglês era ensinado e havia certa pressão para não falar o chamorro na ilha, apenas os mais velhos usavam a língua como uma forma de comunicação para assuntos que eles não queriam que as crianças soubessem. Por causa do curto, porém extremamente trágico, período japonês em Guam e todas as atrocidades que aconteceram nessa época, os chamorros se aproximaram do inglês. Garrido (2022, p. 21, tradução minha) explica que

Apesar do abandono estadunidense durante estes tempos brutais, os chamorros acreditavam que os estadunidenses voltariam para salvá-los, o que fizeram em 21 de julho de 1944. Esta data marcou o que os chamorros interpretam como libertação, criando um sentimento de lealdade e patriotismo para com os EUA. No entanto, o retorno estadunidense marcou o início da destruição da língua Chamorro.<sup>17</sup>

Os chamorros interpretam essa volta estadunidense como o início da destruição da língua por causa deste sentimento de gratidão que surgiu dos chamorros para com os Estados Unidos, que fez com que o uso do chamorro diminuísse cada vez mais, até os movimentos de revitalização da língua começarem. Sendo assim, houve um curto período em que os chamorros usaram muito mais o inglês, porque era uma forma de apoiar os estadunidenses e de deixar os acontecimentos do período japonês mais distantes. Kuper (2014, p. 109) relata que, quando os japoneses chegaram na ilha, os chamorros costumavam usar palavras da língua nativa para xingá-los e quando os japoneses perguntavam o que estavam dizendo, eles respondiam que estavam os elogiando. Desta forma, nesse caso, a língua serviu como uma forma de ataque, que se extinguiu quando a ilha voltou para o domínio estadunidense. Após alguns anos e o processo de cura desse período terrível ter iniciado, começaram, assim, os movimentos pela língua chamorro como uma identidade, como uma parte da história deles e

---

<sup>17</sup> No original: Despite American abandonment during these brutal times, Chamorros believed that the Americans would return to save them which they did on July 21, 1944. This date marked what Chamorros interpret as liberation creating a sense of loyalty and patriotism toward the US. However, American return marked the beginning of the destruction of Chamorro language.

da cultura e o quanto eles queriam que o chamorro tivesse, na ilha, a mesma importância que o inglês.

Para os chamorros, a língua é cultura. Falar a língua nativa é uma forma de se conectar com os seus antepassados e com seus costumes. Kuper (2014, p. 97-98, tradução minha) ao entrevistar uma autora chamorro transcreve a resposta sobre a importância de aprender a língua

Se você não consegue acessar a sua língua, nunca sentirá o espírito dos nossos antepassados, porque é a partir da sua língua que somos conduzidos na direção que é melhor para o povo chamorro. Por isso é muito importante aprender a língua, é o desejo dos nossos antepassados.<sup>18</sup>

Além de ser uma forma de se conectar com os seus antepassados, para o povo chamorro a língua é a lente pela qual você vê sua cultura ou a cultura do colonizador, dependendo de qual língua você está falando. “Quando se aprende uma língua, aprende-se a ver o mundo através das lentes culturais específicas dessa língua”<sup>19</sup> (Kuper, 2014, p. 99, tradução minha) e os chamorros ao usarem mais o inglês, ou a serem obrigados a usar, passaram a ver o mundo através das lentes estadunidenses. Ela ainda ressalta que

A linguagem carrega consigo valores que constituem a base da identidade de uma pessoa e, portanto, atua como um banco de memória da experiência de um povo. O poder da linguagem reside no fato de que a cultura é quase indistinguível da linguagem que torna possível o seu início. Assim, no caso do inglês, a sociedade chamorro, por exemplo, começou a ver o mundo através das lentes estadunidenses e parou de vê-lo através das lentes chamorro. À medida que o chamorro está começando a desaparecer, também estão desaparecendo os valores e a cultura que inerentemente acompanhavam a língua.<sup>20</sup> (Kuper, 2014, p. 99-100, tradução minha)

Enquanto Kuper (2014) defende que a língua chamorro está morrendo a partir deste momento na história de Guam, Garrido (2022) defende exatamente o contrário. A autora reconhece essas falas em relação à morte da língua e as descreve dessa forma

---

<sup>18</sup> No original: If you cannot access your language, you will never feel the spirit of our ancestors because it is from your language that we are steered forward in the direction that is the best for the Chamorro people. That is why it is very important to learn your language, it is the desire of our ancestors.

<sup>19</sup> No original: When one learns a language, one learns to view the world in that language’s particular cultural lens.

<sup>20</sup> No original: Language carries with it values which form the basis of a person’s identity and thus acts as a memory bank of a peoples’ experience. The power of language lies in the fact that culture is almost indistinguishable from the language that makes possible its beginning. Thus in the case of English, Chamorro society for example began to view the world through the English lens, and stopped viewing it through a Chamorro lens. As Fino’ Chamoru is beginning to die out, so are the values and culture that inherently went along with the language.

É um ato de amor à cultura chamorro, à identidade e a um futuro desconhecido. Quando os chamorros se referem à língua estar morrendo, esse processo é análogo ao de perder um ente querido, um membro da família. O processo é igualmente doloroso e restritivo. Ver a língua como algo moribundo é uma concepção cultural separada das ideologias ocidentais.<sup>21</sup> (Garrido, 2022, p. 91, tradução minha)

Sendo assim, Garrido (2022) apresenta essa dita morte da língua como algo doloroso, o que realmente é, já que estão perdendo uma parte cultural deles, uma parte de quem eles são como comunidade a partir do momento que há a perda dessa língua. Essa é uma das razões de uma publicação como a de Sandra Chung ser tão importante, a publicação da primeira gramática chamorro é uma forma da língua firmar suas raízes no solo das línguas. Como afirma Garrido (2022, p. 93) o chamorro está abrindo espaço em domínios estadunidenses e esse espaço continuará se abrindo até que o povo chamorro consiga se sentir livre deste.

Portanto, a presença da língua chamorro nos textos é uma forma de expressar a cultura e a identidade desse povo. A língua é o meio pelo qual eles veem o mundo, se conectam com os seus antepassados e continuam transmitindo as histórias e os costumes de geração em geração. Talvez essa seja a razão para a língua estar tão presente nos textos da antologia e como é importante que saibamos que essas palavras que parecem do espanhol para nós, são completamente chamorros. Isso ocorre porque a cultura não pode ser entendida como algo fixo. Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), explica que a identidade não pode ser caracterizada e nem entendida como algo homogêneo, mas sim algo mutável, heterogêneo que muda e se transforma com o decorrer do tempo e dos contatos.

Pereira (2011) ao estudar identidade cultural em sua tese de doutorado, explica esses processos de contatos culturais como processos de transculturação

O conjunto de posições de identidade possui um leque de especificidades, derivadas de formações históricas específicas, de repertórios culturais de enunciação ou de tradições culturais muito próprias, que são produto de complicados cruzamentos e misturas culturais, ou seja, são produtos de processos de transculturação. Consequentemente, a identidade cultural não pode ser pensada como sendo homogênea, mas, sim, híbrida; também não pode ser pensada como fixa, senão como transição entre diferentes posições. (Pereira, 2011, p. 20-21)

Mantendo em mente esse processo de transculturação e do fato de que as culturas são heterogêneas, antes de analisarmos outras formas de identidade dentro dos textos da antologia, vamos discutir sobre as diferenças nas escritas de “chamorro”.

---

<sup>21</sup> No original: It is an act of love for the Chamorro culture, for identity, and for a future unknown. When Chamorros refer to the language dying, this process is analogous as to losing a loved one, a family member. The process is just as heart wrenching and just as constricting. Viewing the language as dying is a cultural conception separate from western ideologies.

### **2.2.1.2 Por que CHamoru e não Chamorro**

O nome “chamorro” foi dado ao povo da ilha pelos espanhóis, como expliquei acima. Perez (2021, p. 10) explica que em 2016, a Comissão de Língua CHamoru e Ensino de História e Cultura do Povo Indígena de Guam começou as discussões para mudar o “chamorro” escrito com dois ‘r’ para apenas um, ou utilizar “I Taotao Tãno” que em chamorro significa “the people of the land” (o povo da terra). Apenas em 2018 a Comissão chegou a uma decisão jurídica, na qual ficou determinada que a forma correta é “CHamoru” por ser a escrita mais próxima da língua nativa e mais distante do colonizador. O website *Guampedia*, uma enciclopédia online feita por chamorros para chamorros e outros povos, Ginia E. Taitano explica que o uso de “r-r-o” reflete a ortografia da língua espanhola, enquanto o “r-u” reflete a língua nativa da ilha. Além disso, esse é um outro ato de descolonização, especialmente porque eles já assumiram o nome que os foi dado de forma pejorativa e o utilizaram como uma forma de criar identidade e, também, de ataque contra o colonizador.

Além do mais, Perez (2021, p. 10-11) explica outra atitude que a comissão tomou a respeito da grafia: optaram pelo uso de “CHamoru” porque no alfabeto da língua não existe ‘c’ ou ‘z’ e nem o uso dos dois ‘rr’ do espanhol. Desta forma, para cobrir o som /‘tch’/, eles juntaram as letras ‘CH’ para representar esse som, as duas letras formam apenas uma letra e, conseqüentemente, apenas um som. Sendo assim, desde 2018 alguns chamorros optam por utilizar a grafia “CHamoru” aprovada por lei, enquanto outros ainda utilizam “chamorro”, muitos estão utilizando a forma nova como uma forma de se distanciar do colonizador e de construção de uma identidade que foi há muito tempo negada.

## **2.2.2 A identidade e a cultura chamorro dentro da literatura**

### **2.2.2.1 A língua**

Como vimos anteriormente, a língua nativa para este povo é cultura, mas é mais do que isso também, está sendo vista como algo pertencente à identidade deles. Entretanto, não é apenas a língua dos chamorros que faz parte da sua identidade, existem outros elementos que também são tão importantes quanto a língua, como veremos mais adiante. Porém, preciso,

antes de trazer os exemplos que encontrei na antologia, explicar sobre o quão diversificada é a identidade chamorro, principalmente porque esse movimento de definição de uma identidade para eles é muito novo e, como comentei anteriormente, há divergências sobre o que seria ser chamorro entre eles mesmos. Sempre que comento sobre a antologia, um dos primeiros temas que gosto de ressaltar sobre essa obra é o quão presente e importante é toda essa questão de identidade para o povo da Micronésia, especialmente porque um dos focos da escrita dessa obra é para recuperar algo que julgavam estar perdido. A antologia possui textos de outros autores que não são chamorros e eles também trabalham com essas questões, principalmente porque toda a região da Micronésia passou por colonizações.

Quando li o primeiro texto da antologia que tive acesso e foi o tema do meu trabalho de conclusão da graduação, *Auntie Lola's Champion Chalakiles* (2019) de Charissa Lynn Atalig Manibusan, identifiquei como cultura chamorro apenas a língua nativa que estava presente no conto, após a primeira tradução e discussões com o meu orientador, entendi que o conto não apresentava apenas a língua como cultura, mas também uma ação que é tão comum para nós leitores que jamais a veríamos como uma marcação cultural: o ato de cozinhar. Portanto, nas obras que fazem parte da antologia existem diversas marcações culturais que vão muito além da língua nativa, sendo exemplo o que comentei acima.

Para começar a compreender a cultura chamorro e sua identidade, preciso voltar ao que comentei anteriormente sobre o quão importante é entendermos essa cultura como algo heterogêneo, ela é resultado de todos os contatos que os chamorros tiveram no decorrer dos anos. Desta forma, mantendo essas definições e explicações em mente, podemos entender que a cultura chamorro é o resultado de diversos contatos que aconteceram no decorrer dos séculos em função das colonizações e de outros diversos fatores, assim como também podemos entendê-la como algo móvel, que se move com o local, especialmente se considerarmos a própria diáspora chamorro também. Essas marcações ficam bastante evidentes dentro dos textos da antologia. Além disso, podemos considerar o quanto elas podem mudar no decorrer dos próximos anos, conforme os chamorros redescobrem aspectos da sua cultura que se perderam durante as colonizações. É extremamente importante que mantenhamos esses conceitos em mente ao pensar em cultura seja por um viés mais social ou literário, principalmente para que possamos evitar de fazer declarações categóricas sobre um tema tão delicado e tão heterogêneo.

Pensando em como a cultura é extremamente diversificada, podemos pensar sobre como ela é representada nas obras chamorros da antologia. Primeiro, precisamos considerar

que o livro possui uma parte intitulada “*Identities*” cheia de textos destinados a falar sobre identidade. Dois textos desta parte chamam bastante a atenção e retratam esta questão da identidade chamorro. O conto de Jacob L. Camacho, *Kao siña hao fumino’ Chamoru?* (2019) fala sobre a concepção dos chamorros de que para ser chamorro, você precisa falar a língua. Eles entendem como a maior marca da identidade de um chamorro saber falar a língua nativa, conforme demonstrei no outro item o quão importante esta é na ilha. No conto de Camacho (2019) podemos ver o narrador acordando após a morte e sendo questionado sobre a sua língua

Um homem chamorro despertou em seu espírito e me perguntou com o queixo na terra e depois no céu, –Kao siña hao fumino’ Chamoru? A resposta que ele procurava era não. E em chamorro ele se virou para outras pessoas ao meu redor e falou. Alto e risonho. Como pode ser confuso e vazio ser um estranho, mesmo entre meu próprio povo. Eu sou chamorro.<sup>22</sup> (Camacho, 2019, p. 218, tradução minha)

No restante do conto, o narrador se defende explicando porque ele é, sim, chamorro. Ele explica, ainda, que apesar de se alimentar diversas vezes da comida estadunidense e de não possuir a aparência indígena que se espera do povo, ele é chamorro porque passou pelos mesmos acontecimentos que todos os outros, como ter sido agredido quando criança por meninos estadunidenses, por ter preparado refeições com a sua avó (o que é uma ação muito sagrada para eles). Portanto, neste conto de Camacho (2019) temos este primeiro exemplo de uma cultura e identidade heterogêneas. Uma pessoa não deixa de pertencer a algum lugar por não saber falar a língua nativa, assim como ela também não pertence a um apenas por falar a língua. Devemos considerar nesse caso, também, o histórico e o contexto que comentei no item anterior. Embora possua um enorme papel na identidade, devemos considerar que por muitos anos a língua não foi ensinada na escola, desta forma, diversas crianças chamorros não conhecem a língua, mas isso não as torna menos pertencentes ao seu povo.

Pensando nessas crianças que comentei, temos o ensaio de Nikkie de Jesus Cushing, *A Journey of CHamoru Self-Discovery* (2019), que relata a experiência da autora se descobrindo como uma menina chamorro. A autora narra como foi crescer em um ambiente em que os mais velhos falavam a língua nativa e ela não, por causa da proibição de falar chamorro na ilha. Então, ela descreve como foi descobrir a sua história (todas as colonizações da ilha) e como apesar de todos esses acontecimentos a cultura dos chamorros permaneceu, se adaptou,

---

<sup>22</sup> No original: A Chamoru man awoke in his spirit, asked me with his chin to dirt then to sky,–Kao siña hao fumino’ Chamoru? The answer he was looking for was No. And in Chamoru he turned to others around me and spoke. Loud and laughing. How confusing and empty it can be—to be an outsider even amongst my own people. I am Chamoru.

se assemelhou e ela não deixa de ser chamorro por não saber a língua ou por fazer os costumes de uma forma mais moderna

Pode significar abraçar o seu lugar no domínio culturalmente diversificado do moderno misturado com o tradicional. Ao mesmo tempo, me recuso a acreditar que a única maneira correta de ser chamorro é ser um chamorro tradicional. Onde antes eu era ingênua, agora estou empoderada. Cultura não é algo que se possa ganhar no maior shopping ou na concessionária mais cara. Definitivamente não pode ser comprada ou vendida, negociada como um acréscimo inconsequente a uma vida monetariamente sem sentido. Em vez disso, as minhas raízes culturais são o núcleo das minhas crenças e valores, aqueles que eu costumava considerar garantidos, mas que não considero mais. Essa compreensão é o que quero transmitir aos meus filhos enquanto eles buscam quem são como povo chamorro do século XXI.<sup>23</sup> (Cushing, 2019, p. 268, tradução minha)

Portanto, como podemos ver com este belo trecho do ensaio de Cushing (2019), alguns chamorros já veem a própria identidade como essa fricção, como disse meu professor de Literatura Comparada, entre a modernidade e, conseqüentemente, o domínio estadunidense e o chamorro e suas tradições antigas. Desta forma, Camacho e Cushing apresentam ao leitor, de formas variadas e com pontos de vistas diferentes, esta visão de que a cultura chamorro é vista como algo antigo e a partir de uma língua, mas também é vista como uma mistura dos contatos que teve no decorrer dos séculos, ou seja, como explicou Hall (2006), as culturas são heterogêneas e mutáveis e foi exatamente esses eventos que tivemos com a cultura chamorro. Entretanto, não foi apenas a língua que está tão presente na cultura deles e na literatura, outros elementos também estão e possuem seus grandes papéis dentro desse movimento.

#### **2.2.2.2 A comida**

Outro elemento muito presente nas obras da antologia é a comida. Nos textos da obra, os autores não comentam abertamente sobre a importância da comida, essas menções são, na verdade, bastante sutis. Podemos ver o grande papel que a comida e a alimentação ocupam a partir das aparições e de como trabalham com estas nos textos, por exemplo, o primeiro texto que analisei e traduzi, narrava a história de uma menina que havia se mudado para os Estados Unidos e havia feito uma visita para casa em Guam e o restante do conto narra ela fazendo

---

<sup>23</sup> No original: It can mean embracing one's place in the culturally diverse realm of the modern mixed with the traditional. At the same time, I refuse to allow myself to believe that the only right way to be CHamoru is to be a traditional CHamoru. Where I had once been naive, I am now empowered. Culture is not something one can gain at the largest mall or the priciest dealership. It definitely cannot be bought or sold, traded like an inconsequential addition to a monetarily meaningless life. Instead, my cultural roots are the core of my beliefs and values, those I used to take for granted but don't anymore. This understanding is what I want to pass on my children as they seek who they are as CHamoru people of the twenty-first century.



uma comida típica da ilha, os *chalakiles*. Na primeira leitura, interpretei que aquele conto estava apenas narrando uma menina cozinhando com a sua tia, entretanto, após discussões com o meu orientador e a leitura de outros textos de autores chamorros, consegui visualizar a alimentação como um elemento importante para o povo e, também, como fazendo parte da identidade e da cultura deles. Nos textos da antologia fica bastante visível o papel da comida e da ação de cozinhar para eles. Um exemplo que posso comentar é sobre um dos primeiros textos chamorros que li, no qual em uma determinada estrofe chamou minha atenção para a importância dessa atividade, o poema de J. A. Dela Cruz-Smith, *Portrait of Grandmother Eating Mango* (2019, p. 304, tradução minha):

Você já ouviu falar da água-viva? Há mísseis esperando para detonar todos eles, embora as águas-vivas sejam do tipo que não picam, ou seja, inofensivas e flutuantes, / se inofensivo tivesse um corpo que pudesse assumir a forma de qualquer recipiente. Ela cumprimenta a todos / que visita com sorrisos, água e comida (sempre há comida).<sup>24</sup>

Nesse trecho do poema de Cruz-Smith, a frase “sempre há comida” já funciona como um indício de como a comida e as atividades relacionadas a ela fazem parte da cultura chamorro. Sempre há comida em momentos importantes, como por exemplo a chegada dos espanhóis, na chegada da sobrinha que foi para os Estados Unidos estudar, como no conto de Manibusan (2019). A comida também aparece ligada a boas memórias. No poema *The Mango Trees Already Know* (2019), de Julian Aguon, o narrador narra boas memórias que tem com o pai antes deste morrer de câncer:

Ontem à noite sonhei com tangerinas e / com meu pai sorrindo. / Pulando, cheio de vida, da nossa / caminhonete / indo até o / rancho da família / para colher tangerinas / daquela árvore / ainda verde / ainda grossa / na minha mente. / Meu pai, antes do câncer, era / como aquelas frutas: / brilhantes e / deliciosas.<sup>25</sup> (Aguon, 2019, p. 88, tradução minha)

O poema de Aguon (2019) não apenas nos mostra essa ligação da comida com uma memória afetiva, mas também a relação desta com a colonização estadunidense, já que o narrador diz: “Mas as mangueiras / já sabem / melhor / e todo esse fingimento / está nos

<sup>24</sup> No original: Have you heard of the jellyfish? There are missiles waiting to nuke them all, even though the jellies are non-stinging kinds, that is, harmless and floating, / if harmless had a body that could take the shape of any container. It greets everybody / who visits with smiles, water, and food (there's always food).

<sup>25</sup> No original: Last night I dreamt of tangerines and / my father, smiling. / Jumping, full of life, out of our / pick-up truck / on a drive to the / family ranch / to pick tangerines / from that tree / still green / still thick / in my mind. / My dad, before cancer, was / like those fruits: / bright and / delicious.

enterrando / antes do tempo”<sup>26</sup> (2019, 89-90, tradução minha). Nessa estrofe, ele está falando sobre os efeitos estadunidenses na comida, já que os chamorros acusam os Estados Unidos pela saúde na qual seus habitantes se encontram atualmente. Essa culpa direcionada aos estadunidenses apenas piora essa relação entre colonizador e colonizado em razão do enorme peso que a comida possui para eles. O poema de Evelyn Flores, *Well, we're all eating chã'guan now* (2019), nos mostra muito bem essa acusação “Você foi envenenado / pela boa e velha gula estadunidense / e produção de comida em massa / que coloca esteroides onde esteroides nunca estiveram antes / e alimenta as galinhas / com excrementos de vacas”<sup>27</sup> (p. 326, tradução minha). Para os chamorros, diversos aspectos das suas vidas melhorarão quando eles voltarem a comer como os antigos faziam. Além de ser uma forma com a qual eles podem se conectar com os seus antepassados (assim como fazem com a língua), é considerado a forma chamorro de se fazer, é um dos diversos aspectos que fazem parte da identidade de um chamorro.

Victoria-Lola M. Leon Guerrero, editora chefe do jornal da Universidade de Guam, escreveu um artigo para o jornal estadunidense *Boston Review* intitulado “An Open Letter from Guam to America” (Uma carta aberta de Guam para a América) (2017) e escreve sua opinião sobre a comida estadunidense em Guam: “minha casa é minha vida melhor. Sou nutrida pela minha terra, onde minha família cultiva nossa própria comida” (tradução minha)<sup>28</sup>. Flores (2019, p. 327, tradução minha) pede ajuda aos antepassados para eles o guiarem para o que muitos dizem ser o passado, mas para os chamorros é o presente e o futuro: “Será que eles, que comeram a comida do paraíso, / podem nos dizer alguma coisa sobre / corações e comedores de grama / que nos guie para um futuro / que nos dizem ser o nosso passado?”<sup>29</sup> e na próxima estrofe ainda pede ajuda aos antigos para ir ao mercado, para não voltar com uma doença estadunidense dada pela comida daquele país.

Portanto, através dos textos da antologia consegui visualizar o quão importante a comida é tanto para a cultura chamorro quanto para a identidade. É um papel central na identidade porque um chamorro tem um bom relacionamento com a alimentação, ele cozinha com a família, ele tem boas memórias ligadas a isso. Além disso, a comida possui um papel cultural porque, como comentei anteriormente, se comunicar, da forma que seja, com os

<sup>26</sup> No original: But the mango trees / already know / better / and all this pretending / is putting us in graves / before our time.

<sup>27</sup> No original: You've been poisoned / by good old American gluttony / and mass food production / that puts steroids where steroids / have never been before / and feeds chickens / the excrement of cows.

<sup>28</sup> No original: My home is my better life. I am nourished by my land, where my family grows our own food.

<sup>29</sup> No original: Can they, who ate the food of paradise, / tell us anything about / hearts and grass-eaters / that will guide us into a future / that we're told is our past?

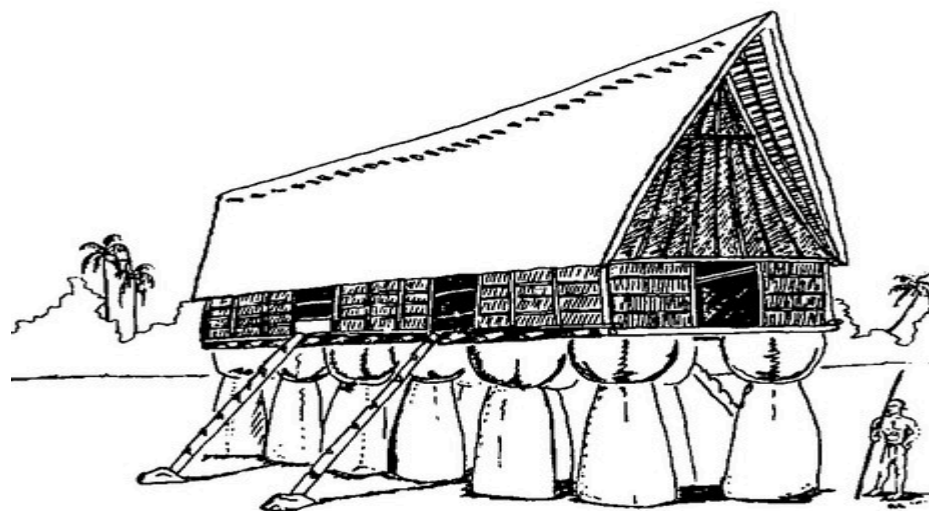
antepassados é extremamente importante e a forma como eles cozinham e, muitas vezes, plantam a comida é uma dessas maneiras.

### 2.2.2.3 A arquitetura

Não é apenas através da língua e da comida que podemos ver a identidade e a cultura chamorro nas obras da antologia, mas também através da arquitetura. Há uma parte da casa que aparece nas obras chamorros da antologia que eu não conhecia durante a minha primeira tradução, a “*kusinan sanhiyong*”. Em *Auntie Lola’s Champion Chalakiles*, Manibusan (2019) adiciona uma nota de rodapé explicando que a estrutura seria parecida com uma cozinha no lado de fora da casa, bastante comum nas casas em Guam. A “*kusinan sanhiyong*” aparece também no poema *The Tree*, de Christiane Taitano DeLisle (2019), mas a autora apenas adicionou uma nota de rodapé explicando que é uma cozinha do lado de fora da casa. Na minha primeira e segunda leitura e tradução do conto de Manibusan não interpretei a estrutura como uma marcação cultural. Consegui visualizar essa estrutura como sendo um elemento da cultura chamorro a partir do livro de Perez (2021), no qual o autor explica que a arquitetura chamorro se conecta com a identidade e a cultura do povo.

Antes de explicar a ligação da arquitetura com a cultura e a identidade, preciso comentar sobre as pedras *latte*, que são pedras únicas das ilhas Marianas, as quais são as bases da arquitetura chamorro. Os antigos chamorros usavam essas pedras como base para construir suas casas e outras estruturas. Diversas casas foram destruídas em função das colonizações, entretanto, algumas ainda existem em Guam. Essas estruturas feitas com *latte* são abertas e isso foi uma escolha dos chamorros séculos atrás e por um bom motivo. Através dessas construções o povo poderia se comunicar com os seus antepassados, as estruturas eram abertas e bem arejadas para que os espíritos dos antepassados pudessem entrar nas casas e caso os mais jovens tivessem alguma dúvida ou apenas quisessem conversar, poderiam fazer dentro da própria casa (Perez, 2021, p. 77), conforme podemos visualizar abaixo.

**Figura 1** - A estrutura das casas de *latte*



Fonte: website Guampedia

Portanto, a “*kusinan sanhiyong*” não é apenas uma estrutura presente em alguns textos chamorros, ela também faz parte da cultura e da identidade deles, é uma forma que permite que eles possam se comunicar e estar próximos dos seus antepassados através até mesmo da arquitetura. Sendo assim, elementos como a língua, a cultura e a arquitetura fazem parte, para os chamorros, do que eles entendem pela verdadeira cultura e identidade desse povo. No entanto, devemos considerar que esses conceitos não possuem uma definição perfeitamente estabelecida, já que há divergências entre o que eles entendem por ser um verdadeiro chamorro, conforme comentei anteriormente. Desta forma, devemos considerar, assim, os conceitos de Stuart Hall (2006) sobre identidade e Benedict Anderson (2008) sobre comunidades imaginadas e como eles estão presentes na literatura desse povo, conforme veremos a seguir.

### 2.2.3 Hall, Anderson e Guam: seus conceitos e a literatura chamorro

Devemos pensar na identidade e na cultura chamorros como elementos heterogêneos. Eles são o resultado dos contatos que ocorreram em Guam em razão da colonização, da diáspora e da globalização. Acima de tudo, esse movimento tão recente é um ato de descolonização também, é uma forma de se reconstruírem como uma nação e não um território e base militar. Todo esse movimento faz com que os chamorros estejam criando uma

identidade nacional, por consequência. Stuart Hall (2006) faz uma relação entre identidade cultural com identidade nacional e, a partir desta ligação, defende que “as identidades nacionais são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*” (2006, p. 48, grifo do autor). Se pensarmos no caso de Guam e no conto de Jacob L. Camacho sobre um chamorro não ser considerado chamorro o suficiente se não falar a língua nativa do local, isto é, pensando na explicação de Hall, esta característica da identidade chamorro foi formada no decorrer dos anos. Para refletir a respeito da cultura chamorro como uma transformação relacionada à representação, podemos voltar à história da ilha comentada anteriormente. Guam, assim como o resto da Micronésia, passou por mais de uma colonização e estes eventos afetam bastante o senso de comunidade e da tão temida nacionalidade.

Nas obras chamorras que fazem parte da antologia é extremamente visível a separação que é feita entre os povos, podendo ser um exemplo a lenda *I dos Amantes* de Aguon que comentei anteriormente. Essa separação não aparece apenas em textos que se referem ao passado, mas também em textos que fazem referência ao presente. Um exemplo que podemos considerar é o conto de Desiree Taimanglo Ventura, *Hineksa Anonymous* (2019), onde a narradora conta a história que o pai havia lhe contado de um tio estadunidense que costumava jogar arroz no chão na frente dos familiares chamorros mais pobres para que tivessem que juntar o arroz que caiu no chão para comer. A comida para o povo chamorro é muito importante, e existe certa mágoa com os Estados Unidos pela alimentação que eles possuem nos tempos atuais, já que eles julgam que as doenças estão vindo da comida estadunidense que eles comem diariamente. Desta forma, consequentemente, há esta divisão das comidas que são consideradas chamorras e aquelas que são consideradas estadunidenses. Considerando que o arroz é visto para eles como um alimento chamorro e um alimento *da* cultura chamorro, podemos voltar, novamente, para a explicação de Hall (2006) sobre identidade cultural. Embora o arroz sempre tenha estado na ilha, ocorreu uma decisão na qual foi decidido que alimento faria parte do que é ser um nativo de Guam, assim como Hall explica (2006, p. 50, grifo do autor) “uma cultura nacional é um *discurso* —um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”. Em outras palavras, a identidade nacional de Guam diz que um verdadeiro chamorro precisa gostar de arroz e precisa falar a língua nativa, podendo servir como exemplos os contos que comentei na seção anterior.

Desta forma, considerando as afirmações e explicações de Hall (2006), podemos refletir também sobre Benedict Anderson (2008) e o seu conceito de comunidade imaginada, que perfeitamente se encaixa no contexto de Guam. Anderson (2008, p. 34) ao discutir sobre nação, a chama de “comunidade” porque percebe que “independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como urna profunda camaradagem horizontal”, ou seja, se pensarmos no caso de Guam, existe uma camaradagem entre os chamorros para abraçarem a causa: a luta contra os estadunidenses e todas suas conexões e, de certa forma, para eles, o único inimigo é os Estados Unidos e a colonização espanhola parece, levando em consideração o cenário apresentado na antologia, como um inimigo há muito esquecido e com o Japão existe certo ressentimento, entretanto, este é muito mais direcionado aos Estados Unidos atualmente, já que, para os chamorros, eles são os culpados do ataque japonês.

Como explica Lilia Moritz Schwarcz (2008, p. 14) “o processo como se constroem solidariedades e como, a partir do momento em que a nação é imaginada, ela é, então, modelada, adaptada e transformada”, em outras palavras, Guam construiu solidariedades para com os chamorros e todas as atrocidades que aconteceram com o povo durante todos estes séculos de dominação e, a partir disto, moldou uma linha definindo o que é ser chamorro e o que não é. Lembrando que devemos considerar que essa linha é elástica, já que essa percepção de o que é ser chamorro é mutável, como mostrei nos trechos das obras que fizeram parte deste capítulo. Alguns consideram que o principal elemento é saber falar a língua nativa, enquanto outros acreditam que é manter as tradições e equilibrá-las com o mundo moderno no qual vivemos.

Para encerrar a discussão sobre comunidades imaginadas, sendo assim, dentro das definições de Anderson (2008), Guam pode ser considerada uma comunidade imaginada, pois após todos esses anos de colonizações e dominações culturais, existe certa fraternidade que deriva de sentimentos partilhados em relação à colonização e à dominação. Além disso, a identidade cultural chamorro foi moldada e transformada no decorrer dos anos a partir dos contatos que teve como a língua e a comida, por exemplo. Portanto, a antologia nos permite visualizar melhor estes conflitos histórico culturais da ilha, mas também vê-la dentro das teorias de Hall (2006) e Anderson (2008), o que apenas torna a leitura muito mais rica.

### 2.2.4 Sistema de valores culturais chamorros

Quando comecei essa seção sobre cultura e identidade, comentei que na ideia de identidade havia algumas controvérsias entre os chamorros. Essas controvérsias se referiam, por exemplo, ao fato de alguns entenderem saber falar chamorro como algo permanente dessa identidade, quando, na verdade, não deveríamos considerar dessa forma. Entretanto, a questão da cultura é muito melhor definida e isso se dá em razão do “Sistema de Valores culturais chamorros”. Durante as minhas primeiras leituras e pesquisas sobre Guam e a sua cultura, não havia lido sobre o sistema de valores, mas esse é um tema bastante citado na tese de Perez (2021). O autor explica os principais valores e o grande papel que a mulher possui dentro desse sistema:

A cultura ancestral CHamoru é frequentemente descrita como matrilinear e baseada em clãs, com divisões de trabalho partilhadas entre classes e gêneros para criar um equilíbrio de poder e um sistema de reciprocidade entre membros de uma família e os membros da aldeia. Os CHamorus desenvolveram uma economia de subsistência sustentável baseada na agricultura e na aquicultura. Espiritualmente, os CHamorus acreditavam que os espíritos ancestrais, ou *taotaomo'na*, habitavam a terra ao lado dos vivos, e os espíritos e os ossos dos mortos eram reverenciados. Os principais valores da cultura CHamoru são frequentemente considerados *inafa'maolek* (interdependência), *chenchule'* (reciprocidade), *mamâhlao* (vergonha) e *respetu* (respeito). Na verdade, a cultura CHamoru partilhava “numerosas semelhanças culturais com outros povos do Pacífico, especialmente da Micronésia, descritos na época: redes baseadas em clãs, economicamente baseadas na pesca e na agricultura, cimentadas numa estrutura de parentesco de princípios de descendência feminina”<sup>30</sup>. (Perez, 2021, p. 21, tradução e grifos meus)

Como comentei anteriormente, para os chamorros é de extrema importância manter o contato com os seus antepassados, é por essa razão que as construções de *latte* deles são abertas. Pensando em toda essa estrutura familiar, vale ressaltar um aspecto muito importante da cultura que entra dentro do sistema de valores: a importância das mulheres chamorros. Em Guam, as terras são sempre herdadas pelas mulheres da família, assim como as tradições, por essa razão Perez (2021, p. 21) descreveu a cultura como matrilinear. Talvez essa seja a razão para a presença feminina ser tão forte nas obras da antologia, diversas obras utilizam mulheres

---

<sup>30</sup> No original: Ancestral CHamoru culture is often described as matrilinear and clan-based, with divisions of labor shared across class and gender to create a balance of power and a system of reciprocity between extended family and village members. CHamorus developed a sustainable subsistence economy based on agriculture and aquaculture. Spiritually, CHamorus believed that ancestral spirits, or *taotaomo'na*, inhabited the earth alongside the living, and the spirits and the bones of the dead were revered. The main values of CHamoru culture are often noted to be *inafa'maolek* (interdependence), *chenchule'* (reciprocity), *mamâhlao* (shame), and *respetu* (respect). Indeed, CHamoru culture shared “numerous cultural similarities with other Pacific, especially Micronesian, peoples described at the time: clan-based social networks, economically based on fishing and agriculture, cemented within a kin-structure of female descent principles.”

no título como: “Auntie Lola’s Champion Chalakiles”, “Portrait of Grandmother Eating Mango” e “My Mother’s Bamboo Bracelets”, por exemplo.

O website *Guampedia* possui uma página explicando todos os valores que fazem parte do sistema, assim como Perez (2021) explica alguns destes também. Dos valores mencionados na tese, a enciclopédia chamorro explica que *inafa'maolek* (interdependência) é a base da cultura chamorro, é um conceito que fala sobre restaurar a ordem ou a harmonia de algo. Esse conceito se refere a eventos que tiveram alguma circunstância ou condição alterada e que devem ser restaurados. *Chenchule'* (reciprocidade) se refere a reciprocidade social, é o sistema em que as famílias demonstram carinho e cuidado umas com as outras, ao mesmo tempo em que também é um senso de obrigação em ajudar o outro com suas necessidades. *Mamâhlao* (vergonha) se refere ao respeito praticado como harmonia e equilíbrio na conduta do seu povo. Esse conceito garante que todos mantenham a harmonia através das suas ações. Por último, o valor *respetu* (respeito) caminha de mãos dadas com *Mamâhlao*, já que os chamorros acreditam que se você expressa o devido respeito aos valores culturais da ilha e “Mungga na un ma’ mamâhlao” (não traz vergonha para a nossa família).

Portanto, os chamorros possuem um sistema de valores culturais muito bem definido e ao qual eles seguem diariamente. Esse sistema garante harmonia entre o povo e, também, sua união como uma comunidade que ainda não é independente. Além disso, como comentei bastante nessa seção, a cultura de Guam é uma cultura que está sendo moldada, possui todo esse movimento para discorrer mais sobre esta entre os próprios chamorros, já que existe todo um apagamento cultural durante anos na ilha e por essa razão os autores estão se juntando para escrever antologias, pesquisas, dissertações e artigos sobre Guam. Conforme mais pesquisas sobre esses assuntos ocorrem, mais informações os autores possuem e isto apenas aumenta esse molde que está sendo construído.

Essas ações e esse movimento estão cada vez mais fortes, por esse motivo, os chamorros estão assumindo seu lugar no mundo e deixando de ser uma mera nota de rodapé na história, como eles dizem, e espalhando para todos quem eles realmente são. Uma das melhores formas de fazer isso é através da literatura, já que ela permite que histórias sejam contadas por um ponto de vista que ainda não havia sido ouvido, assim como ela permite que culturas possam ser expressadas assim como identidades. Na próxima parte veremos melhor sobre a literatura chamorro e as traduções de alguns textos que ajudam a ilustrar o enorme papel da literatura nesse movimento tão importante em Guam.



### 3. Parte II: Traduções comentadas

Meu primeiro contato com a literatura chamorro foi através da antologia *Indigenous Literature from Micronesia* organizada por Evelyn Flores e Emelighter Kihleng publicada em 2019. Inicialmente, ao ler a explicação de Evelyn Flores sobre o motivo da publicação da antologia, compreendi, equivocadamente, que na Micronésia, especificamente em Guam, não havia livros publicados. Compreendi que havia produção literária, mas não a publicação. No entanto, Flores menciona que há publicações, porém essas obras não têm grande alcance ou são impressas apenas uma vez.

A antologia traz 121 textos de diversas ilhas da Micronésia, como Palau, Kiribati, Pohnpei, Chuuk, Yap, Ilhas Marshall e, principalmente, Guam. Os 121 textos são separados nas seguintes seções, respectivamente: Origens, Resistência, Lembranças, Identidades, Viagens, Família e Uma Nova Micronésia (Origins, Resistance, Remembering, Identities, Voyages, Family e A New Micronesia). Em cada uma dessas seções encontramos textos produzidos por diversos autores da região relacionados a essas temáticas, como por exemplo textos que remontam a criação do mundo, expressam seus sentimentos com os colonizadores e textos que expressam sua relação com a família.

Destes 121 textos, 66 deles são escritos por autores chamorros. Diversos contos, poemas, peças de teatro, trechos de romances e, também, um pequeno trecho da Constituição dos Estados Federativos da Micronésia de 1975 fazem parte da obra. Portanto, além de ser rico dos mais diversos gêneros textuais e, também, das mais variadas culturas presentes na região da Micronésia, esta obra se faz extremamente relevante para que possamos conhecer a literatura do local e, conseqüentemente, a cultura e a história, especialmente se refletirmos sobre como essa antologia faz parte de um movimento de reescrita histórica.

Flores (2019, p. xxi) relata no prefácio que após passar treze anos nos Estados Unidos, ao voltar para Guam ela acreditava que já teriam diversos livros publicados por escritores chamorros falando sobre eles mesmos, porém, como a autora explica, as bibliotecas estavam “tão nuas para eles quanto estiveram para mim”. A autora ainda complementa que após esse episódio, ela publicou três livros ilustrados, mas ainda assim as publicações não estavam chegando às bibliotecas da Micronésia. Craig Santos Perez (2019, p. 345), no posfácio da mesma antologia, acrescenta que a intenção desta publicação foi desmistificar a ideia precipitada de que a Micronésia não possui literatura. O autor também explica que essa obra é o primeiro livro a apresentar uma literatura palpável, especialmente considerando que a

principal forma de literatura na ilha era a oral. Além disso, a obra também é uma forma de recontar e quebrar mitos antigos, como explica Flores (2019, p. xxii, tradução minha)

Resta o trabalho de quebrar e construir mitos revistos que fortalecem em vez de rebaixar. Resta contar novas histórias que são realmente antigas, persistindo em nosso sangue, paradoxalmente e carinhosamente ao mesmo tempo familiares e de tirar o fôlego, histórias que desconstruem as mentiras e meias verdades em que passamos a acreditar.<sup>31</sup>

Sendo assim, a antologia foi publicada para o povo da Micronésia, mas para aqueles fora da região também para fazer exatamente isso que Flores explica acima. Como mencionei na parte histórica, esse movimento de descolonização em Guam é bastante recente e está se fortalecendo no decorrer dos anos, e a publicação desta antologia é apenas uma das formas de resistência para esse povo. Perez (2021, p. xii, tradução minha) comenta que a literatura chamorro é um ato de descolonização: “Acredito também que a literatura CHamoru tem o poder de inspirar, empoderar, educar, humanizar, descolonizar e dignificar o nosso povo à medida que continuamos a lutar pela nossa verdadeira libertação”<sup>32</sup>, ou seja, a literatura chamorro reescreve a história dos chamorros para eles mesmos, transforma uma história que há muito tempo os foi roubada em um ato de resistência e, além disso, mostra a Micronésia para aqueles que não a conhecem, como foi o meu caso.

Ademais, vale ressaltar que a literatura chamorro é uma literatura apagada, assim como a história do local, por exemplo, Guam foi atacada no mesmo dia que Pearl Harbor, mas pouco lemos sobre isso. O mesmo acontece com a sua literatura. A antologia não é a primeira obra da Micronésia, ela apenas é a primeira que não foi apagada da história. Perez (2021, p. 19-28) traça toda a história da literatura chamorro através da poesia, já que o maior número de publicações são dentro desse gênero, embora o autor também comenta que há outros gêneros produzidos, como peças de teatro e romances. Ocorreu com essas obras, Perez explica, a publicação, mas não circularam o suficiente ou não chegaram às mãos do povo chamorro. Ao refletir sobre essa explicação de Perez (2019) podemos retomar o que comentei na Parte I sobre a menina chamorro que Perez comenta no seu prefácio (2021, p. xii) que chora ao ler poemas que retratam Guam, porque a fizeram acreditar que a sua literatura não era digna de estar em livros, ter pessoas a estudando e a história do seu povo.

<sup>31</sup> No original: The work remains of breaking down myths and building up re-visioned ones that empower rather than demean. It remains to tell new stories that are really ancient ones, persisting in our blood, paradoxically and endearingly both familiar and breathtakingly novel, stories that deconstruct the lies and half-truths that we've come to believe.

<sup>32</sup> No original: I also believe that CHamoru literature has the power to inspire, empower, educate, humanize, decolonize, and dignify our people as we continue to struggle for our true liberation.

Pensando em como a literatura chamorro também é usada como uma forma de resistência, devemos considerar o enorme papel que essa literatura possui nesse movimento. É por essa razão que as obras chamorras reescrevem a história da ilha, começando pelos deuses que a criaram, elas mostram os costumes e as experiências desse povo. Além disso, ela apresenta ao leitor, e ao próprio povo também, a importância da arquitetura tanto dentro da literatura quanto na história do local. A literatura chamorro nos apresenta a diáspora e as suas consequências nas obras, mas acima de tudo isso, recupera a primeira forma de literatura que esse povo praticou desde o início dos seus tempos: a oral e a sua importância para a cultura.

Sendo assim, pensando nesse enorme papel que a literatura possui para os chamorros, separei seis textos que fazem parte da antologia para analisar três períodos que estão bastante presente no conjunto das obras chamorras: o período pré colonização espanhola, o período após essa colonização e o pós estadunidense. Para poder melhor analisar esses períodos através dessas obras, esses seis textos foram traduzidos e irei comentar sobre o processo de tradução, a sua versão final e como esses elementos tanto da história quanto da cultura da ilha afetam a tradução nas mais variadas formas. Portanto, no próximo item irei analisar a tradução de dois poemas que retratam a criação do mundo para os chamorros, simbolizando o período pré espanhol.

### 3.1 Pré Espanha

Assim como a história de Guam começa com a história sobre a criação do mundo, a sua literatura começa da mesma forma. Devemos considerar que a antologia não separa os textos dessa maneira, entretanto, para analisar esse primeiro período da ilha, escolhi textos que representam o período anterior à primeira colonização. Vale ressaltar que ambos os textos fazem parte da primeira seção da antologia: Origens, que possui textos que mostram o período quando tudo começou em toda a região da Micronésia anterior as diversas colonizações das ilhas.

O primeiro texto que traduzi é de Leonard Z. Iriarte, *I Tinituhon/The Beginning* (traduzido para O Começo), que é, na verdade, uma canção cantada por mulheres. A oralidade é um traço muito marcante da literatura chamorro e esse aspecto se reflete no gênero textual mais produzido por eles: a poesia. Na antologia, a maioria dos textos chamorros são poemas e um dos motivos para a enorme presença desse gênero textual na literatura deles se dá em razão de uma das primeiras formas de literatura que os chamorros produziram, uma forma que já era praticada muito anteriormente a invasão espanhola na ilha.

O nome dessa literatura oral que os chamorros produziam antes mesmo de os espanhóis chegarem à ilha é: *Kantan Chamorrta*. *Kantan Chamorrta* é “uma poesia oral comunitária de chamada e resposta, extemporânea, que foi deslocada e suprimida pelas forças coloniais” (Perez, 2021, p. 131, tradução minha). Além disso, esse estilo literário chamorro é bastante parecido com o que entendemos pelo gênero musical rap atualmente, especialmente porque este é produzido com base no improviso. Os chamorros cantavam histórias do dia a dia, todos unidos enquanto faziam atividades juntos e cada um complementava as frases do outro. No entanto, esse gênero literário foi se perdendo e enfraquecendo durante os períodos de colonização em Guam. Durante o período espanhol, ele ainda era bastante presente, já que os chamorros tinham permissão para falar a língua nativa, porém o chamorro se tornou a língua da igreja e com o passar do tempo, o povo parou de praticar em razão da religião católica. No período estadunidense, como a língua foi proibida, a presença do *Kantan Chamorrta* diminuiu ainda mais.

No entanto, Perez (2021, p. 131) defende que esse gênero oral da literatura chamorro não acabou, apenas se articulou na poesia falada chamorro e na própria poesia escrita, podendo ser um exemplo o poema de Iriarte que veremos a tradução mais adiante. Sendo assim, o autor defende que *Kantan Chamorrta* nunca deixou de existir, ele apenas foi se

assimilando a outros gêneros que fazem parte da literatura chamorro e, com isso, podemos presumir que talvez esse seja um dos motivos para a maioria dos textos chamorros serem poemas, até mesmo aqueles que não fazem parte da antologia de Evelyn Flores e Emelihter Kihleng são, em sua maioria, textos desse mesmo gênero literário. Pensando nesse grande papel da literatura oral chamorro, vale ressaltar que, conforme Perez (2021, p. 132) explica, foi através dessa oralidade que os chamorros passavam a linguagem, os costumes, o conhecimento, a espiritualidade, a história e a cultura de uma geração para a outra. Katherine Aguon (1996 *apud* Perez, 2021, p. 132, tradução minha) resalta que foi através da narrativa oral que “o chamorro aprendeu como se tornar chamorro”<sup>33</sup>. Desta forma, esse gênero era muito presente na vida do povo, tanto que eles utilizavam o Kantan Chamorrta para performar a história da criação de Guam, na pedra Fu’a, citada na história de Fo’na e Pontan, e adicionaram para esse momento música, dança e gestos para explicar e embelezar o que palavras não conseguiam dizer totalmente.

O Kantan Chamorrta se destaca em Guam porque incorpora um valor cultural chamorro muito importante: o inafa'maolek, que é o valor cultural que fala sobre manter e restaurar a harmonia de um local. Isso ocorre porque os chamorros costumavam compor enquanto plantavam, moíam milho, descascavam arroz e cozinhavam. Além disso, eles também utilizavam como uma das formas para resolver um conflito, para cortejar e como entretenimento de forma geral (Perez, 2021, p. 133). Perez (2021, p. 132, tradução minha) explica como funcionava o Kantan Chamorrta:

um poeta canta quatro versos, com cada verso contendo oito sílabas e o segundo e o quarto versos rimando. Em seguida, um segundo poeta repete os dois últimos versos e adiciona um novo dístico, rimando seu último verso com o último verso do poeta anterior. Esse chama e responde continua até que um poeta não consiga mais improvisar novos versos.<sup>34</sup>

Desta maneira, essa forma de oralidade dos chamorros possuía um papel importantíssimo tanto na literatura quanto na cultura antes da colonização espanhola. No entanto, se torna importante ressaltar que esse gênero não foi completamente perdido no decorrer das colonizações. Ele certamente diminuiu drasticamente o número de pessoas praticantes na ilha durante esses períodos, mas apesar de tudo isso, atualmente ainda existem pessoas praticando Kantan Chamorrta em Guam, porém, essas pessoas são mais velhas e há

<sup>33</sup> No original: the Chamorro learned how to become Chamorro.

<sup>34</sup> No original: a poet sings a four-line verse, with each line containing eight syllables and the second and fourth lines rhyming. Then a second poet repeats the last two lines and adds a new couplet, rhyming their last line with the previous poet's last line. This call-and-response continues until one poet can no longer improvise new lines.

preocupação de que a morte dessas pessoas possa acarretar nesse gênero desaparecendo totalmente. Apesar disso, Perez (2021, p. 134) explica que o Kantan Chamorrita junta todos os aspectos da vida chamorro e, também, formou a base literária da cultura deles. Pensando nessa base que essa oralidade criou, retorno para o que comentei acima sobre Perez (2021) acreditar que o Kantan Chamorrita foi absorvido pelo o que os chamorros entendem hoje por poesia falada e poesia escrita na ilha. Mantendo essa teoria em mente, devemos considerar o quão parecida a estrutura do Kantan Chamorrita é da poesia que os chamorros estão produzindo atualmente.

Perez (2021) defende que a poesia possui características que são similares com o Kantan Chamorrita, como a rima e o ritmo e como há uma conversa entre alguns poemas. Em alguns poemas da antologia temos um autor respondendo o outro, o que é outra característica desse gênero chamorro. Perez (2021, p. 145) utiliza como exemplo os poemas *Thieves* (2019), de Anne Perez Hattori e *My Island is One Big American Footnote* (2019), de Michael Lujan Bevacqua já que ambos falam sobre a repressão da cultura e da história nos períodos coloniais espanhol e estadunidense. Esses dois poemas fazem parte da antologia, mas foram publicados em outros livros e jornais anteriormente.

Pensando nos poemas que fazem parte da antologia, visualizei conexões entre eles da mesma forma que Perez comenta que existe entre os poemas de Hattori e Bevacqua, por exemplo, os poemas de Leonard Z. Iriarte, *I Tinituhon/The Beginning*, e de Evelyn Flores, *Fu'una and Puntan*, conversam entre si. Enquanto o texto de Iriarte conta a história da criação do mundo através do ponto de vista de Pontan, o de Flores apresenta o ponto de vista de Fo'na com informações que não haviam sido mencionadas no primeiro texto. Outro fato curioso sobre a relação entre essas duas obras é que elas são seguidas uma da outra na antologia.

Outros exemplos que encontrei na antologia foram os poemas *English Major*, de James Perez Viernes e *Forefathers*, de Anne Perez Hattori. Os dois poemas questionam a colonização estadunidense e como eles fazem com que os chamorros sejam estadunidenses, sendo que eles não se identificam com esse povo e essa cultura. Entre esses dois poemas há uma conversa, ambos rimam e têm certo ritmo com eles. Por exemplo, o poema de Viernes fala sobre aprender literatura estadunidense e britânica, mas que o narrador quer aprender literatura chamorro, do seu próprio povo, enquanto o poema de Hattori relata aprender desde pequena que os seus antepassados são estadunidenses e o narrador defende que seus antepassados são os chamorros que cultivaram a terra, que pediam as bênçãos aos verdadeiros antepassados.

Sendo assim, o Kantan Chamorrta é um gênero da literatura oral chamorro que possui um papel muito importante dentro, também, da cultura. É um gênero que sofreu bastante em decorrência das colonizações, mas que resistiu e, atualmente, conforme apontam os estudos de Perez (2021) e os exemplos apresentados, está se reerguendo e criando força, reforçando esse movimento de resistência e descolonização.

Pensando nesse movimento que a literatura chamorro faz parte, devemos considerar, desta forma, outros elementos que também estão presentes no poema de Iriarte e nas outras obras chamorros. Sendo assim, além de apresentar a história da criação do mundo e ter uma forte ligação com o Kantan Chamorrta, a obra de Iriarte também apresenta, assim como diversos textos chamorros, alguns aspectos da cultura do povo, como por exemplo, a terra. Quando comentei sobre a cultura, mencionei o quão importante a terra é tanto como questão cultural quanto como questão histórica e, conseqüentemente, todos esses aspectos que são essenciais para os chamorros estão presentes nos seus textos.

A terra aparece bastante nas obras, sendo uma das razões a conexão com os antepassados, mas além disso, a terra também faz parte de como eles se chamam, em chamorro “i taotao tano” ou “people of the land” (povo da terra) em inglês (Perez, 2021, p. 21). Iriarte dá ênfase para essa nomenclatura dos chamorros: “the people of the land / the people of the land / the people of the sea” (o povo da terra / o povo da terra / o povo do mar) (2019, p. 13). Sendo assim, essa nomenclatura que os chamorros utilizam para se chamar, também compõe o conjunto de obras da antologia, apresentando ao leitor tanto chamorro quanto o que não é, as diferentes nomenclaturas existentes.

Michael Phillips (2023, tradução minha) explica a história por trás do uso desse nome “CHamorus são comumente chamados de “taotao tano”, que significa literalmente “povo da terra”; é também uma forma de indicar que uma pessoa é nativa destas ilhas. A terra é a alma da cultura CHamoru. Ela, junto com o mar, dá vida ao CHamoru”<sup>35</sup>. Além disso, Perez (2021, p. 44, tradução minha) explica o papel da terra dentro da literatura

a ecopoética Chamoru articula uma identidade ecológica e uma visão de mundo Chamoru que lembra a história da criação CHamoru, reconecta Chamorus à terra e à sua sacralidade, honra os ancestrais CHamorus e taotaomo'na, protesta contra maior degradação ambiental e insiste que a terra (juntamente com as representações literárias da terra) é um local de cura, pertencimento e descolonização.<sup>36</sup>

<sup>35</sup> No original: CHamorus are commonly referred to as “taotao tano,” which literally means “people of the land;” it also is a way of indicating that a person is native to these islands. Land is the soul of CHamoru culture. It, together with the sea, gives life to the CHamoru.

<sup>36</sup> No original: Chamoru ecopoetics articulates a Chamoru ecological identity and worldview that remembers the CHamoru creation story, reconnects Chamorus to the land and its sacredness, honors CHamoru ancestors and

Portanto, a terra não é apenas um elemento da identidade, mas também da literatura. Nos textos que fazem parte da antologia, pude encontrar nas obras referências à terra, como por exemplo o poema de Anne Perez Hattori (2019, p. 31-32, tradução minha), *Halom Tano*, que ao utilizar ironia para falar da colonização estadunidense em seu poema, também fala sobre a terra para os chamorros:

anos se passaram e a selva ainda está lá / e apesar desses supostos milhões de cobras,  
/ os pássaros ainda cantam e cagam no nosso varal / apesar da invasão militar em  
nossa terra, / os porcos ainda brincam e os *binadu* ainda latem / e lá em cima em  
Yigo / no extremo norte / onde nove irmãos brincavam / e onde novas gerações  
agora crescem / a selva ainda está lá, / ainda nos banhando / com *donne* e manga e  
abas e tudo / a selva ainda está lá, / sempre cheia com espíritos protetores / sempre  
me chamando para casa.<sup>37</sup>

Neste poema de Hattori (2019) podemos ver, então, esse poder da terra, da selva e da natureza em geral sobre os chamorros, ela está sempre os chamando. Isso acontece porque como ela menciona no poema, os espíritos protetores estão nesse local, junto a natureza, mas também porque existe um costume chamorro que diz que quando eles vão entrar nas florestas, eles pedem permissão aos antepassados, que são esses espíritos que a autora menciona. Para poder entrar, Evelyn Flores (2019, p. 327) no seu poema, *Well, we're all eating chá'guan now*, apresenta aos leitores: “Guela yan Guelu, kao sina yu malofan?”. A autora explica, com uma nota de rodapé, que a tradução para essa frase seria “Vó e Vô, posso passar?” e que essa é uma tradição de Guam, sempre que for entrar na floresta, todos precisam pedir permissão aos ancestrais. Portanto, esse poema de Hattori (2019) nos mostra essa ligação tão importante que os chamorros possuem com a terra, ela os chama porque, como Phillips (2023) diz, ela é a alma da cultura e da identidade chamorro. Isso faz parte de quem eles são.

Outro poema que faz parte da antologia que também apresenta essa importância da terra é *Forefathers* (2019), também de Hattori, ao falar sobre a colonização estadunidense, questiona porque os chamorros aprendem a história, a língua e a cultura dos Estados Unidos:

Então por que Nós / sim, Nós / ensinamos que Eles / são tudo / ou alguma coisa / ou  
mesmo qualquer coisa / para nós, / nativos Chamorros / que trabalham a terra, /

---

taotaomo'na, protests against further environmental degradation, and insists that land (along with literary representations of land) is a site of healing, belonging, and decolonization.

<sup>37</sup> No original: years have passed and the jungle's still there / and despite those supposed millions of snakes, / the birds still sing and shit on our clothesline / despite the military's invasion of our land, / the pigs still play and the binadu still bark / and up there in Yigo / far far north / where nine siblings once played / and where new generations now grow / the jungle's still there, / still showering us / with *donne* and mango and abas and all / the jungle's still there, / forever filled with sheltering spirits / forever calling me home.



cavalgam no mar, / inalam nossas exalações, / e herdamos a terra imortalmente.  
(Hattori, 2019, p. 53-54, tradução minha)<sup>38</sup>

Como podemos ver nesse trecho de *Forefathers*, os chamorros herdamos a terra imortalmente, eles trabalham com ela e toda essa conexão que eles já possuem se fortalece com esses contatos e, conseqüentemente, esta vai sendo herdada de geração em geração. Outro poema que também fala sobre é *The Tree* de Christiane Taitano DeLisle (2019), que veremos a tradução quando falarmos sobre o período e a literatura que representa o período pós Espanha. Além disso, quando comentamos sobre a importância da terra para os chamorros tanto em questão literária quanto histórica e de identidade cultural, se torna importante ressaltar os problemas do povo com o turismo em razão da terra. Guam é uma bela praia paradisíaca e, conseqüentemente, uma grande atração turística, inclusive, a principal fonte de economia da ilha atualmente é o turismo. Entretanto, os chamorros possuem um grande problema com isso por causa da degradação do local em função deste e, além do mais, por causa das propagandas sobre a ilha que apenas mostram o local como uma grande extensão estadunidense, ou seja, o povo chamorro, com a sua cultura e os seus costumes é apagado, sendo apenas lembrado como “atrações” da ilha.

Um poema que ilustra muito bem essa situação é *I could be Miss Guam Tourism* de Kisha Borja-Quichocho-Calvo (2019), no qual a narradora expressa como ela poderia ser a “Miss Turismo de Guam” se ela fosse mais estadunidense:

Eu poderia ser a Miss Turismo de Guam / se tivesse 1,60m / e ficasse bem de biquíni. / Não importa / se eu conheço a cultura e a história de Guahan, / como o Chode Mart vende a *empañada* mais crocante da ilha, / ou que a melhor manga em conserva se encontra na aldeia de Talofofu. / Não importa / se eu sei que antes de entrar na selva, / ela deve dizer “Guella yan Guello” / para mostrar respeito pelos seus antepassados. / Não importa se eu sei que “dar uma volta pela ilha” com a família / significa apenas dar uma volta pelo Sul. / E se eu dissesse que a infância de cada Chamoru / incluía ir à praia de Ipao e capturar caranguejos duk-duk na areia / e brincando com o balati preto mais grosso, / ainda assim não importaria. / Não tenho 1,60m / Minha *dâgan* mal cabe em um biquíni.<sup>39</sup> (2019, p. 324, tradução minha, grifo da autora)

<sup>38</sup> No original: So why do We / yes, We / teach that They / are everything / or something / or even anything / to us, / Chamorro natives / who work the soil, / ride the sea, / inhale our exhalations, / and inherit the land immortally.

<sup>39</sup> No original: I could be Miss Guam Tourism / if I were 5'3" / and looked good in a bikini. / It doesn't matter / if I know Guahan's culture and history, / how Chode Mart sells the crunchiest *empañada* on the island, / or that the best pickled mango can be found in the village of Talofofu. / It doesn't matter / if I know that before one enters the jungle, / she must say, “Guella yan Guello” / to show respect for her ancestors. / It doesn't matter if I know that "going around the island" with family / means only going around the South. / And if I said that every Chamoru's childhood / included going to Ipao Beach and capturing duk-duk crabs in the sand / and playing with the thickest black balati, / it still wouldn't matter. / I'm not 5'3" / My *dâgan* can barely fit into a bikini.

Sendo assim, a terra aparece na antologia de diversas formas, mas sempre mostrando esse papel fundamental que ela possui nos diversos aspectos da vida dos chamorros. Vale ressaltar que ao falar de terra e de literatura chamorro, estou falando, também, sobre a natureza, que como podemos ver também é muito importante. Desta forma, a terra conta a história chamorro, ela é a alma desse povo e, por essa razão, está tão presente em sua literatura também.

Portanto, como veremos a seguir com a tradução do poema de Iriarte, alguns poemas podem ser considerados como heranças, ou dentro do que comentei acima como fazendo parte, do Kantan Chamorrta e o poema que traduzi se encaixa perfeitamente nesse caso, conforme o exemplo que apresentei e a tradução mais adiante. Além disso, *I Tinituhon/The Beginning* começa a apresentar ao leitor o importante papel da terra tanto como uma questão cultural e histórica quanto uma questão da literatura, como veremos a seguir com a versão original em chamorro desse poema, a tradução para o inglês do autor e, por fim, a minha própria tradução deste.

### 3.1.1 Tradução 1

ORIGINAL		TRADUÇÃO
I Tinituhon	The Beginning	O começo
Leonard Z. Iriarte	Leonard Z. Iriarte	Leonard Z. Iriarte
Gi tinituhon, i tinituhon, Ge'halom hinasson i Yahululo', Manetnon i hinafa siha, Taihinekkok yan taichi, Ge'halom hinasson i Yahululo', Ge'halom hinasson, ge'halom hinasson i Yahululo', Hui! Taihinekkok yan taichi,	In the beginning, the beginning, Within the mind of the Most High, All things were combined as one, Infinite and limitless, Within the mind of the Most High, Within the mind, within the mind of the Most High,	No começo, no começo, <sup>40</sup> Dentro da mente do Altíssimo, Todas as coisas eram combinadas como um, Infinito e ilimitado, Dentro da mente do Altíssimo, Dentro da mente, dentro da mente do Altíssimo, Hui! <sup>41</sup> Infinito e ilimitado,

<sup>40</sup> Consultores linguísticos, Mark A. Santos e Jeremy N. C. Cepeda 1.1 Tinituhon, “The Beginning”, é uma canção (normalmente cantada e executada por mulheres) derivada da história da criação indígena. É uma referência ao povoamento humano inicial do Arquipélago de Mariana. É, portanto, visto como um título oral para a terra.

<sup>41</sup> As vocalizações Hui! Ha! e Ei! são usados para transmitir um sentido semântico subjacente mais profundo. São ritualisticamente chamados e usados como ponte para o reino sobrenatural.

Ha!	Hui! Infinite and limitless Ha!	Ha!
Gi tinituhon, i tinituhon, Annai tâya tano yan tâya' hânom, Manetnon i hinafa siha, Taihinekkok yan taichi, Annai umadingan si Saina, manhuyong hulu, Ya milalak i hinasso-ña, Manmâtto talangan hulu Manmâtto talangan hulu, Manmâtto talangan hulu,	In the beginning, the beginning, When there was no land and no water, All things were combined as one, Infinite and limitless, When the Elder spoke, thunder emerged, And it flooded his thoughts, Then came rolls of thunder, Then came rolling thunder, Then came rolling thunder,	No começo, no começo, Quando não havia terra e nem água, Todas as coisas eram combinadas como um Infinito e ilimitado, Quando o Ancião falou, o trovrou surgiu, E inundou seus pensamentos, Então os trovões ecoaram, Então os trovões ecoaram, Então os trovões ecoaram,
Chumiche' si Pontan, Ya ha tungo' na maolek, Magof si Fo'na lokkue', Ya ha tutuhon lumâlai, Kalang i manglo', uma'gang gui', Annai hiningok gui' as Pontan, Ha tutuhon mangguifi Ha tutuhon i guinifi, Ha tutuhon i guinifi,	Then Pontan smiled, And he knew it was good, Fo'na too was happy, And she began to sing, Like the wind, she resounded, When she was heard by Pontan, He began to dream, He began the dream, He began the dream,	Então Pontan <sup>42</sup> sorriu, E ele sabia que era bom, Fo'na <sup>43</sup> também estava feliz, E ela começou a cantar, Como o vento, ela ressoou, Quando ela foi escutada por Pontan, Ele começou a sonhar, Ele começou a sonhar, Ele começou a sonhar,
Manli'e' gui' sagan taotao, Ha li'e' i fama'iyân, Guaha meggai na lina'la' tâsi, Mâtmo haggan yan guihan, Ya annai makmata gui', Ha âgang i che'lu-ña, “Hânao mâgi yan ekungok, Sa' ti âpmam mâtai yu, Sa' ti âpmam mâtai yu',”	He saw a place for people, He saw the rice fields, There was much sea life, Plenty of turtles and fish, And when he awoke, He called to his sister, “Come close and listen, For soon I will die, For soon I will die,”	Ele viu um lugar para o povo, Ele viu os campos de arroz, Tinha tanta vida marinha, Bastante tartarugas e peixes, E quando ele acordou, Chamou a sua irmã, “Chegue perto e ouça, Logo eu morrerei, Logo eu morrerei,”
“Chule' i agaga' na odda',	“Take the red earth,	“Pegue a terra vermelha,

<sup>42</sup> Pontan, “um coco maduro que caiu da árvore”, é o nome do irmão na história da criação indígena. Na história, ele empodera sua irmã para criar o mundo para os seres humanos. Em teoria, ele é o descobridor inicial do arquipélago, que em última análise lidera a sua linhagem matriarcal no esforço inicial de colonização, garantindo assim o direito como primeiro líder supremo masculino na hierarquia social tradicional, alcançando em última análise o estatuto mítico.

<sup>43</sup> Fo'na, “ser a primeira”, é o nome da irmã na história da criação indígena. Na história, ela recebe o poder de seu irmão para criar o mundo para o homem. Em teoria, ela é a mulher com classificação mais alta em sua linhagem matriarcal e, portanto, recebe o direito de ser a primeira mulher líder suprema na hierarquia social tradicional. Ela também finalmente alcança o status mítico.

<p>Yan yalaka gi inai yan hãnom,  Fa'tinas i palao'an,  I fine'nana na hãga,  Fa'tinas i lahi lokkue', I fine'nana na lâhi,  Na'etnon siha pâ'go,  Yan na huyong i taotao siha,  "Na'huyong i taotao siha,"</p>	<p>And mix it with sand and water,  Make the woman,  The first daughter,  Make the man also,  The first son,  Now bring them together,  And create all of the people,  Create all of the people,"</p>	<p>E a misture com areia e água,<sup>44</sup>  Faça a mulher,  A primeira filha,  Faça também o homem,  O primeiro filho,  Agora os traga juntos,  E crie todo o povo,  Crie todo o povo,"</p>
<p>"Ginen i ha'of-hu,  Fa'tinãsi siha ni langet,  Yan i maolek na mânglo',  U masu'on i layak siha,  Ginen i tatalo'-hu,  Fa'tinas i tano' yan i ekso',  Na'huyong i mames na hãnom,  I sen mames na hãnom,  I hanom Hagã'-ña,"</p>	<p>"From my chest,  Make the sky,  And the good winds,  They will push the sails,  From my back,  Make the land and the hills,  Create the sweet water,  The sweet water,  The water of Hagã'-ña,"</p>	<p>"Do meu peito,  Faça o céu,  E os bons ventos,  irão empurrar as velas,  Das minhas costas,  Faça a terra e as colinas,  Crie a água doce,  A água doce,  A água de Hagã'-ña,"<sup>45</sup></p>
<p>"Chule" i matã-hu,  Ya u fanmanli'e' i taotao siha,  I atdao gi ha'ani,  Yan i pilan gi pipuengi,  Ya annai monhãyan,  Na'huyong i isa,  Yan a'kalãye' gi langet,  Gi sanhilo' i taotao tâno,  I manaotao tano',  I manaotao tâsi,"  I manmofo'na na taotao!  I Matao!  Ho!</p>	<p>"Take my eyes,  So all the people may see,  The sun in the day,  And the moon at night,  And when it is completed,  Create the rainbows,  And suspend them,  Above the people of the land,  The people of the land,  The people of the sea,"  The first people! The Matao!  Hoi!</p>	<p>"Pegue os meus olhos,  Para que o povo possa ver,  O sol do dia,  E a lua a noite,  E quando estiver completo,  Crie os arco-íris,  E os suspenda,  Acima do povo da terra,  O povo da terra,  O povo do mar"  O primeiro povo! O Matao!<sup>46</sup>  Hoi'!</p>

O poema de Leonard Z. Iriarte foi meu primeiro contato com a história da criação do mundo dos chamorros. A primeira leitura que fiz desse poema foi durante minhas pesquisas para compreender melhor a literatura e a cultura da ilha, desta forma, durante a leitura não refleti sobre as possibilidades de tradução para esse poema. Durante o processo de tradução de

<sup>44</sup> Uma referência aos ingredientes para a fabricação da cerâmica e a implicação de que as mulheres participavam dessa atividade.

<sup>45</sup> Uma referência à nascente de água doce da aldeia primordial de Hagã'-ña, que se traduz como "sangue dele/dela". A posição de Hagã'-ña na hierarquia tradicional da aldeia e o significado do seu nome (uma referência adicional à matrilinearidade de Pontan e Fo'na) sugere que a aldeia foi o local inicial de localização de humanos no arquipélago.

<sup>46</sup> Nome denominado ao povo anterior ao contato europeu. *Chamoru* é o nome de contato pós-europeu tanto dos povos indígenas do Arquipélago das Marianas quanto de sua língua.

*I Tinituhon/The Beginning*, o primeiro elemento com o qual me deparei foi o da própria tradução, já que Iriarte traduziu a canção para o inglês com o auxílio de Mark A. Santos e Jeremy N. C. Cepeda, que foram os seus consultores, conforme o autor menciona na nota de rodapé. Neste caso temos, assim, uma canção ou um poema muito famoso em Guam que foi traduzido para o inglês, diferentemente de alguns textos da antologia.

Desta forma, em razão da história da criação do mundo ser muito antiga na ilha, esta inicialmente foi escrita em chamorro. Um dos principais aspectos que podemos notar é a falta de palavras que podem ser consideradas oriundas do espanhol em comparação com textos que tratam o período após esta colonização. Assim, refletindo sobre as traduções, tanto a minha quanto de Iriarte, podemos analisar, primeiramente, a questão da língua nativa. Na tradução para o inglês temos apenas três palavras que são do chamorro entre as palavras da língua inglesa: Pontan, Fo'na e Hagâ'-ña, que se referem, respectivamente, ao irmão que criou o mundo, a sua irmã que o ajudou e a nascente de água doce da aldeia que foi o primeiro local dos chamorros na região.

Conforme Iriarte explica na nota de rodapé, Pontan significa em chamorro “um coco maduro que caiu da árvore”. Ele é considerado como o primeiro a descobrir o arquipélago, especialmente porque a região é criada a partir das partes do seu corpo. Ele dá o poder a sua irmã, Fo'na, que significa em chamorro “ser a primeira”, para criar toda a região da Micronésia. Além disso, para os chamorros os irmãos são considerados as primeiras pessoas a existirem em Guam e, conseqüentemente, para eles todos estão ligados de alguma maneira a Pontan e Fo'na, já que eles que deram início a linhagem do povo.

Na minha tradução, optei por manter também essas palavras do chamorro, especialmente porque as entendi como fazendo parte da cultura. Apesar de utilizar o texto em chamorro como base para compreender a língua, ver como esta funciona de uma forma geral e tentar compreender a relação das traduções do chamorro para o inglês, vale ressaltar que o texto fonte da minha tradução é o texto em língua inglesa, apesar da grande importância que o texto em chamorro teve durante o processo de tradução.

Mantendo essas informações em mente, devo considerar alguns aspectos bastante importantes do poema de Iriarte, como por exemplo, então, o uso dessas três palavras específicas do chamorro. De um poema inteiro escrito na língua nativa da ilha, apenas essas três permaneceram na versão em língua inglesa e acredito que existem fortes motivos para o autor ter optado por fazer essa escolha em relação ao seu texto. Podemos considerar, primeiramente, que os nomes dos irmãos que criaram o mundo não foram traduzidos para o

inglês. Apesar de se tratarem de nomes próprios, eles possuem suas próprias versões no inglês que são: Puntan e Fu'una, enquanto no chamorro, conforme está na tradução de Iriarte e na minha, temos Pontan e Fo'na. Sendo assim, o autor decidiu não utilizar os nomes nas suas versões da língua inglesa e, conseqüentemente, optei por tomar a mesma atitude.

Podemos refletir sobre essas atitudes de diversas maneiras. Uma das possibilidades que sempre retomo quando discuto sobre os textos da antologia é o propósito da sua publicação. Desta forma, a escolha de Iriarte de traduzir uma obra tão famosa na ilha de Guam para o inglês não é apenas para que leitores que não falam chamorro possam ter acesso, mas também para as pessoas que não conhecem a língua nativa da ilha também possam ter contato com essa obra tão importante da literatura chamorro, especialmente se considerarmos o quanto o processo de aprender chamorro está crescendo em Guam nos últimos anos. Portanto, a escolha de manter os nomes dos irmãos em chamorro traz uma informação muito importante ao texto e, conseqüentemente, à tradução também. Para refletir melhor sobre essa escolha, podemos voltar às palavras de Venuti (2019, p. 9, tradução minha)

ainda é possível reconhecer que a linguagem é errônea de maneiras social e historicamente específicas. Um texto é um artefato heterogêneo, composto de formas disruptivas de semiose como polissemia e intertextualidade, mas ainda assim é limitado pelas instituições sociais nas quais é produzido e consumido, e pelos seus materiais constitutivos, incluindo os outros textos que ele assimila e transforma, vincula a um determinado momento histórico. São essas filiações sociais e históricas que estão inscritas na escolha de um texto estrangeiro para tradução e na materialidade do texto traduzido, na sua estratégia discursiva e no seu alcance de alusividade ao público-alvo. E são essas filiações que permitem que a tradução funcione como uma prática política cultural, construindo ou criticando identidades carimbadas pela ideologia para culturas estrangeiras, contribuindo para a formação ou subversão de cânones literários, afirmando ou transgredindo limites institucionais.<sup>47</sup>

Ou seja, a escolha de manter esses nomes conforme eles são escritos no chamorro traz consigo uma “prática política cultural” conforme Venuti explica. Iriarte poderia facilmente optar por colocar os nomes dos irmãos na forma em que são escritos em inglês, entretanto, podemos analisar que essa escolha possui, sendo assim, certo grau político relacionado a

---

<sup>47</sup> No original: it is still possible to recognize that language is errant in socially and historically specific ways. A text is a heterogeneous artifact, composed of disruptive forms of semiosis like polysemy and intertextuality, but it is nonetheless constrained by the social institutions in which it is produced and consumed, and its constitutive materials, including the other texts that it assimilates and transforms, link it to a particular historical moment. It is these social and historical affiliations that are inscribed in the choice of a foreign text for translation and in the materiality of the translated text, in its discursive strategy and its range of allusiveness for the target-language reader. And it is these affiliations that permit translation to function as a cultural political practice, constructing or critiquing ideology-stamped identities for foreign cultures, contributing to the formation or subversion of literary canons, affirming or transgressing institutional limits.

identidade chamorro, assim como a minha escolha de traduzi-lo para este trabalho. Poucas pessoas conhecem a história da criação do mundo, tanto dentro da ilha quanto fora dela, e ao escolher utilizar os nomes em chamorro na tradução, estamos fazendo com o que o leitor tenha obrigatoriamente contato com a grafia na língua nativa. Esse contato é de extrema importância porque além de apresentar essa história totalmente diferente da qual estamos acostumados em relação a criação do mundo, também está fazendo com que esse primeiro contato seja ligado diretamente aos chamorros. Portanto, em casos como esses em que poderia optar pela grafia conforme a língua inglesa, escolhi utilizar a mesma do poema em chamorro e em inglês. Essa escolha aconteceu por uma questão de consideração do papel político cultural da tradução. Conforme Venuti explica que

Uma vez que as práticas culturais já são sempre sociais no seu significado e funcionamento, partilhadas por grupos sociais específicos, inscritas em ideologias que servem os interesses concorrentes desses grupos, alojadas em instituições que constituem centros de poder em qualquer formação social, a análise da tradução também pode incluir suas determinações ideológicas e institucionais, resultando em estudos detalhados que situam o texto traduzido em suas circunstâncias sociais e históricas e consideram seu papel político cultural<sup>48</sup> (2019, p. 10-11, tradução minha).

Sendo assim, minha escolha em todas as traduções de literatura chamorro é sempre manter as palavras que são do chamorro e fazem parte da obra original. Para pensar as traduções de obras chamorros, e não apenas as que irei apresentar neste trabalho, mas qualquer obra que venha a ser traduzida, devemos considerar a tradução não apenas como a transferência de palavras de uma língua para a outra, mas sim, como uma ponte cultural. Se palavras que são do chamorro estão presentes no original, e em alguns casos na tradução desse original para o inglês, há um motivo para isso, um posicionamento e, também, uma ideologia por trás dessas escolhas. Sempre devemos ressaltar o quanto a literatura chamorro atualmente não é apenas uma arte, mas também um posicionamento, uma forma de recontar uma história e apresentar uma cultura. Por consequência suas traduções devem levar todos esses aspectos em consideração, ao decidir adaptar todos esses pequenos grandes detalhes estamos fazendo uma escolha também, e essa escolha não condiz com a ideia original do texto

---

<sup>48</sup> No original: Since cultural practices are always already social in their significance and functioning, shared by specific social groups, inscribed with ideologies that serve the competing interests of those groups, housed in institutions that constitute centers of power in any social formation, the analysis of translation can also include its ideological and institutional determinations, resulting in detailed studies that situate the translated text in its social and historical circumstances and consider its cultural political role. This would involve examining the place and practice of translation in specific cultures, addressing such questions as which foreign texts are selected for translation and which discursive strategies are used to translate them, which texts, strategies, and translations are canonized or marginalized, and which social groups are served by them.

fonte. Além disso, devemos lembrar que todo processo de tradução é um processo de escolha e que não existe uma decisão certa.

Como a tradução apresenta a criação do mundo para o povo da Micronésia, ela também apresenta como eles eram chamados nesse período. Na primeira parte deste trabalho, comentei que os chamorros tinham duas nomenclaturas para o seu povo, uma se refere ao período pré colonização espanhola e o outro ao pós. Sendo assim, como esse poema retrata o período antes da invasão espanhola, quando Pontan diz para criar todo o povo da terra, ele finaliza, então, dizendo o “Matao”. Essa separação não ocorre apenas por causa dos contatos que ocorreram com outros povos da Micronésia que formaram mais tarde os chamorros, mas também porque essas são as pessoas mais conectadas a Pontan e Fo’na, já que eles foram os primeiros a serem criados pelos irmãos. Portanto, na antologia essa separação fica bastante evidente, já que apenas conseguimos ver essa nomenclatura nos textos que fazem parte da seção “Origens” e que retratam claramente o período anterior à primeira colonização da ilha.

Outro texto que também trabalha com essa separação do povo pré e pós colonização também é de Iriarte, mas não é uma canção famosa da ilha, o poema *Manotohge Hit/We Stand* possui uma estrutura parecida com o que acabamos de analisar, isto é, uma primeira versão em chamorro seguida por uma versão em inglês, como veremos a seguir.

### 3.1.2 Tradução 2

ORIGINAL		TRADUÇÃO
Manotohge Hit	We Stand	Os ossos velhos
Leonard Z. Iriarte	Leonard Z. Iriarte	Leonard Z. Iriarte
Manotohge hit gi sanhilo’ i manâmko’ na to’lang siha,	We stand over all of the old bones,	Os ossos velhos embaixo dos nossos pés,
Ya in tina i Manmatao, i manmofo’na na taotao,	And we praise the Matao, the first people,	louvamos o Matao <sup>49</sup> , o povo de antes
Ni’ manmâtto gi mamfine’nana na sakman siha,	Who arrived on the first sailing canoes,	Que chegou nas primeiras canoas à vela,

<sup>49</sup> Consultores linguísticos, Mark A. Santos e Jeremy N. C. Cepeda I. O uso do termo Matao em uma declamação faz referência a ancestrais de contato pré-europeus. *Chamoru* é o nome de contato pós-europeu tanto dos povos indígenas do Arquipélago das Marianas quanto de sua língua.



In tina i mañainan-mãmi,	We praise our ancestors,	louvamos nossos ancestrais,
Ya in tina i manãmkó' na to'lang siha.	And we praise all of the old bones.	E louvamos todos os ossos velhos.

Para a tradução de *I Tinituhon/The Beginning*, comentei que utilizei a versão em chamorro do texto em inglês como base para melhor compreender o funcionamento da língua, o que me permitiu visualizar como palavras que podem ser consideradas do espanhol não fazem parte destes textos. Mantendo esse aspecto, para comentar sobre a tradução de *Manotohge Hit/We Stand*, preciso primeiramente comentar sobre o quão importante o texto em chamorro foi para a tradução do português. Isso ocorreu pela mesma razão que fiz uma análise em que considerei a tradução do chamorro para o inglês no primeiro poema que analisamos. No entanto, enquanto o texto em chamorro não teve um grande papel na tradução do português em *I Tinituhon/The Beginning*, nesta segunda tradução foi fundamental.

Na minha primeira versão, havia focado apenas no texto em inglês para a tradução, assumindo equivocadamente que como não falo chamorro, a versão do texto escrita na língua nativa da ilha não traria nenhuma informação ou base para o texto em língua inglesa. Sendo assim, o primeiro verso havia sido traduzido desta forma: “Nós ficamos sob todos os ossos velhos”, que seria uma tradução bastante equivalente da frase em inglês “We stand over all of the old bones”, entretanto, após conversas com meu professor sobre o quanto essa escolha de tradução não parecia transmitir todo o significado importantíssimo da conexão com a ancestralidade dos chamorros, optamos, então, por voltar para o texto na língua nativa ao invés de apenas ignorá-lo por assumirmos que já que não falamos a língua não podemos de alguma forma analisá-la.

Esse retorno ao primeiro texto, porque devemos considerar que esse poema inicialmente foi escrito na língua nativa e, então, traduzido para o inglês, fez com que algumas mudanças acontecessem da primeira versão para a segunda. O primeiro verso ficou desta forma: “Os ossos velhos embaixo dos nossos pés”, em questão de tradução de palavra por palavra, ou a tão famosa e temida equivalência, não temos esse resultado. O foco dessa versão final do primeiro verso é a cultura chamorro. Na parte I deste trabalho, quando comentei sobre a identidade chamorro, um dos aspectos que analisei como fazendo parte da identidade deles foi a conexão com os antepassados. Essa conexão é de extrema importância nesse poema de Iriarte especialmente por causa dos “ossos velhos”, que se referem, na verdade, aos antepassados dos chamorros. Conforme comentei anteriormente, antes da

colonização espanhola e por um curto período durante, os chamorros tinham o costume de manter os ossos dos familiares falecidos em casa para manter uma conexão com eles, pedir conselhos e até mesmo apenas para conversar. No entanto, os chamorros perderam esse costume por causa da colonização, na qual esse ato se tornou proibido.

Sendo assim, esse primeiro verso do poema não está apenas dizendo que os chamorros estão sob os ossos velhos, está, então, se referindo a esses ossos velhos que estão embaixo dos seus pés e a essa forte conexão que possuem com esses ossos, especialmente porque para os chamorros quando alguém falece, não significa que o contato com aquela pessoa acaba, ele apenas muda de forma.

Durante minha análise do texto em chamorro, o que tornou possível visualizar essa importância dos ossos foram essas seguintes palavras em destaque:

Manotohge hit gi sanhilo' i manâmkô' na to'lang siha,	<b>We</b> stand over all of the old bones,
Ya <b>in tina</b> i Manmatao, i manmofo'na na taotao,	And <b>we</b> praise the Matao, the first people,
Ni' manmâtto gi mamfine'nana na sakman siha,	Who arrived on the first sailing canoes,
<b>In tina</b> i mañainan-mâmi,	<b>We</b> praise our ancestors,
Ya <b>in tina</b> i manâmkô' na to'lang siha.	And <b>we</b> praise all of the old bones.

Ao analisarmos os versos lado a lado, é possível compreender que nos versos em chamorros que havia “in tina” em inglês havia, então, o uso de “we”, com exceção do primeiro verso e do título, no qual temos o pronome em inglês, mas não temos o que seria seu equivalente em chamorro. Essa escolha do chamorro para o inglês pode afetar bastante a tradução para o português, isso acontece porque na língua inglesa não podemos começar frases com verbo como fazemos no português, com exceção dos casos do imperativo. Desta forma, na tradução do chamorro para o inglês, a segunda língua exige que o primeiro verso comece com um sujeito, neste caso “we”, mesmo não havendo “in tina” neste verso, isso é, assim, uma exigência da língua de chegada, não da língua de partida. O que, então, tornou possível analisar se “Nós ficamos sob todos os ossos velhos” seria a melhor escolha, especialmente quando meu foco nestas traduções é bastante similar com o propósito da

antologia. Sendo assim, como “in tina” não faz parte do primeiro verso, não é necessário, desta forma, a obrigatoriedade da presença de “nós” na tradução do português e, conseqüentemente, nem seguir a mesma ordem frasal que temos no inglês, especialmente quando o texto em chamorro foi o mais considerado para a tradução deste verso. Além disso, essa mudança ocorreu no próprio título que é *Manotohge Hit/We Stand*, que inicialmente havia sido traduzido para “Nós permanecemos”, entretanto, assim como houve essa mudança no primeiro verso, optei por fazê-la no título também. Sendo assim, a versão final do título ficou “os ossos velhos” para poder dar essa ênfase na importância que esses ossos possuem dentro da cultura chamorro.

A importância de manter a cultura chamorro nessas traduções é fundamental. Durante a tradução sempre há escolhas entre a domesticação ou não do texto literário e, conseqüentemente, dos valores culturais também. Além disso, os textos chamorros não trabalham apenas questões culturais, questões identitárias estão muito presentes também, e por esta razão, precisamos ser extremamente cautelosos com as decisões que tomamos em relação às traduções, especialmente se pensarmos em questões de domesticação também. Venuti (2002, p. 130) explica que algumas escolhas afetam a visão da cultura de origem para a cultura alvo em razão da domesticação ou escolhas que podem levar a visões xenofóbicas ou racistas, e como os textos chamorros são praticamente inéditos no Brasil e, podem ser também, o primeiro contato que um leitor tenha tanto com a história quanto com a cultura e a identidade desse povo, temos aqui, portanto, um caso em que a domesticação é uma escolha que pode ser considerada perigosa. Pode se tornar uma escolha perigosa por causa do enorme papel que a literatura chamorro possui para o povo atualmente. Este é um meio de reconstrução de elementos apagados e renegados, sendo assim, a domesticação dessas marcações culturais acarretaria em todo um apagamento desse movimento que está tão presente na literatura chamorro. Venuti ainda acrescenta que

A tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras. [...] As literaturas estrangeiras tendem a ser desvinculadas do seu sentido histórico pela seleção de textos para tradução, afastadas das tradições literárias estrangeiras nas quais estabelecem seu significado. Os textos estrangeiros são, em geral, reescritos para se amoldarem a estilos e temas que prevalecem *naquele período* nas literaturas domésticas, em detrimento de discursos tradutórios mais caracterizados pela historicidade, que recuperam estilos e temas do passado, inserindo-os nas tradições domésticas. (2002, p. 130, grifo do autor)

Sendo assim, conforme argumenta Venuti (2002), a tradução é um dos principais veículos para que uma cultura possua contato com a outra e, por conseguinte, a forma como

esse texto é trabalhado afeta a visão que o leitor terá da cultura que está sendo apresentada na obra. Além disso, também devemos considerar o fato de que essas literaturas são muitas vezes desvinculadas dos seus sentidos históricos, entretanto, quando estamos refletindo sobre uma literatura que caminha de mãos dadas com a história do local, temos uma parte fundamental da tradução que se torna indispensável para o texto.

Por esta razão, as notas de rodapé também se tornam essenciais para a interpretação das obras chamorros, especialmente porque em alguns casos não temos apenas traduções das palavras em chamorro para o inglês, mas sim informações históricas e culturais. Pensando nas notas de rodapé que encontramos nos dois poemas de Iriarte, por exemplo, temos informações como o poema ser inicialmente uma canção, uma explicação sobre as vocalizações presentes na obra, uma explicação sobre os irmãos que criaram o arquipélago, a relação da mulher com a cerâmica, o local da ilha que eles acreditam que foi a primeira aldeia e também uma explicação de como eles chamam o povo anterior a colonização espanhola. Todos os exemplos que comentei estão presentes nesses poemas e podemos considerar várias dessas notas como contendo uma informação cultural ou histórica, não apenas de tradução. Na verdade, no conjunto dessas notas, nenhuma delas está traduzindo as palavras do chamorro, especialmente se consideramos que temos a tradução dessas palavras no texto ao lado em ambos os casos das obras de Iriarte, o que é diferente em outras obras chamorros conforme veremos mais adiante.

Portanto, mantendo ao manter em mente o conteúdo dessas notas, um dos primeiros aspectos que podemos refletir sobre é a sua função. Genette (2009, p. 281) explica que a nota “é um enunciado de tamanho variável (basta uma palavra) relativo a um segmento mais ou menos determinado de um texto”, ou seja, o tamanho dessa nota pode variar. Nos casos de Iriarte temos notas que fazem uma explicação sobre termos utilizados no texto, conforme Genette (2009, p. 286) explica que é uma das funções, e ainda acrescenta como a dificuldade é maior para encontrar poemas sem notas autorais que possuem um fundamento ou uma explicação histórica. O autor (2009, p. 292) ainda acrescenta que uma nota autoral em um texto de ficção, neste caso, de poesia, é em sua maioria discursiva e, na maioria das vezes, irá tratar assuntos sobre os aspectos não-ficcionais da narrativa. Portanto, pensando nas notas que temos nas traduções de Iriarte, temos exatamente esse caso explicado por Genette (2009). Notas, então, que possuem um cunho muito mais histórico, com exceção da nota que explica sobre as palavras que representam uma vocalização.

A partir desse viés histórico que as notas possuem podemos refletir, desta forma, sobre os destinatários destas. Genette (2009, p. 285) afirma que o destinatário das notas é, primeiramente, o leitor do texto, entretanto, as notas não são obrigatoriamente para todos os leitores, em alguns casos, ela pode ser “de leitura facultativa e endereçar-se, por conseguinte, apenas a alguns leitores: aqueles a quem possa interessar determinada consideração complementar ou digressiva, cujo caráter acessório justifica exatamente a colocação em nota”. Sendo assim, pensando nas notas das obras de Iriarte, podemos refletir sobre quem são os destinatários destas.

Pensando, primeiramente, no povo chamorro, podemos assumir que essas notas não são para todos os chamorros que lerem os poemas, especialmente porque essas notas trazem informações históricas que alguns chamorros podem já conhecer, no entanto, essa possibilidade não exclui todos os nativos de Guam dessa lista, especialmente se considerarmos que diversos chamorros não sabem sua própria história ou apenas pequenos trechos que ouviram ou leram no decorrer dos anos. Porém, se considerarmos o leitor brasileiro, podemos assumir que essas notas são para quase todos, já que o conhecimento sobre Guam no Brasil é pouco e o material de informação sobre a ilha também. Desta forma, o destinatário da nota de rodapé pode variar, dependendo muito do conhecimento que o leitor possui de Guam e do povo chamorro.

Mantendo em mente o povo chamorro e os possíveis destinatários das notas de rodapé das obras de Iriarte, precisamos refletir, também, na nota que traz a informação sobre os Matao. Como os próprios chamorros já são pouco conhecidos no mundo inteiro, até mesmo nos Estados Unidos, conforme Perez (2021) relata em seu texto, o termo “Matao” é menos conhecido ainda. Esse termo aparece apenas nos textos que retratam Guam e o seu povo antes da primeira colonização. Portanto, os textos que retratam pós período espanhol, ou até mesmo durante este, não utilizam esse termo. O termo que passa a ser utilizado é o “chamorro”, que conhecemos e utilizamos hoje e, conseqüentemente, a partir disso os textos começam a ter palavras que são oriundas do espanhol, conforme veremos no próximo período histórico.

Sendo assim, as obras chamorros que retratam o período anterior à primeira colonização, utilizam termos diferentes para falar sobre o povo, assim como possuem bastante informações históricas em suas notas de rodapé. Além disso, podemos visualizar melhor o importante papel que a poesia tem nessa literatura e, conseqüentemente, na sua tradução.

### 3.2 Pós Espanha

Ao escolher os períodos históricos que estariam presentes nas traduções, a escolha de focar no período da pré colonização espanhola e no pós dessa colonização ocorreu em razão de diversos fatores, mas um dos principais foi a questão da língua. Conforme analisei no item anterior, não encontrei marcações de palavras que possam ser entendidas como oriundas do espanhol em textos que refletem esse primeiro período, mas podemos facilmente encontrá-las nos textos que retratam os anos durante o domínio espanhol e após esse período e isso fez com que a escolha das obras que seriam traduzidas não apenas focasse na questão histórica, mas também linguística, baseada nas palavras que encontrei durante minhas leituras das obras chamorros, que inicialmente interpretei de uma forma totalmente diferente da qual elas realmente eram.

Na primeira vez que li um texto chamorro, a minha falta de conhecimento sobre a ilha fez com que presumisse que algumas palavras fossem do espanhol e não do chamorro, como na verdade são. Nessa primeira leitura, entendi a língua chamorro, mesmo aquelas palavras que havia pensado que eram do espanhol, como uma marca cultural em razão de estar extremamente presente nessa literatura, especialmente porque os chamorros estão utilizando essas obras para mostrar sua língua tanto para os chamorros quanto para outras pessoas.

A língua chamorro foi muito atacada durante as colonizações, como já vimos nesse trabalho, e trazê-la para as obras dessa literatura é um grande movimento de resistência, mas não apenas isso, é uma forma de devolver para o povo chamorro algo que eles julgaram como perdido por um tempo. O chamorro por diversos anos não foi ensinado na escola e vários chamorros estão tentando aprender a língua como uma forma de buscar a identidade de quem são como esse povo. Cushing no seu ensaio *A Journey of CHamoru Self-Discovery* (2019, p. 266, tradução minha) relata o que os seus familiares a disseram quando ela se matriculou para fazer um curso de chamorro na faculdade

Mas enquanto eu pensava que estava progredindo, minha própria família zombava de mim por falar palavras que não eram nativas. “Esses professores estão errados ao ensinar palavras que não pertencem à língua CHamoru”, disseram eles. “Eles acham que por terem diplomas podem ‘aprimorar’ o idioma. Isso não é o verdadeiro CHamoru.”<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> No original: But while I thought I was making progress, I was being laughed at by my own family for speaking words that were not native “Those teachers are wrong in teaching words that don't belong in the CHamoru language,” they said. “They think because they have degrees they can 'fancy' up the language. That is not real CHamoru.”

Como Cushing relata, mesmo quando eles aprendem a língua em um lugar especializado para isso, os familiares mais velhos julgam porque não estão aprendendo o que é considerado o chamorro verdadeiro. Esse movimento da língua já alcançou novas proporções, por exemplo, atualmente existe um website para aprender chamorro online com os nativos de Guam. O website *Learning CHamoru* é uma plataforma gratuita que possibilita que diversos chamorros, mesmo aqueles que não estão em Guam, possam aprender a língua e manter a conexão com a sua terra e o seu povo. Os relatos desses chamorros, disponibilizados pela plataforma, me permitiram compreender o enorme papel que a língua desempenha na cultura e na identidade e, conseqüentemente, na literatura.

Moñeka De Oro diz que “Aprender CHamoru reflete meu orgulho como filha de Guam e alimenta meu sonho de uma nação unificada e pacífica nas Ilhas Marianas”, já Ray Torres defende que caso os chamorros não se comuniquem na sua própria língua, eles “irão morrer com o povo” e Jeff Mendiola defende que mesmo morando na Áustria agora, ele pode aprender a língua e manter sua conexão com a sua casa, a ilha de Guam, e passar essa conexão para os seus filhos também. Sendo assim, pensando nesses pequenos trechos desses relatos, podemos refletir sobre o quanto as palavras do chamorro estão presentes na sua literatura e o porquê. Conforme menciona Ray Torres, os chamorros temem que a sua língua morra com o povo e, conseqüentemente, se perca, mas ao termos uma obra que possui diversos autores trabalhando com a língua nativa, a possibilidade de isso acontecer começa a diminuir, o que podemos assumir que é apenas um dos motivos para os chamorros trazerem tanto a língua para os textos.

Além disso, é possível ver a língua nativa como uma forma de conexão entre o povo e, por essa razão, está tão presente na literatura deste local. Como a antologia possui diversos autores, cada autor procurou trabalhar com a língua da forma que julgou ser melhor, fazendo com que a língua aparecesse de formas variadas na obra. Por exemplo, alguns autores optaram por utilizar palavras do chamorro em seus textos e não fazer uso das notas de rodapé e sem qualquer tradução no corpo do texto, fazendo com o que o leitor busque por essas palavras para poder entender a obra, mesmo se esse leitor for chamorro, ou brasileiro, como é o meu caso, um exemplo dessa situação é o poema de Angela Hoppe-Cruz, *English Only Law Impact* (2019, p. 198), que utiliza palavras em chamorro no seu poema sem traduzir essas palavras:

**Part I Ekungok, pot fabot...**

Guela yan Guelu, what meaning do our words have if we cry to you in English?

**Part II Broken**

Guahu

si

chaggi I

fino

Chamorro

Dispensa yu,

guahu

si

fino

Chamorro

Durante a leitura desse poema, tentei traduzir as palavras do chamorro para o inglês e, posteriormente, para o português, uma ferramenta que foi de grande ajuda durante essa tentativa de tradução foi um dicionário online de chamorro, o *Chamorro Dictionary*, que é alimentado por falantes do chamorro com traduções para o inglês. Então, através desse dicionário, consegui compreender que as palavras “pot fabot” significam “por favor” e “Ekungok” significa “ouvir”. Assim como consegui entender que “Guahu” é o pronome “eu” e “chaggi” é “tentar”, “dispensa” ou “perdoar”. Portanto, esse poema de Hoppe-Cruz (2019) é um bom exemplo de como usar as palavras do chamorro faz com que o leitor além de ter contato, algumas vezes busque sobre aquela língua e, por conseguinte, procure aprender sobre esta. Não posso afirmar que estou aprendendo chamorro, mas por causa das buscas por traduções, algumas palavras já estão ficando familiares durante a leitura de algumas obras, o que auxilia bastante na tradução destes textos, como vimos com o poema de Iriarte. Desta forma, estar familiarizada com a estrutura e algumas palavras da língua me permitiu repensar algumas escolhas de tradução que antes pareciam tão óbvias.

Enquanto por um lado alguns autores optaram por utilizar a língua chamorro sem qualquer tradução, por outro alguns autores optaram por trazer a obra original em chamorro e



traduzi-la para o inglês, como por exemplo o poema *Tinaitayon Hinanão Sākman Saina/Prayer for Safe Journey* (2019, p. 40) de Ronald T. Laguana e Rudolph E. Villaverde, que apresenta uma canção chamorro sobre o primeiro barco a vela a ir de Guam para Rota, uma região da ilha.

<p>O Asaina, tayuyuti i hinanão-ña i sakman na u hinago' i chi-ña yan i hinanãnao-ña mo'na gi tâsi. Imbrásia i Saina para i hinanão-ña guatu gi tano' Luta yan ta'lo tâtte gi tano'-ta Guâhan</p>	<p>O Father, We pray for your blessing to guide this Flying Proa to reach its landfalls over the depths of the sea. Embrace the Sakman Saina on its maiden voyage to Luta (Rota), Sa'ipan and its return to Guâhan.</p>
---	---

Como podemos ver acima, o uso de “O” tanto no chamorro quanto no inglês, nos permite visualizar a oralidade desse poema e, também, refletir sobre como ele também pode ser considerado uma das heranças do Kantan Chamorrita. Além disso, conforme o autor explica, esse poema é uma canção escrita originalmente em chamorro e traduzida para o inglês. Perez (2021, p. x) comenta que começou a escrever poesia para colocar o povo chamorro no mapa, assim como também o ajudou a se manter conectado com a sua casa enquanto morava nos Estados Unidos e lidava com toda a questão de ser invisível para um povo que supostamente ele também fazia parte. Desta forma, essas obras nos mostram a língua como esse papel fundamental em uma literatura que está crescendo durante os anos, com publicações que não são mais “invisíveis”, que conseguem chegar aqui no Brasil e em outros lugares do mundo também e que pode, talvez, influenciar as pessoas tanto da ilha quanto de fora dela a darem uma atenção a ela.

Sendo assim, nos textos que traduzi que retratam esse período, temos, então, uma grande presença da língua chamorro. No caso do primeiro poema que irei analisar, as palavras do chamorro não estão juntas do inglês, mas inicialmente temos o texto em inglês e então a sua tradução em chamorro ao lado. A ordem dos textos nos permite, desta forma, analisar que neste caso não temos uma obra inicialmente escrita na língua nativa e traduzida para o inglês como uma forma de tornar o texto mais acessível. Consequentemente, conseguimos ver

palavras como “prensa”, “eskuela” e “siempre” junto do texto totalmente em chamorro. Podemos facilmente ler essas palavras e as compreender como fazendo parte do espanhol, o que pode dificultar a nossa interpretação da obra e desvincular do propósito dos autores, por essa razão que se torna importante esse conhecimento de Guam para poder ter uma experiência completa com os textos.

O texto a seguir retrata o período em que os espanhóis já estavam estabelecidos na ilha e o processo de colonização pelo qual os chamorros estavam atravessando. O poema de Evelyn Flores apresenta uma pessoa sendo chamada pela Sirena, que é uma das lendas mais famosas de Guam. A lenda de Sirena, explica o website *Guampedia*, conta a história de uma menina que adorava nadar no mar ao invés de fazer as suas tarefas. Um dia quando sua madrinha foi visitar sua casa, sua mãe reclamou do quanto a menina não cumpria seus afazeres e estava sempre dentro do mar e ao ir procurá-la, a encontrou nadando. Irritada, a mãe a amaldiçoa com as seguintes palavras: “Já que Sirena ama a água mais do que tudo, ela deveria virar um peixe!”<sup>51</sup>, entretanto, sua madrinha ao notar o tom áspero, rapidamente acrescenta: “Deixe a parte dela que me pertence como humana”<sup>52</sup>. Sirena se transforma, então, em uma sereia e em razão da transformação não pode mais deixar o mar. A menina decide não ter mais contato com a família e, por fim, ficar apenas na água. Diversas histórias em Guam contam que alguns marinheiros já tiveram alguns vislumbres da menina entre as ondas.

Essa lenda tão famosa, contada de geração em geração na ilha, serve para mostrar a grande influência que as palavras dos pais possuem nos seus filhos. Baseada no provérbio em chamorro “*Pinepetra i Funi’ Saina Kontra i Patgonta*” que possui a palavra “*pipenpetra*” derivada da palavra do espanhol “*petra*” que significa pedra, ou seja, as palavras dos pais “*apedrejam o filho à imagem que ele tem de si mesmo*”, explica Baza em seu artigo no website.

Sendo assim, Sirena não é apenas uma lenda da ilha, ela também é um dos símbolos do período espanhol. Ao refletir sobre o papel da mulher dentro da cultura e da história de Guam, podemos considerar, conseqüentemente, os personagens que fazem parte dessa lenda: três mulheres chamorros e na obra de Flores também temos essas três figuras femininas. Esses aspectos tanto da lenda quanto da obra são utilizados para mostrar a estrutura matrilinear do antigo chamorro e como a mãe possuía unicamente o direito de criar o seu filho. Baza ainda explica o que cada personagem representa na lenda: a mãe representa a obrigação de criar os filhos, a madrinha, então, representa o lado espiritual, especialmente porque “o papel da

<sup>51</sup> No original: Since Sirena loves the water more than anything, she should become a fish!

<sup>52</sup> No original: Leave the part of her that belongs to me as human

madrinha na sociedade Chamorro é altamente reverenciado, respeitado e influente no desenvolvimento e crescimento da criança<sup>53</sup> e, por fim, Sirena representa a inocência da juventude.

Pensando em toda essa enorme representação que Sirena possui na literatura chamorro, vamos analisar o poema de Evelyn Flores e a minha tradução deste, onde os acontecimentos do poema são bastante parecidos com os da lenda e diversos temas que fazem parte da lenda estão presentes neste poema.

### 3.2.1 Tradução 3

ORIGINAL		TRADUÇÃO
I Have Seen Sirena Out at Sea	Gua na hu li'i' si Sirena	Eu vi a Sirena lá no mar
Evelyn Flores	Evelyn Flores	Evelyn Flores
I have seen Sirena out at sea call to me.	Gua na hu li'i' si Sirena	Eu vi a Sirena lá no mar me chamando.
slender brown arm raised,	ha á'agang yu para bai hãnao huyong para i tasi.	braço delgado marrom levantado,
half in farewell, half in beckoning.	Hu li'i' kannai-ña, kulot i tanu' ha hahatsa, lamita despidi, lamita alof.	metade em despedida, metade em aceno.
“Come,” she says,	“Maila,” ilekña.	— Venha, — ela diz,
“Leave behind the ha'iguas to those ironing:	“Dingu i ha'iguas para i prensa;	— Deixe para trás as ha'iguas <sup>54</sup> para aqueles ferros de passar
Leave behind the schoolyard, and come with me:	Dingu i uriyan i eskuela.	Deixe para trás o pátio da escola, e venha comigo:

<sup>53</sup> No original: The role of the godmother in Chamorro society is highly revered, respected, and influential in the development and growth of the child.

<sup>54</sup> Publicado anteriormente, Brian Millhoff e Evelyn Flores, eds., *Images of Micronesia*, M-m-mauleg Publishing, 2006.

Consultor de idiomas *Chamoru*, David De Leon Flores Sr.

*ha'iguas* - cascas de coco queimadas como madeira para aquecer o ferro.

they will go on without you-”	Siempre mankonsisigi ha mo'na sin hãgu.”	eles continuarão sem você-
I cannot hear her,	Ti siña hu hungok hãfa ilelekña	Eu não consigo ouvi-la,
but I can read the words	lao hu taitai i fino'-ña	mas consigo ler as palavras
blown back from her lips as she arches	guinaifi tatti nu i manglo annai numañangu gui	soprando dos seus lábios enquanto ela arqueia
through the mouth of the Minondu.	huyong gi pachot i Minondu taiguihi i tuninos.	através da boca de Minondu. <sup>55</sup>
And I have made as if to go,	Ya hu bira yu kulan mohon bai dalalaki gui	E fiz parecer como se eu fosse,
turned half willingly toward the shore,	lamita gi ya guãhu para guatu gi tasi:	virei meio voluntariamente em direção à costa,
half toward the door	lamitã yu sinasaggue' nu i pe'tan;	meio em direção à porta
of my mother's house.	i gima Nana-hu.	da casa da minha mãe.
My mother pleading,	Si Nãna sigi ha pãgat yu;	Minha mãe implorando,
my godmother whispering,	i matlina-hu duru ha ñangon yu, put	minha madrinha sussurrando,
“The land, the land, the land,”	“i tanu, i tanu, i tanu,”	— A terra, a terra, a terra,
and Sirena out to sea,	Ya si Sirena gi halom tãsi,	E a Sirena lá no mar,
paused again at the channel's divide	Pumãra annai matu gi umasad i kannat yan i tasi	parou novamente na divisão do canal
to glance back with knowing eyes at me.	ya ha atan yu tãtte nu i tadong na inatan-ña.	para olhar para mim com seu olhar transbordando sabedoria.

O poema de Evelyn Flores possui poucas notas de rodapé e essas notas são utilizadas para trazer informações sobre a ilha ao invés de traduções ou explicações históricas e culturais como ocorreu nos poemas de Iriarte. Neste caso, pensando nas explicações de Genette (2009) sobre as notas que vimos anteriormente, podemos refletir, então, sobre os destinatários dessas

<sup>55</sup> *Minondu* - a foz do rio Hagãtña, onde deságua no oceano

notas. Como neste caso temos informações da ilha, podemos presumir que o principal destinatário dessas notas pode ser um leitor que não seja chamorro. As informações que a autora traz são sobre cascas de coco queimadas e sobre um rio da ilha. Essas informações são de fácil e rápido acesso para os chamorros, os cocos são vendidos na ilha e o rio é muito famoso no local, ou seja, essas informações são para os leitores que não conhecem Guam ou que estão conhecendo, mas ainda não sabem todos os detalhes da ilha. Pensando, assim, nesta possível troca de destinatário que podemos ter em poemas diferentes de autores diferentes, podemos refletir também nas diferentes funções que essas notas têm.

Enquanto nos poemas de Iriarte as afirmações de Genette (2009, p. 292) sobre as funções das notas em obras de ficção se aplicam muitas vezes nestes textos, em razão da ficcionalidade não ser pura o suficiente e ser bastante marcado por referência histórica, como temos no caso de Iriarte, não temos neste poema de Flores. Uma das possibilidades disso é o fato da ficcionalidade no poema estar extremamente visível. No poema temos visivelmente uma sereia chamando uma menina para ir ao mar e deixar tudo para trás, incluindo a sua família. Sendo assim, o que temos neste caso é o que Genette (2009, p. 286) chama de “notas originais”, nas quais o autor explica que a função é complementar, “a nota original é um desvio local ou uma bifurcação momentânea do texto” (2009, p. 289), ou seja, é apenas para trazer uma informação ao leitor que não é chamorro e não conhece a ilha e, conseqüentemente, não é uma marcação cultural.

A obra de Flores não possui grandes marcações culturais neste caso. Esse poema trabalha muito mais questões históricas e culturais de uma forma muito mais sutil, como por exemplo, a terra, conforme comentamos anteriormente, ou o fato de termos aqui uma reescrita de uma das mais famosas lendas da ilha. Sendo assim, para a tradução deste poema não foi necessário repensar a questão cultural, como no caso de *Manotohge Hit/We Stand*, já que temos uma necessidade de uma história para acompanhar esse aspecto cultural tão importante do poema, isto é, precisaríamos para esse poema trazer informações extras para o nosso leitor, que neste caso poderia ser, por exemplo, uma nota de tradução. Se as notas que compõem essa obra são explicativas, poderíamos, conseqüentemente, acrescentar uma nota na tradução explicando esse relacionamento com a terra e com a famosa lenda da ilha. Podemos considerar neste caso também uma nota de apoio para a tradução, contendo essas mesmas informações ao invés de uma nota de rodapé. A nota de rodapé se torna uma opção viável neste caso porque as demais notas do texto também são explicativas, no entanto, se tivéssemos apenas notas que trazem a tradução de palavras do texto, talvez essa nota não

funcionaria da mesma forma. Pensando em todas essas possibilidades, podemos pensar na explicação de Mattos (1983) que defende que em textos literários existem detalhes que são específicos de uma cultura e que cabe ao tradutor buscar uma maneira de fazer com que estes detalhes estejam perceptíveis ao leitor, uma dessas maneiras sendo contextualizar o leitor através de um material intertextual. Desta forma, uma nota de apoio junto a tradução ou uma nota de rodapé junto com as demais notas.

Portanto, pensando no caso dos textos chamorros e mais especificamente o de Flores e de Iriarte, podemos refletir sobre a necessidade ou não de um material extra para as leituras destas traduções. Esses três poemas possuem notas de rodapé com funções e destinatários diferentes, o que afeta a possibilidade de ter a necessidade ou não de uma nota de apoio ou outros materiais intertextuais. No caso de Iriarte, podemos pensar que talvez não haja tanta necessidade, já que os poemas e as notas trazem quase toda a informação que o leitor precisa, com exceção das informações sobre os ossos em *Manotohge Hit/We Stand*, que podemos compreender como parcialmente resolvida, já que a mudança na estrutura da frase da versão final em português auxilia bastante para trazer essa informação. No entanto, no caso de Flores, temos um relato de uma lenda e as informações das terras, o que poderia trazer a necessidade desse material, que poderia ser uma nota de rodapé também, não necessariamente uma nota de apoio. Porém, ao cogitar uma nota de rodapé devemos pensar também que o poema já possui notas que são da autora e foram traduzidas para o leitor, desta forma, seriam notas da autora e do tradutor juntas.

Quando reflito sobre a possibilidade de uma nota de apoio para uma tradução de uma obra chamorro, o aspecto que mais chama a atenção é a necessidade de informações que essas obras exigem de seu leitor. Essa necessidade se volta sempre para o mesmo detalhe: a literatura chamorro atualmente é uma literatura que faz parte de um movimento de resistência, e por causa desse movimento quando traduzimos um texto chamorro, não estamos apenas fazendo uma tradução, mas sim contribuindo para esse movimento e por essa razão é tão importante que todas as informações necessárias estejam presentes junto ao texto.

Sendo assim, no caso deste poema, caso tivéssemos uma nota de apoio precisaria conter informações sobre a importância da terra, da espiritualidade, contar sobre essa lenda e até mesmo um mapa, já que a obra faz menção a um famoso rio de Guam, que pessoas que nunca estiveram na ilha podem ter dificuldades para visualizar. E vale a pena ressaltar que esse rio também aparece no poema de Iriarte, já que esse rio faz parte da primeira aldeia dos chamorros. Todas essas informações não poderiam estar incluídas em uma, ou diversas, notas

de rodapé porque essas notas se tornaram um grande comentário sobre a história de Guam e a nota de apoio, ao trazer essas informações, permite ao leitor que este possa ler o texto com todas as informações que são essenciais para que se possa compreender por completo a sua mensagem.

Além de todos esses exemplos que citei acima, esse poema trata bastante da importância da mulher para os chamorros. Quando comentei sobre a história de Guam, comentei sobre o papel essencial que as mulheres tiveram na história da ilha durante a colonização espanhola: as mulheres foram as responsáveis pela cultura, pela língua e pela história dos chamorros ter sobrevivido por tanto tempo, já que estas transmitiram a cultura para seus filhos. É por esta razão que é tão importante na lenda de Sirena e no poema de Flores a presença de apenas mulheres, já que durante esse período em Guam as mulheres assumiram o que era conhecido como o trabalho do homem. Além disso, esta também é uma das razões pelas quais a madrinha, no poema, se preocupa com a terra, já que seria essa menina que iria herdar aquelas terras e ao ir para o mar seguir Sirena, a família estaria perdendo a terra e, conseqüentemente, sua conexão com os outros chamorros. Sendo assim, o próximo texto irá apresentar exatamente esse contexto: a relação da mulher com a natureza, com a sua ancestralidade e até mesmo com a arquitetura.

### 3.2.2 Tradução 4

ORIGINAL	TRADUÇÃO
The Tree	A árvore
Christiane Taitano DeLisle	Christiane Taitano DeLisle
The tree will never be the same. Not for the woman who planted it thirty-three years ago, who since then has nurtured it, has watched it grow and grow. She herself, joined in the bonds of ma-tree-mony with the man/the clan/the land,	A árvore jamais será a mesma. Não para a mulher que a plantou trinta e três anos atrás, que desde então a cuidou, a assistiu crescer e crescer. Ela mesma, entrou na ligação do ma-tree-mônio com o homem/o clã/a terra,

<p>placed her own roots into the same fertile ground.</p>	<p>fixou suas próprias raízes no mesmo solo fértil.</p>
<p>The tree will never be the same. Not for the woman whose morning ritual after a good night's sleep consisted of- standing in front of the <i>labadót</i> of her <i>kusinán sanhiyong</i> washing her <i>la'uya</i>, picking <i>puntan kalamasa</i> for her <i>kaddon mannok</i>. And all the while taking in the sweet aroma of the red blossoms from the tree which she couldn't always see from where she labored but knew was there. <i>Família.</i> <i>Família</i> Familiari-tree.</p>	<p>A árvore nunca será a mesma. Não para a mulher cujo o ritual matutino depois de uma boa noite de sono consistia em ficar parada na frente do <i>labadót</i><sup>56</sup> da sua <i>kusinán sanhiyong</i><sup>57</sup> lavando sua <i>la'uya</i>,<sup>58</sup> escolhendo <i>puntan kalamasa</i><sup>59</sup> para sua <i>kaddon mannok</i>.<sup>60</sup> E o tempo todo absorvendo o doce aroma das flores vermelhas da árvore que ela nem sempre conseguia ver de onde ela trabalhava mas sabia que estava lá. <i>Família.</i><sup>61</sup> <i>Família</i> Familiari-tree.</p>
<p>No, the tree will never be the same. Not for the woman who on the way back from her usual three o'clock feeding of the chickens one rainy Monday afternoon spotted a strange fruit hanging from its fragile limbs.</p>	<p>Não, a árvore nunca será a mesma. Não para a mulher que no caminho de volta da habitual alimentação das galinhas às três horas de uma tarde chuvosa de segunda avistou uma fruta estranha pendurada em seus membros frágeis.</p>
<p>Disoriented/confused/restless... <i>Gof</i> <i>ma'añao yu' pues hu ágang i lahi-hu</i> Her son then called someone to investigate. He in turn called someone to examine what was later declared to be a case of a sour-turned-bitter fruit</p>	<p>Desorientada/confusa/agitada... <i>Gof</i> <i>ma'añao yu' pues hu ágang i lahi-hu</i><sup>62</sup> O filho dela então chamou alguém para investigar. Ele por sua vez chamou alguém para examinar</p>

<sup>56</sup> pia.

<sup>57</sup> cozinha do lado de fora da casa.

<sup>58</sup> panela.

<sup>59</sup> sementes de abóbora

<sup>60</sup> ensopado de frango

<sup>61</sup> Família.

<sup>62</sup> Fiquei com medo, aí liguei para meu filho.



that left itself on the tree to rot.	o que mais tarde foi declarado ser um caso de fruta azeda se tornando amarga que ficou na própria árvore para apodrecer.
It didn't matter to the woman whether it was this side or that side homicide or suicide... <i>Pakeha Yu'. Sa' hafa na ti ma cho'gue esti gi tano'-niha? Dalai na bidan-niha gi tano hagâ-hu!</i>	Não importava para mulher se era esse lado ou o outro lado homicídio ou suicídio... <i>Pakeha Yu'. Sa' hafa na ti ma cho'gue esti gi tano'-niha? Dalai na bidan-niha gi tano hagâ-hu!</i> <sup>63</sup>
Whatever energy put it there didn't belong there- the land she settled on thirty-three years ago the land she and he built their first home on the land their daughter later inherited.	Qualquer que seja a energia colocada lá não pertencia lá a terra em que ela se estabeleceu há trinta e três anos a terra que ela e ele construíram sua primeira casa a terra que sua filha mais tarde herdou.
When the hanging thing was finally removed after hours of questioning deliberating she decided the tree must come down.	Quando a coisa pendurada foi finalmente removida depois de horas de questionamento deliberação ela decidiu que a árvore deveria cair.
No man could hoist his cross high enough say the right words sprinkle water here and there to drive the poison out of soil and air. Twice over, for that matter.	Nenhum homem poderia içar sua cruz alto o suficiente dizer as palavras certas borrifar água aqui e ali para expulsar o veneno do solo e do ar. Duas vezes, aliás.
Only the buzzing sound of 2 1/2 horsepower against the trunk of the tree could lull the woman to sleep.	Apenas o zumbido de 2 cavalos e meio contra o caule da árvore poderia acalmar a mulher para dormir.

No poema de Christiane Taitano DeLisle temos, primeiramente, a relação da mulher com a natureza. A obra começa contando sobre como a árvore jamais será a mesma para aquela mulher e isso acontece por causa de todos os acontecimentos desse período de

<sup>63</sup> Não é da minha conta. Por que eles não fizeram isso em suas próprias terras? O que fizeram nas terras da minha filha foi demais!

colonização em Guam. A árvore representa muito mais do que apenas a natureza, ela também representa a relação com a terra e o solo, especialmente porque o poema fala sobre a mulher fixar suas raízes no mesmo solo fértil e esse é também a terra que ela herdou de sua família e que mais tarde sua filha também iria herdar. Sendo assim, *The Tree* retrata o período da colonização espanhola especialmente por comentar sobre esse aspecto do solo arruinado, sobre a cruz (lembrando que os chamorros foram obrigados a virarem cristãos durante esse período), sobre todos os homicídios que ocorreram e os suicídios também, já que o povo não queria viver aquele período tão triste da ilha. Sendo assim, neste poema de DeLisle é apresentado ao leitor a visão da mulher durante todos os acontecimentos desse período em Guam, a perda da esperança, por exemplo, está bastante presente quando a mulher manda cortar a árvore.

Além disso, o uso de palavras do chamorro no poema chamam a nossa atenção durante a leitura, especialmente porque temos palavras que podemos facilmente, a primeira leitura, presumir que são do espanhol ou até mesmo do português, por exemplo, a palavra “familia”. Essa palavra é escrita de uma forma muito parecida com a que usamos no português, com exceção de que em chamorro ela é escrita sem acento, assim como ela é em espanhol. No entanto, ao mesmo tempo que encontramos essas palavras que são derivadas da língua hispânica, também encontramos palavras em chamorro que não são tão parecidas assim, como por exemplo, “labadót” e “la’uya” que significam, respectivamente, “pia” e “panela”. Assim como as duas falas que estão completamente em chamorro e não possuem nenhuma palavra que pode ser considerada como oriunda do espanhol, com exceção de “pues”. Sendo assim, as notas de rodapé trazem apenas as traduções dessas palavras e optei também por manter todas essas palavras do chamorro, pelo mesmo motivo que decidi manter todas as palavras da língua nativa em todas as traduções que fazem parte deste trabalho.

Portanto, neste poema temos mais um exemplo de uma autora que optou apenas em usar as notas de rodapé para traduzir as palavras, as usando de uma forma bastante parecida com as do poema de Flores. A diferença que temos nesses dois casos é que *I Have Seen Sirena Out at Sea/Gua na hu li'i' si Sirena* utilizou as notas para adicionar pequenas informações para os leitores que não conhecem Guam, enquanto *The Tree* utilizou para traduzir. Entretanto, ambas as notas podem ser consideradas como tendo a mesma função, ou seja, essas notas também são apenas para trazer uma informação que o autor optou por não utilizar no corpo do texto. Vale ressaltar que essa escolha não é um padrão na antologia, alguns autores optaram por utilizar as palavras do chamorro e não adicionar nenhuma

tradução, enquanto outros colocaram a tradução ao lado da palavra no corpo do texto. Além do mais, se considerarmos os destinatários dessas notas podemos considerar que são os chamorros que não conhecem a língua nativa ou apenas sabem poucas palavras e para pessoas que não têm nenhum conhecimento sobre a língua nativa de Guam.

Refletindo sobre as palavras do chamorro que compõem essas notas de rodapé, em uma das falas temos essa conexão entre a natureza e a terra para o povo. Em uma das falas ela pergunta: “Pakeha Yu!. Sa' hafa na ti ma cho'gue esti gi tano'-niha? Dalai na bidan-niha gi tano hagâ-hu! (Não é da minha conta. Por que eles não fizeram isso em suas próprias terras? O que fizeram nas terras da minha filha foi demais!)”, que neste caso está falando sobre as ações que aconteceram, que tiveram diversos efeitos na terra, afetaram bastante os chamorros e não apenas de forma material, mas sim espiritual também, já que afetou o contato com os antepassados que ocorria de diversas maneiras, incluindo através da arquitetura.

Uma estrutura que está presente neste poema é a “kusinan sanhiyong”, que na nota de rodapé está explicada como uma “outside kitchen (cozinha no lado de fora da casa)”, no entanto, a “kusinan sanhiyong” não é apenas uma estrutura da arquitetura chamorro que é muito famosa. Essas cozinhas que são feitas do lado de fora da casa e bastante arejadas, são feitas dessa forma para que os chamorros possam se comunicar com os seus antepassados durante o preparo das refeições. Essa estrutura aparece bastante nos textos, isso ocorre porque como o povo perdeu muitas partes de sua arquitetura no decorrer dos anos, os autores estão buscando trazê-las de volta e não apenas as mencionando em suas obras, mas até mesmo no formato desses poemas.

Perez (2021, p. 99, tradução minha) explica que alguns autores, pensando em reconstruir a arquitetura perdida de Guam, como as *Lattes* que expliquei anteriormente, escrevem alguns de seus poemas no formato das *Lattes*. O autor ainda acrescenta que

Em outras palavras, a poesia é uma forma de Onedera e outros escritores Chamoru reconstruírem de forma criativa e simbolicamente a casa da história CHamoru através da arquitetura Na(rra)tiva. A arquitetura tradicional CHamoru incorporava os valores culturais e a identidade Chamoru. As pedras latte formaram a base da habitação Chamoru, enraizaram seus habitantes na terra (corpo de Puntan), serviram como uma lembrança do sacrifício de Fu'una para dar origem ao povo CHamoru e estabeleceram uma pertença genealógica, ecológica e arquitetônica ao terra. Apesar da força destas fundações, séculos de colonialismo arquitetônico destruíram estas práticas habitacionais e substituíram-nas por outras estruturas, padrões de assentamento, e estradas e pontes que incorporam a arquitetura do controle, poder e vigilância colonial, militar e religioso. Esses novos edifícios estruturaram a vida dos

Chamoru e muitas vezes romperam laços comunitários e familiares e redes de parentesco.<sup>64</sup>

Sendo assim, a arquitetura é uma das partes fundamentais tanto da cultura quanto da literatura e se conecta com a colonização porque as estruturas e algumas crenças relacionadas a isso quase foram perdidas completamente durante esses períodos. Outro exemplo que posso citar é como os missionários fizeram diversos chamorros acreditarem que manter contato com os ancestrais era algo ruim, tornando a imagem positiva e afetiva que se tinha com eles em algo completamente negativo e isso, conseqüentemente, refletiu na arquitetura, que é toda pensada em se manter conectada a essas pessoas.

Pensando, então, sobre como até mesmo aspectos que parecem tão distantes da literatura fazem parte dessas obras chamorros, consigo visualizar o quão importante é cada movimento que os chamorros fazem dentro desses textos. A língua, os costumes, a arquitetura, a terra e a comida são todos elementos que compõem a cultura e a identidade chamorro e, conseqüentemente, estão extremamente presentes na literatura por esse mesmo motivo. Entretanto, a literatura chamorro não apresenta apenas esses aspectos em seus textos, ela também apresenta as mágoas e a revolta do povo com determinadas ações, conforme veremos a seguir com os textos que retratam o período pós colonização estadunidense

---

<sup>64</sup> No original: In other words, poetry is a way for Onedera and other Chamoru writers to creatively and symbolically reconstruct the CHamoru house of story through Na(rra)tive architecture. CHamoru customary architecture embodied Chamoru cultural values and identity. The latte stones formed the foundation of Chamoru housing, rooted its inhabitants to the land (Puntan's body), served as a reminder of Fu'una's sacrifice to birth the CHamoru people, and established a genealogical, ecological, and architectural belonging to the land. Despite the strength of these foundations, centuries of architectural colonialism destroyed these housing practices and replaced them with other structures, settlement patterns, and roads and bridges that embody the architecture of colonial, military, and religious control, power, and surveillance. These new buildings structured Chamoru life and often severed communal and familial links and kinship networks.

### 3.3 Pós Estados Unidos

Nos textos que compõem a antologia, um aspecto que chamou bastante a atenção foi o modo como as colonizações aparecem nas obras, por exemplo, há muito mais textos relatando a colonização espanhola do que a japonesa. No entanto, a maioria dos textos chamorros possui como foco a colonização estadunidense, mostrando o ressentimento atual que Guam possui com o país do qual a ilha é território. Acredito que esse maior enfoque aconteça porque a era estadunidense em Guam é o período pelo qual eles estão passando atualmente. Além disso, os chamorros culpam os EUA por diversas tragédias que aconteceram e ainda acontecem na ilha, como por exemplo, o ataque japonês. Outros aspectos que também fazem parte de todo esse sentimento dos chamorros com os Estados Unidos é o chamado “Organic Act”, que foi uma lei aprovada em 1950 que reconheceu os chamorros como cidadãos estadunidenses e estabeleceu Guam, oficialmente, como um território incorporado dos EUA. Além do mais, esse ato garantiu aos chamorros um assento no congresso estadunidense, no entanto, os chamorros não possuem direito ao voto, eles apenas podem expressar suas opiniões, o que apenas prejudica esse sentimento negativo que o povo possui com os EUA.

Além dessas questões geopolíticas, temos todas as questões envolvendo a diáspora praticamente forçada dos chamorros para os Estados Unidos. Em Guam, é extremamente comum os adolescentes irem para os Estados Unidos para estudar, porque eles são ensinados que uma educação de qualidade pode ser apenas encontrada nos EUA. Podemos ver essa situação acontecendo no conto de Manibusan, onde Isa se muda para os Estados Unidos e volta para a ilha em uma viagem de férias e conta como sente saudades de casa, mas mesmo assim precisa continuar estudando em outro país, mesmo com Guam já possuindo uma faculdade. Evelyn Flores (2019, p. xxi) relata que os pais incentivam a ida dos filhos para o outro país por acreditarem que estão fazendo o melhor para eles, a autora acrescenta que quando chegou a sua vez, embarcou e se juntou a diáspora de milhares de chamorros para a Califórnia e Washington, o que resulta em mais chamorros morando nesses estados do que na própria ilha.

Sendo assim, os chamorros não se sentem confortáveis em continuarem sendo um território. O povo chamorro está buscando há muitos anos sua independência, entretanto, essa independência não ocorre em razão dessas questões geopolíticas, já que Guam e as Ilhas Marianas são as ilhas da Micronésia mais próximas da Ásia e, além do mais, uma das maiores bases militares dos EUA, o que faz com que quando os Estados Unidos têm algum conflito

com algum país da Ásia, este ameace primeiramente bombardear Guam, o que resulta em diversos chamorros vivendo com esse sentimento de insegurança. Devemos considerar também que os chamorros não estão buscando sua independência apenas por causa dessas questões, mas por causa do seu próprio povo também. Absorver a cultura do colonizador faz parte de todo processo de colonização e durante todo o período no qual o local permaneça sendo uma colônia, ou um território neste caso, sempre teremos uma cultura dominante que muitas vezes apaga a outra e, conseqüentemente, a identidade do local.

Portanto, os chamorros desejam se tornar um estado independente não apenas por questões de segurança, mas também por questões de identidade, os chamorros querem descobrir quem são como um povo sem nenhuma potência tentando os moldar dentro dos seus padrões. A cultura deles já está enraizada em diversos chamorros, mas ainda persiste o questionamento de quem eles são como uma comunidade, já que alguns entendem que ser chamorro é falar a língua nativa, enquanto outros consideram saber os costumes, ou seja, os chamorros são um povo antigo, mas que por causa de questões históricas ainda não teve a possibilidade de se compreender totalmente como um. Um bom exemplo desse cenário se encontra no poema de Frederick B. Quinene, *What am I*, que traduzi para esse trabalho para mostrar exatamente esse contexto, conforme veremos abaixo.

### 3.3.1 Tradução 5

ORIGINAL	TRADUÇÃO
What am I	O que eu sou
Frederick B. Quinene	Frederick B. Quinene
My great and dearest Uncle Sam, This letter is addressed to you, For I do not know what I am, I want to know, I really do.	Meu grande e querido Tio Sam, Essa carta é endereçada a você, Pois não sei o que sou, Eu quero saber, realmente quero.
Forget that you ruled Guam, from 1899 to 1941, And then began your rule again, After WWII was won.	Esqueça que você governou Guam, de 1899 a 1941, E então começou seu governo novamente, Depois que a Segunda Guerra foi vencida.
In August of 1950, The Organic Act came to Guam, This Act made me your citizen,	Em agosto de 1950, A Lei Organic veio para Guam, Esse ato me fez seu cidadão,

But I still don't know what I am.	Mas eu ainda não sei o que sou.
Thirty-six long years have gone by, Many years of I know not what, I still do not know what I am Where am I going, nor where I'm at.	Trinta e seis longos anos se passaram, Muitos anos de não sei o que, Eu ainda não sei o que eu sou Para onde estou indo nem onde estou.
In your hallowed halls of Congress Am I really represented? And I know that in the Senate I have never been Consented.	Em seus salões sagrados do Congresso Eu sou mesmo representado? E eu sei que no Senado Eu nunca fui consultado.
Uncle, when it suits your fancy, I am a citizen of yours, And, when it does not suit you I am no citizen of course.	Tio, quando lhe convém, Eu sou um cidadão seu, E, quando não lhe convém mais Eu não sou cidadão, é claro.
You say you do not colonize, Yet I feel Guam is a colony. You say I am your citizen, Then why is it I don't feel free?	Você diz que não coloniza, Mesmo assim eu sinto que Guam é uma colônia. Você diz que sou seu cidadão, Então por que eu não me sinto livre?
You promised me a lot of things, One is self-determination. Yet I cannot get even this, Without your inclination.	Você me prometeu muitas coisas, Uma delas é a autodeterminação. Mesmo assim não consigo nem ter isso, Sem a sua inclinação.
Yes, you pour all kinds of goods Into my lovely little land, But then you hit me on my knee When I would try to stand.	Sim, você derrama todos os tipos de mercadorias Na minha amada terrinha, Mas então você me bate no joelho Quando tento me levantar.
Even when you're clothing me, I still feel stripped of dignity. Which makes me ask you, What am I? Please Uncle Sam will you tell me.	Mesmo quando você está me vestindo, Eu ainda me sinto despido de dignidade. O que me faz te perguntar, o que eu sou? Por favor, Tio Sam, você vai me dizer.
It is true you educate me, But for what and then for why, For even with all that I have learned, I still ask, What am I?	É verdade que você me educou, Mas para quê e então por quê, Pois mesmo com tudo o que aprendi, Eu ainda pergunto, o que eu sou?
You say you are the champion Of all men who are oppressed, So if I am a part of you, Why do I still feel depressed?	Você diz que é o campeão De todos que são oprimidos, Então se eu sou uma parte de você, Por que ainda me sinto deprimido?
I beg of you to recognize, If nothing else, I am a man,	Eu imploro que você reconheça, Se nada mais, eu sou um homem,

I want my self-determination, Please grant it for I know you can.	Eu quero minha autodeterminação, Por favor, conceda-a, pois sei que você pode.
I do believe my Uncle Sam, That I am mature enough right now, That I can decide my destiny, For you yourself have shown me how.	Eu acredito mesmo meu Tio Sam, Que sou maduro o suficiente agora, Que eu posso decidir meu destino, Pois você mesmo me mostrou como.
Please allow me, Uncle Sam, This little shred of dignity, I am not asking for much more, Than that which you have promised me.	Por favor me permita, Tio Sam, Este pequeno fragmento de dignidade, Não estou pedindo muito mais, Do que aquilo que você me prometeu.
Let me take this cobweb off, My deeply troubled mind, I really want to know what I am, This treasure I would like to find.	Deixe-me tirar essa teia fora, Minha mente profundamente perturbada, Eu realmente quero saber o que eu sou, Este tesouro eu gostaria de encontrar.
Grant me the right to reach for goals, No matter if the goal is high, Allow me to expand myself And let me find the answer to What am I?	Conceda-me o direito de alcançar metas, Não importa se a meta é alta, Permita-me crescer E deixe-me encontrar a resposta para o que eu sou?

Neste poema de Frederick B. Quinene temos, então, um eu lírico chamorro que anseia por sua independência, não como pessoa, mas sim como povo. O eu lírico acredita que essa independência fará com que ele saiba o que ele é, irá trazer sua dignidade, nem que seja um pequeno fragmento, e o povo poderá crescer com união. Portanto, diferentemente dos outros poemas que traduzi, neste não temos marcações culturais como nos outros. Neste caso, o autor apresenta ao leitor, na verdade, eventos históricos de Guam junto aos Estados Unidos ao mesmo tempo em que faz uma crítica ao fato de Guam ainda ser um território estadunidense e não um estado independente.

Por não se tratar de um poema repleto de questões culturais, o processo de tradução deste poema foi um pouco diferente dos outros. Enquanto precisei refletir sobre as marcações culturais e seus importantes papéis dentro dos poemas, para *What am I* precisei refletir, assim, sobre a própria tradução das palavras e não seu peso cultural e identitário dentro daquela obra. Desta forma, não podemos presumir que ao traduzir poesia iremos sempre utilizar as mesmas estratégias, elas podem variar bastante em função do conteúdo da obra. Venuti (2011, p. 128, tradução minha) explica que a tradução é



concebida não como a reprodução de uma essência textual imutável, mas como um ato de interpretação de um texto que é variável em forma e conteúdo. Em cada caso, mesmo quando a tradução em análise é regida por algum conceito de equivalência, as escolhas verbais do tradutor são tratadas como movimentos interpretativos que variam o texto de origem de acordo com um conjunto complexo de fatores que incluem o conhecimento da língua e da cultura de origem, mas também valores, crenças e representações que circulam na língua e na cultura de chegada durante um determinado período.<sup>65</sup>

Sendo assim, pensando nessa explicação de Venuti (2011) podemos refletir sobre como foi mantida a forma do poema e o seu conteúdo. Enquanto nos outros poemas a equivalência não estava entre as estratégias de tradução, neste poema elas são essenciais. Isso acontece porque neste caso, conforme comentei anteriormente, o poema não lida com questões de identidade e de cultura, o que solicita que elementos como equivalência não sejam priorizados, porém, neste caso, o poema de Quinene não está trabalhando com esses conteúdos que podemos interpretar como mais subjetivos e sim elementos que são mais concretos. Essa escolha pela equivalência fez com que outros elementos que também faziam parte do poema não fossem priorizados, como por exemplo o ritmo. Conforme Venuti (2011, p. 128) explica que até mesmo as escolhas verbais do tradutor são movimentos interpretativos que se baseiam nos valores e crenças, foi exatamente esse caso que tivemos com esse poema.

Na minha primeira leitura de *What am I* não havia compreendido o ritmo que o poema tinha, entretanto, após algumas discussões com meu professor, percebemos esse ritmo que pode ser considerado um tanto quanto falho na obra. Isso ocorre porque o poema não segue um padrão, de todas as dezessete estrofes, apenas a primeira consegue seguir um ritmo regular. Até mesmo na segunda estrofe, para que o ritmo fique na forma correta, precisamos colocar um som a mais. Além disso, na maioria das estrofes, o segundo verso rima com o último. Como o ritmo do poema era irregular, optei por não sacrificar o sentido por esse ritmo, que não funcionava da melhor forma no texto de partida, para colocá-lo no texto de chegada. Sendo assim, optei por essa tradução por equivalência das palavras do texto de partida para o de chegada junto a minha interpretação dessas palavras dentro dos eventos históricos que o eu lírico está narrando neste poema, ou seja, a prioridade foi o sentido ao invés do ritmo. Conseqüentemente, como o ritmo não foi prioridade para a tradução deste poema, o segundo e quarto versos que rimam em quase todas as estrofes do poema também não foram prioridade.

---

<sup>65</sup> No original: conceived not as the reproduction of an unchanging textual essence but as an act of interpreting a text that is variable in form and content. In each case, even when the translation under examination is governed by some concept of equivalence, the translator's verbal choices are treated as interpretive moves that vary the source text according to a complex set of factors that include knowledge of the source language and culture but also values, beliefs and representations that circulate in the translating language and culture during a particular period.

Certamente há algumas rimas parecidas com as que o autor fez na obra, entretanto, essas rimas foram mantidas apenas nos casos em que o sentido não seria prejudicado, como por exemplo, “oprimidos” e “deprimidos” e “representado” e “consultado”.

Desta forma, para a tradução de *What am I* o foco principal foi o sentido, especialmente por se tratar de uma carta ao colonizador. Este poema está trabalhando com toda questão de Guam ainda ser um território estadunidense, ser reconhecido por lei como um cidadão deste país, mas dentro dos Estados Unidos, o país no qual supostamente eles fazem parte, eles não se sentem como se fizessem. Além disso, também temos uma das principais questões: a tão desejada liberdade chamorro. Portanto, quando temos uma obra que carrega tanto significado e a luta de um povo, elementos como ritmo deixam de ser prioridade. Vale ressaltar que eles não deixam de ser importantes, já que cada elemento presente é que compõem a versão final desta obra, mas alguns elementos precisam de mais destaques durante o processo de tradução do que outros. Outro aspecto que devemos considerar neste caso é que esse poema, diferentemente dos outros, não possui qualquer nota de rodapé, ou seja, o conteúdo da obra é o único transmissor da mensagem e, desta forma, precisa estar acessível para o leitor.

Enquanto diversos textos chamorros retratam essa mágoa dos chamorros com os estadunidenses, conforme analisamos com o poema de Quinene, outras obras estão mostrando esse mesmo sentimento, mas em relação a elementos diferentes. *What am I* apresentou ao leitor como os chamorros estão vivendo entre dois mundos: não são estadunidenses, mesmo que uma lei os reconheça como tal, e também não são completamente chamorros porque a ilha ainda não é independente. No entanto, diversos textos chamorros não trabalham as questões relacionadas a geopolítica de Guam, mas sim a sua alimentação, que também foi muito afetada em razão das colonizações.

Conforme comentei na parte I deste trabalho, a alimentação para os chamorros é considerada algo sagrado para eles e, conseqüentemente, ações que podem afetar esse elemento cultural podem fazer com que diversos sentimentos surjam. Antes de analisarmos a tradução da última obra, é importante ressaltar que a maioria dos textos da antologia que trabalham com esse período da história de Guam trazem para o leitor esse sentimento tanto de ressentimento quanto de revolta com os Estados Unidos, conforme o poema acima nos permitiu visualizar e como o próximo conto nos mostrará também.

## 3.3.2 Tradução 6

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Hineksa Anonymous	Hineksa Anônimos
Desiree Taimanglo Ventura	Desiree Taimanglo Ventura
<p>I stare at the chipped dinner plate in front of me. To some, it will look full. All they see is a healthy meal. There is protein. There are vegetables. There are healthy carbohydrates. I stab the chicken with my fork, breaking off a small piece that I gently slide toward the whole-grain pasta sitting sadly on its left. The food doesn't taste bad, but the meal feels wrong. Broken. Incomplete.</p>	<p>Olho para o prato lascado na minha frente. Para alguns, vai parecer cheio. Tudo que eles veem é uma refeição saudável. Tem proteína. Tem legumes. Tem carboidratos saudáveis. Eu desfio o frango com meu garfo, quebrando um pequeno pedaço que deslizo suavemente em direção à massa integral que fica tristemente à sua esquerda. A comida não tem gosto ruim, mas a refeição parece errada. Quebrada. Incompleta.</p>
<i>There is no rice.</i>	<i>Não tem arroz.</i>
<p>Rice, I am now being told, is bad. No one wants me to eat it anymore. The glossy magazines with toothpick-armed women suggest sweet potatoes and quinoa instead. My midwife, the haole with the nasal voice, reminds me that "my people" eat far more rice than we should. She also reminds me that "my people" eat too many canned foods. When she told me this, I contemplated reminding her that it was "HER PEOPLE" who brought canned food to "my people." She handed me a little pamphlet with a white woman on the front eating salad and laughing. Women from the States always smile and laugh in pictures of them eating salad. I stare at it. Ladies from the States really love salad. This pamphlet is filled with healthy options.</p>	<p>Arroz, agora estão me dizendo, é ruim. Ninguém quer que eu coma mais. As revistas sofisticadas com mulheres com braços de palitos sugerem, ao invés disso, batata-doce e quinoa. Minha parteira, a <i>haole</i> com a voz anasalada, me lembra que o "meu povo" come muito mais arroz do que deveríamos. Ela também me lembra que "meu povo" come muita comida enlatada. Quando ela me disse isso, eu pensei em lembrar ela que foi o "POVO DELA" que trouxe a comida enlatada para o "meu povo." Ela me entregou um panfletinho com uma mulher branca na frente comendo salada e rindo. Mulheres dos Estados Unidos sempre sorriem e riem nas fotos deles comendo salada. Eu encaro a foto. Senhoras dos Estados Unidos realmente amam salada. Esse panfleto está cheio de opções saudáveis.</p>
<p>This meal is one of those options; and I don't feel anything like the laughing blonde on the cover. I have been struggling to view rice as something that is not "good" for me and my family. But I have always associated</p>	<p>Essa refeição é uma dessas opções; e não sinto nada parecido com a loira risonha da capa. Eu venho lutando para ver o arroz como algo que não é "bom" para mim e para a minha família. Mas eu sempre associei a</p>

<p>the presence of rice in my kitchen as a sign that we would be okay, that our meals would be satisfying.</p>	<p>presença do arroz na minha cozinha como um sinal de que ficaremos bem, que nossas refeições seriam satisfatórias.</p>
<p>I love rice. Even the act of preparing rice is soothing to me. I stare out my kitchen window, watching chickens walk by as I run my fingers through the wet grains, letting the clouded water drain into the sink. It calms me. I wash the rice with my son, smiling as his little hands cross paths with mine as we make circular motions. My mother did this with me. My grandmother did this with me. Rice is the first thing I learned to cook, and it has become the first thing I have taught my child to cook. My mother once told me that as long as I knew how to make rice, I would be okay. If I could make rice, I'd always have something to eat.</p>	<p>Eu amo arroz. Até mesmo o ato de preparar arroz é tranquilizante para mim. Eu olho através da janela da minha cozinha, assistindo as galinhas caminharem enquanto eu passo os dedos pelos grãos molhados, deixando a água turva escorrer para a pia. Isso me acalma. Eu lavo o arroz com o meu filho, sorrindo para ele quando suas mãozinhas cruzam o caminho com as minhas enquanto nós fazemos movimentos circulares. Minha mãe fez isso comigo. Minha avó fez isso comigo. Arroz foi a primeira coisa que aprendi a cozinhar, e se tornou a primeira coisa que ensinei o meu filho a cozinhar. Minha mãe uma vez me disse que contanto que eu soubesse fazer arroz, eu ficaria bem. Se eu pudesse fazer arroz, eu sempre teria algo para comer.</p>
<p>When I was a little girl, trips to the States to visit strange relatives who had left Guam always resulted in awkward trips to restaurants. I would demand "regular rice" from waiters who stared in confusion, insisting the strange piles of yellow or brown grains scooped beside my meat were "rice."</p>	<p>Quando eu era uma garotinha, viagens para os Estados Unidos para visitar parentes estranhos que deixaram Guam sempre resultaram em idas incômodas a restaurantes. Eu pedia "arroz normal" para garçons que me olhavam confusos, insistindo que as estranhas pilhas de grãos amarelos ou marrons ao lado da minha carne eram "arroz."</p>
<p>At the end of the hallway, where I keep my towels and other linens, a blanket is folded gently on the top shelf. It was made by my paternal grandmother, Vicenta. She made many like it after the war, enough for all her children. The blankets are made of old Calrose sacks sewn together. They are perfect blankets for Guam's weather, providing the security you want when slipping into bed without making you uncomfortable in Guam's heat. When I look at that blanket, I think about how important a sack of rice was for a Chamoru family during different periods of our island's</p>	<p>No final do corredor, onde eu guardo minhas toalhas e outras roupas de cama, um cobertor está dobrado gentilmente no topo da prateleira. Ele foi feito pela minha avó paterna, Vicenta. Ela fez vários como esse depois da guerra, o suficiente para todos os seus filhos. Os cobertores são feitos de velhos sacos de arroz Calrose costurados. Eles são perfeitos para o clima de Guam, proporcionando a segurança que você deseja ao deitar na cama sem fazer com que você fique desconfortável no calor de Guam. Quando eu olho para o cobertor, penso no quão importante um saco de arroz foi para</p>

<p>history. Somehow, even now, I feel an odd kind of panic when the rice supply runs low at our house. We could have a ton of other things in the pantry or in our refrigerator, but when I see the rice disappearing, I get a little weird and make sure that, as soon as possible, I get to the store and purchase rice to refill the container.</p>	<p>uma família chamorro durante os diferentes períodos na história da nossa ilha. De alguma forma, mesmo agora, sinto um estranho tipo de pânico quando o estoque de arroz está acabando na nossa casa. Poderíamos ter muitas outras coisas na despensa ou na geladeira, mas quando vejo o arroz desaparecendo, eu fico um pouco estranha e me certifico que, assim que possível, irei no mercado comprar arroz para reabastecer o pote.</p>
<p>My maternal grandmother, Lola, also left behind stories reminding me of the strange power of rice in Chamoru history. She explained that when American priests came to the island, they wanted Pale Roman, a Spanish priest who was very close to many of the Chamoru families, gone. American businessmen on the island helped to circulate a petition that insisted he be removed.</p>	<p>Minha avó materna, Lola, também deixou para trás histórias me lembrando do estranho poder do arroz na história chamorro. Ela explicou que quando os padres estadunidenses chegaram na ilha, eles queriam que Romano Pálido, um padre espanhol muito próximo de muitas famílias chamorros, fosse embora. Empresários estadunidenses na ilha ajudaram a divulgar uma petição que insistia em que ele fosse removido.</p>
<p>My grandmother explained that her mother really didn't want Pale Roman to go; she liked him a lot. He spoke Chamoru to the people and prayed in Chamoru, which the Americans did not like. But she ended up signing the petition, because when the American men showed up at the house with the paper, they also brought a sack of rice. My grandmother told me that they never questioned Tan Maria (her mother) about signing. They understood that they could not turn down rice. My grandmother told me her mother was very sad when the men left with the petition. She served them rice silently that night.</p>	<p>Minha avó explicou que a sua mãe não queria que Romano Pálido fosse embora; ela gostava muito dele. Ele falava em chamorro com o povo e rezava em chamorro, o que os estadunidenses não gostavam. Mas ela acabou assinando a petição porque quando os homens estadunidenses apareceram na sua casa com o papel, eles também levaram um saco de arroz. Minha avó me disse que eles nunca questionaram Tan Maria (sua mãe) sobre a assinatura. Eles entenderam que eles não poderiam recusar arroz. Minha avó me disse que sua mãe ficou muito triste quando os homens foram embora com a petição. Ela serviu arroz para eles em silêncio naquela noite.</p>
<p>Stories of rice also come down to me from my father's side. My father tells me that some of my "mother's relatives" were more influential than his in the past. She had uncles who knew the value of rice and used it to exert power over poorer Chamoru families. One of my maternal uncles was</p>	<p>Histórias de arroz também chegam até mim por parte do meu pai. Meu pai me conta que alguns dos "parentes da minha mãe" eram mais influentes que os dele no passado. Ela tinha tios que sabiam o valor do arroz e o usavam para exercer poder sobre as famílias chamorro mais pobres. Um dos meus tios</p>

<p>tasked with distributing WWII food rations. When he went to my paternal grandfather's home to hand out food, he would make a point of scattering the rice on the ground, knowing that he could act this way and still be allowed back during the next visit. That uncle was an American. My grandfather hated this uncle and refused to drop to the floor and gather the rice in front of him. But when my uncle left, my grandfather and his wife would gather the rice up anyway. Each time my American uncle visited with the rice, my grandfather suffered this humiliation.</p>	<p>maternos foi encarregado de distribuir alimentos na Segunda Guerra Mundial. Quando ele foi na casa dos meus avós paternos para entregar a comida, ele fazia questão de espalhar o arroz no chão, sabendo que ele podia agir dessa forma e ainda poderia voltar para a próxima visita. Esse tio era estadunidense. Meu avô odiava esse tio e se recusava a se jogar no chão para juntar o arroz na frente dele. Mas quando meu tio ia embora, meu avô e sua esposa juntavam o arroz do chão de qualquer forma. Cada vez que meu tio estadunidense visitava com o arroz, meu avô sofria essa humilhação.</p>
<p>These are just some of the family stories that have been handed down involving rice. Rice, for my family, was something that symbolized getting by and making it through even the toughest days. By the time my generation was born, rice had become a way to provide comfort. Every meal served by my mother and grandmother included rice. Those meals were made with love and a desire to provide for their children.</p>	<p>Essas são apenas algumas histórias de família que foram passadas envolvendo arroz. Arroz, para a minha família, era algo que simbolizava a sobrevivência e superação até dos dias mais difíceis. Quando minha geração nasceu, o arroz se tornou uma forma de promover conforto. Toda refeição servida pela minha mãe e avó incluía arroz. Essas refeições eram feitas com amor e um desejo de prover para os seus filhos.</p>
<p>But it is 2013 now. The war is over. And now, rice makes you fat. You should only eat a tiny little scoop of it once a day (according to the stateside midwife with the nasal voice). I have been serving less rice since she gave me the pamphlet. This disappoints my father and son. My dad claims he NEEDS white rice. He argues that he might get a "stomach ache" if I make brown rice. He tells me (again) that when he was a young boy, traveling to the States for a baseball tournament, he had to be transferred to a Filipino host family. The Caucasian family kept giving him potatoes. He claims he got "very ill" and this is proof that he NEEDS rice.</p>	<p>Mas é 2013 agora. A guerra acabou. E agora, arroz engorda. Você deveria comer apenas uma pequena colher por dia (de acordo com a parteira estadunidense da voz anasalada). Eu tenho servido menos arroz desde que ela me deu o panfleto. Isso desaponta meu pai e meu filho. Meu pai alega que ele PRECISA de arroz branco. Ele argumenta que ele pode ter "dor de estômago" se eu fizer arroz integral. Ele me diz (de novo) que quando ele era jovem, viajando para os Estados Unidos para um torneio de beisebol, ele tinha que ser transferido para uma <i>host family</i> filipina. A família caucasiana ficava dando batatas para ele. Ele alega que ele ficou "muito doente" e essa é a prova de que ele PRECISA de arroz.</p>
<p>I stare at my chicken and whole-grain noodles, trying to convince myself that this is better for me. Suddenly, I feel myself trying to claim I NEED rice, too. These</p>	<p>Eu olho para o meu frango e a massa integral, tentando me convencer que isso é melhor para mim. De repente, sinto-me tentando afirmar que também PRECISO de</p>

whole-grain noodles might give me a stomach ache. After about ten minutes, I look around the kitchen. I am alone. I stand up and walk guiltily toward the rice pot. I open the lid, letting the steam waft over my face. I stare at the beautiful mound of fluffy white rice, untouched in the pot.	arroz. Essa massa integral pode me dar uma dor de estômago. Depois de dez minutos, olho ao redor da cozinha. Estou sozinha. Eu me levanto e ando culpada em direção à panela de arroz. Eu abro a tampa, deixando o vapor flutuar sobre meu rosto. Olho para o lindo monte de arroz branco e fofo, intocado na panela.
Just a little.	Só um pouquinho.

Diferentemente de *What am I*, em *Hineksa Anonymous* temos ressentimento com os Estados Unidos mas em relação a comida, não a situação de território da ilha. A comida aparece em diversos textos da antologia, conforme os exemplos que apresentei no item 2.2.2.2, e isso ocorre porque a comida é sagrada para eles. Dentro de todos os alimentos, um que podemos, então, considerar como um dos mais importantes é o arroz. Compreender esse papel tão essencial que este alimento desempenha na vida dos chamorros é possível através da literatura da ilha. Refletindo sobre os textos que foram traduzidos para esse trabalho, dois dos seis textos mencionam arroz. O poema *I Tinituhon/The Beginning*, por exemplo, menciona os campos de arroz, quando Pontan começa a sonhar sobre a ilha, ele sonha sobre esses campos, assim como o conto *Hineksa Anonymous*, no qual o arroz é quase um dos personagens principais da obra, já que a sua presença é tão marcante.

Para podermos refletir sobre o arroz dentro da cultura chamorro, podemos pensar em como ele foi representado no conto acima. Primeiramente, ele é apresentado como uma forma de conexão entre os membros de uma família, já que a narradora comenta que foi o primeiro alimento que aprendeu a cozinhar e que fazia essa ação com sua mãe e sua avó. Vale ressaltar neste caso, o quanto a ação de cozinhar com a família possui um enorme valor para os chamorros e o fato de essa ação estar conectada na obra com um dos alimentos mais importantes apenas mostra ao leitor a presença enraizada desse alimento na cultura do povo. Segundo, os sacos de arroz eram usados para fazer cobertores, que conforme narra a personagem, ela ainda guarda como uma boa lembrança de sua avó. Terceiro, o arroz também era usado como uma forma de humilhar os chamorros durante a primeira colonização estadunidense.

Portanto, quando decidi os textos que representariam o período pós estadunidense em Guam, optei por escolher textos que apresentavam um sentimento extremamente atual dos chamorros, ou seja o ressentimento com os EUA, e como esse sentimento era direcionado a

áreas diferentes, já que uma obra discorre sobre identidade e questões geopolíticas, enquanto a segunda discorre sobre alimentação, um elemento que é uma das principais partes da cultura chamorro. Além disso, vale ressaltar que esse conto foi uma das principais obras que me auxiliou a compreender o grande papel da alimentação dentro desta cultura, especialmente do arroz.

Mantendo em mente todo esse contexto que expliquei sobre a comida e os alimentos dentro da cultura e da literatura chamorro, precisamos refletir sobre esse contexto dentro dessa tradução. Para todas as minhas traduções dos textos chamorros, uma das principais teorias que participaram do processo de tradução foram as de Venuti (2019) sobre a tradução como um posicionamento político e ideológico. Essa teoria esteve presente em todas as traduções porque acredito que a decisão de evitar domesticar as obras chamorros é de extrema importância para o movimento que essas obras fazem parte.

Além disso, Trivedi (2005, p. 286) explica a importância de manter os aspectos culturais na tradução de textos literários, fazendo com que o leitor possa conhecer outras culturas e outras línguas. O autor ainda resalta que é importante não adaptar os aspectos culturais e nem traduzi-los, porque quando fazemos isso estamos um passo mais perto de ter “uma cultura monolíngue global”<sup>66</sup> (p. 286, tradução minha). Por esta razão, é extremamente importante procurar trazer estes aspectos na tradução de uma obra que possua diversas marcações culturais. O autor defende que mesmo que esta cultura do texto de partida possa causar alguma estranheza ao leitor, é preciso manter mesmo assim para que ocorra esse contato entre culturas diferentes. Desta forma, pensando nas explicações de Venuti (2019) e Trivedi (2005) posso afirmar o quão importante é não adaptar qualquer marcação cultural das obras chamorros, porque essas marcações, a língua e até mesmo os eventos históricos da ilha apresentam ao leitor uma pequena ilha da Micronésia, que pouquíssimas pessoas sabem sobre ela.

Pensando em todos esses elementos, concluí que a tradução de *Hineksa Anonymous* precisa de uma nota de apoio para a sua leitura. A decisão desta nota de apoio acontece por causa de todos esses elementos que comentei acima: questões históricas, culturais e até mesmo de vocabulário. Para poder realmente compreender todo o contexto no qual a história do conto se passa, é necessário todas as informações que apresentei neste trabalho. Vejamos, então, a nota de apoio:

---

<sup>66</sup> No original: just one monolingual global culture.



### 3.3.2.1 Nota à tradução 6

A presente tradução do conto *Hineksa Anônimo* de Desiree Taimanglo Ventura faz parte da antologia *Indigenous Literature from Micronesia*, um livro editado por Evelyn Flores e Emelihter Kihleng em 2019 com o intuito de apresentar a cultura, a tradição e a literatura dos povos da Micronésia. A região está localizada no Pacífico, entre as Filipinas, a Polinésia, a Melanésia e o Japão. O nome dado ao local vem do grego “ilhas pequenas” e possui por volta de 2.000 ilhas. Guam, terra natal do narrador e da autora, é atualmente território estadunidense, entretanto, em 1521 foi colonizada pela Espanha. A colonização espanhola durou até 1898 no Tratado de Paris, no final da Guerra Hispano-Americana, quando o território passou a ser estadunidense. O domínio estadunidense durou até 1941 quando a ilha foi atacada, no mesmo dia que Pearl Harbor, e passou três anos sob domínio japonês. Em 1944, os Estados Unidos recuperou o território e, desde então, Guam segue pertencendo aos estadunidenses.

Em razão de Guam ainda ser um território estadunidense, a ilha possui alguns elementos que estão muito conectados aos Estados Unidos, como por exemplo, a alimentação. Diversos alimentos da ilha de Guam são dos EUA, como comidas enlatadas e *fast foods*, o que causa certo ressentimento dos chamorros, nomenclatura do povo de Guam, com os estadunidenses. Isso ocorre porque para os chamorros a alimentação é algo sagrado. Para eles, a comida tradicional, feita com os familiares é um ato de extrema importância, pois, além de ser uma forma de demonstrar carinho e afeto, é também uma ato cultural deles. Um dos principais alimentos é o arroz, portanto, o fato de a narradora estar sendo privada de comer arroz por sua parteira, que é estadunidense, para os chamorros é algo muito grave, especialmente porque eles julgam que quem não se alimenta de forma correta são os estadunidenses e a parteira ao proibi-la de comer arroz e apenas outros alimentos que são julgados como saudáveis, na verdade, está fazendo algo totalmente errada dentro da cultura da mulher chamorro. Sendo assim, para os chamorros, a alimentação quanto mais saudável for melhor, e eles consideram uma comida saudável aquela que eles plantam em suas casas e o menos industrializado melhor. Além disso, eles estão culpando as comidas estadunidenses pelo aumento de doenças na ilha, o que torna esse ressentimento com o colonizador ainda maior.

Desta forma, como o alimento é um elemento tão sagrado dentro dessa cultura e da própria identidade chamorro, é por esta razão que a narradora apresenta todos os cenários nos

quais a alimentação esteve presente na história da ilha: em momentos de afeto entre mães e filhos, em momentos trágicos e cruéis que acontecem em decorrência das colonizações e até como uma forma de conexão com o seu povo, já que não comer arroz, além de ser um costume chamorro, é uma conexão com o próprio povo. Sendo assim, no conto *Hineksa Anônimo*, de Desiree Taimanglo Ventura, temos o arroz como um dos principais personagens, mostrando como a comida é um dos elementos principais da cultura e da identidade chamorro. Além disso, o mesmo aparece na obra como um vício da personagem, por esta razão o uso de “anônimos”.

Ademais, os termos utilizados na obra, “haole” e no próprio título “Hineksa” são palavras do chamorro, língua nativa da ilha de Guam. Enquanto “haole” sofreu um caso de empréstimo do havaiano, “hineksa” é uma palavra do próprio chamorro. A primeira palavra no havaiano significa pessoas que não são nativos do Havaí ou da Polinésia, no entanto, em chamorro significa estadunidense. Já “hineksa”, explica o *Chamorro Dictionary*, significa “arroz cozido”. Desta forma, como ambas as palavras fazem parte do chamorro, que é a língua nativa da ilha de Guam, optei por mantê-las, já que assim como a alimentação dos chamorros, que está tão presente na obra é um elemento cultural do conto, essas palavras que fazem parte da língua nativa também são. Por fim, o conto de Ventura apresenta ao leitor um elemento essencial da cultura desse povo, assim como também a história não apenas relacionada à alimentação mas de uma forma mais geral também.

De todas as traduções, a única que julguei que definitivamente precisava de uma nota de apoio foi este conto e uma das razões para isso é porque não temos nenhuma nota de rodapé utilizada pela autora que possa trazer alguma informação extra para o leitor. Todos os outros textos tinham notas de rodapé, com exceção de *What am I*, desta forma, apenas os textos que retratavam o período pós estadunidense que não possuíam nota. Sendo assim, acredito que para melhor poder entender o sofrimento dessa mulher chamorro, e o peso que a sua ação de comer escondida o arroz possui, a nota se torna essencial, carregando todas essas informações para que o leitor possa ter a dimensão que a falta desse alimento realmente significa para a narradora.

Por fim, a tradução dessas seis obras são apenas alguns textos que representam esses três períodos da história de Guam, não significa que apenas essas obras trabalham esses eventos, diversas outras também apresentam a história de Guam, conforme demonstrei na

parte I. Sendo assim, o processo de tradução de todas essas obras mesmo sendo diversificado, como por exemplo, o poema *What am I* em que optei por me manter mais próxima da equivalência, enquanto em *Manotohge Hit/We Stand* não, sempre mantive em mente um aspecto: todas as traduções buscaram apresentar Guam e os chamorros da melhor forma possível, evitando assim toda e qualquer adaptação cultural dessas obras. Por esta razão, as palavras que são do chamorro estão presentes nas traduções, junto com suas notas de rodapé que trazem ao leitor a tradução dessas palavras para o português. Assim como os costumes e as próprias lendas. Todos os textos que fazem parte dessa segunda parte são um conjunto que selecionei para demonstrar não apenas a história de Guam, mas também para apresentar a ilha, já que temos poemas que citam alguns locais, apresentar seu povo e permitir que seja a abertura de uma porta para aqueles leitores que não conhecem essa grande pequena ilha da Micronésia.

#### 4. Considerações finais

Busquei neste trabalho apresentar a história de Guam, a identidade e a cultura do seu povo através da sua literatura para, depois, analisar o quanto esses elementos tão presentes nas obras afetam o processo tradutório destes textos. A literatura chamorro é, para mim, uma descoberta constante. A cada novo texto que leio descubro algo novo sobre um povo e um local que, muitas vezes, julgo já saber tudo. Através dessas obras, tive a oportunidade de aprender sobre a alimentação, a arquitetura, a história e as lendas de Guam. Ao traçar a história da ilha na parte I deste trabalho, somos apresentados, através de exemplos da literatura chamorro, às histórias da ilha em diferentes perspectivas e com abordagens diferentes. Como a literatura que está sendo produzida atualmente na ilha faz parte de um movimento de recuperação histórica, temos, conseqüentemente, a literatura trabalhando desta forma, isto é, servindo de base e exemplo para melhor compreender os acontecimentos históricos da ilha. Ao refletir sobre os textos que compõem a antologia podemos ver como estes funcionam desta maneira dentro da obra. Os diferentes autores trazem não apenas seus pontos de vista para a antologia, mas de seus familiares também, como o ensaio de Cushing (2019), por exemplo. Sendo assim, a antologia que foi utilizada neste trabalho não apenas apresenta a literatura da Micronésia, assim como também serve como um contador de histórias da ilha sob as mais diversas perspectivas e abordagens.

Além disso, a leitura destas obras tornou possível visualizar as diferentes perspectivas sobre variados assuntos, como a percepção de identidade dentro da própria comunidade. Diversos autores defendem o que compreendem por ser um verdadeiro chamorro através de suas obras, como por exemplo o texto de Camacho (2019) e o próprio texto de Cushing (2019), nos quais os autores relatam a controvérsia na qual alguns chamorros acreditam que precisam falar a língua nativa para serem considerados verdadeiros chamorros, enquanto outros acreditam que saber os costumes, como pedir permissão para entrar na floresta, saber a importância da comida e do ato de cozinhar são os verdadeiros aspectos de um verdadeiro chamorro. Em razão desta controvérsia, as obras da antologia, então, abordam esses temas e apresentam os diferentes pontos de vista relacionados a estes.

Portanto, devemos considerar a antologia como uma porta para a Micronésia e, além do mais, como uma fonte para conhecer a história de Guam, sua cultura e sua identidade. Desta forma, a literatura chamorro não é apenas uma arte expressa através de palavras, ela é

um movimento de descolonização, de reescrita de uma história há anos negada e apagada e, também, uma forma de expressar a sua cultura e a sua identidade. Sendo assim, ao visualizar a literatura dentro desse movimento, torna-se possível visualizar o quão importante todo esse conhecimento sobre esses aspectos de Guam se torna crucial para a leitura.

Traduzir, então, esta literatura me fez ver a tradução através de outras perspectivas. Começando pelas notas de rodapé, vistas muitas vezes de maneira tão negativa nas traduções, nestes textos elas são quase tão importantes quanto o texto por si só. Estas possuem diferentes destinatários, como os chamorros e as pessoas que não são da ilha em alguns casos, assim como funções diferentes, por exemplo, informativas. Desta forma, assim como todos esses aspectos socioculturais de Guam afetam tanto a compreensão quanto a tradução dos textos, as notas possuem o mesmo papel. Além disso, precisamos compreender a tradução como uma prática política e cultural, a escolha de utilizar os nomes em chamorro ao invés da versão em inglês funciona como essa prática, na qual escolhi que para o meu leitor ter o máximo possível de contato com o chamorro, todas as palavras que eram da língua nativa deveriam permanecer no texto de chegada.

Ademais, é importante ressaltar que a escolha desses três períodos ocorreu em função destes serem os mais presentes na antologia, conseqüentemente, temos diferentes autores e diferentes abordagens para tratar sobre esses períodos. Sendo assim, devemos considerar, também, que a tradução destas obras exigiram abordagens diferentes conforme cada uma. Essas abordagens diferentes não ocorreram apenas por serem diversos autores sendo traduzidos ao invés de apenas um, estas ocorreram em razão das diferentes formas com as quais os autores buscaram apresentar cada cenário na sua obra. Por exemplo, em alguns casos a nota de rodapé é necessária, como em *I Tinituhon/The Beginning*, de Leonard Z. Iriarte, em outras, o cenário está tão presente no corpo do texto que não precisamos de outros elementos, como em *What am I* de Frederick B. Quinene. Assim como em outros precisamos escrever notas extras em razão da necessidade de fazer com que todas as informações necessárias ao leitor estejam ao seu alcance para que ele possa ter a melhor compreensão possível, como em *Hineksa Anonymous* de Desiree Taimanglo Ventura.

Refletindo sobre a escolha de separar os textos nestes três períodos da ilha e sobre o ineditismo desses textos no Brasil, e de toda a literatura chamorro como um todo, conseguimos pensar em como todo esse contexto é necessário em razão deste mesmo ineditismo para que possamos visualizar esses elementos funcionando junto com a tradução. Conseqüentemente, ao refletir sobre os textos escolhidos, também podemos considerar o

gênero textual, cinco são poemas e isso ocorre em razão do Kantan Chamorrta, um gênero literário antigo para os chamorros, que está se erguendo novamente, e totalmente novo para os brasileiros. Sendo assim, vale a pena ressaltar que por ter pouquíssimos estudos sobre esse gênero fora do Brasil e nenhum dentro do país, ainda surge a possibilidade de uma pesquisa analisando apenas o Kantan Chamorrta e as outras publicações que podem estar ligadas a ele, como os poemas e se há conversa entre eles e as diferentes perspectivas que esta comunicação entre os diferentes poemas apresenta ao leitor. Pretendo desenvolver essa pesquisa em um doutorado.

Portanto, neste trabalho busquei traçar a história de Guam, desde a criação da ilha até a atualidade, assim como analisar os conceitos de identidade e de cultura dentro dos textos que compõem a antologia apresentada aqui. A partir disso, tornou-se possível visualizar a importância do conhecimento desses conceitos e eventos tanto para a leitura quanto para a tradução dessas obras, mas também das notas de rodapé que trazem informações valiosas para a leitura. Desta forma, cumpre ressaltar, Guam não é apenas uma pequena nota de rodapé na história estadunidense, mas sim um texto que está sendo reescrito e adicionando novas informações ao mesmo tempo.

## REFERÊNCIAS

AGUON, B. I dos Amantes. *In: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, p. 125-127, 2019.*

AGUON, J. The Mango Trees Already Know. *In: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, p. 88-90, 2019.*

ANDERSON, B. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. 8ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAZA, M. D. Guahan Sirena. Guampedia. Disponível em: <[BEVACQUA, M. L. My Island Is One Big American Footnote. \*In: FLORES, E.; KIHLENG, E. \(Eds\). Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, p. 102-104, 2019.\*](https://www.guampedia.com/sirena/#:~:text=The%20story%20of%20Sirena%20is%20a%20succinct%20but%20tragic%20account,%27%20Saina%20Kontra%20i%20Patgonta%27.>. Acesso em: 03 mai 2024.</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

BEVACQUA, M. L. American-Style Colonialism. Guampedia. Disponível em: <[BORJA-QUICHOCHO-CALVO, K. I could be Miss Guam Tourism. \*In: FLORES, E.; KIHLENG, E. \(Eds\). Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, p. 324, 2019.\*](https://www.guampedia.com/american-style-colonialism/>. Acesso em: 04 fev. 2024.</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

CAMACHO, J. L. Kao siña hao fumino' Chamoru?. *In: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, p. 218-220, 2019.*

CHAMORRO DICTIONARY. Disponível em: <

CHUNG, S. Chamorro Grammar. Santa Cruz: University of California Santa Cruz, 2020. Disponível em: <<https://escholarship.org/content/qt2sx7w4h5/qt2sx7w4h5.pdf?t=r6mx08>>. Acesso em: 26 jul. 2024.

CRUZ-SMITH, J. A. D. Portrait of Grandmother Eating Mango. *In*: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 304-307, 2019.

CUSHING, N. J. A Journey of CHamoru Self-Discovery. *In*: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 266-269, 2019.

DELISLE, C. T. Placental Politics: CHamoru Women, White Womanhood, and Indigeneity Under U.S. Colonialism in Guam. Carolina do Norte: University of North Carolina Press, 2021.

DELISLE, C. T. The Tree. *In*: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 277-279, 2019.

FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, 2019.

FLORES, E. Fu'una and Pontan. *In*: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 14-17, 2019.

FLORES, E. I Have Seen Sirena Out At Sea/Gua na hu li'i' si Sirena. *In*: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 29-30, 2019.

FLORES, E. Prefácio. *In*: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. xxi-xxiii, 2019.



FLORES, E. Well, we're all eating chá'guan now. *In*: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 277-279, 2019.

GARRIDO, H. A. F. The language CHamoru is [not] dead: language revitalization in the online space. *Dissertação (Mestrado de Artes em Estudos das Ilhas do Pacífico) - Universidade do Havaí*, 2022.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GUAM (território). Commission on CHamoru Language and the Teaching of the History and Culture of the Indigenous People of Guam. "Chamorro Grammar" As Dr. Sandra Chung. Disponível em: <https://kumisionchamoru.guam.gov/guinaha-resources/chamorro-grammar-dr-sandra-chung> . Acesso em: 25 jan. 2024.

GUAM (território). Visit Guam. Puntan & Fu'una. Disponível em: <https://www.visitguam.com/blog/post/puntan-fuuna/> . Acesso em: 01 fev. 2024.

GUERRERO, V. M. L. Ti Mamaigo Si Yu'us / God Never Sleeps. *In*: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 166-171, 2019.

GUERRERO, V. M. L. An Open Letter to America. *Boston Review*. Boston, 11 ago. 2017. Disponível em: <https://bostonreview.net/articles/victoria-lola-m-leon-guerrero-open-letter-america/> . Acesso em: 28 jan. 2024.

HATTORI, A. P. Forefathers. *In*: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 53-54, 2019.

HATTORI, A. P. Halom Tano'. *In*: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 31-32, 2019.

HALL, S. A identidade Cultural na Pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HERMAN, D. A Brief, 500-Year History of Guam. *Smithsonian Magazine*. Washington DC. 15 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/smithsonian-institution/brief-500-year-history-guam-180964508/>>. Acesso em: 01 fev. 2024.

HOPPE-CRUZ, A. English Only Law Impact. *In: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 198-199, 2019.

HOPPE-CRUZ, A.; BORJAR-KICHO`CHO`, K. I Kareran I Palâbran Mâmi — The Journey of Our Words. 2010. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade do Havaí, 2010.

HSU, H. L. Gua`han (Guam), Literary Emergence, and the American Pacific in Homebase and from unincorporated territory. *American Literary History*, vol. 24, n. 2, p. 281-307, 2012.

IRIARTE, L. Z. I Tinituhon/The Beginning. *In: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 9-13, 2019.

IRIARTE, L. Z. Manotohge Hit/We Stand. *In: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 49, 2019.

KUPER, K. G. Na'la'la i hila'-ta, Na'matatnga i taotao-ta: chamorro language as liberation from colonization. 2014. Dissertação (Mestrado de Artes em Estudos das Ilhas do Pacífico) - Universidade do Havaí, 2014.

LEARNING CHAMORU. Disponível em: <<https://www.learningchamoru.com/>>. Acesso em: 13 fev. 2024.

LAGUANA, R. T.; VILLAVARDE, R. E. Tinaitayon Hinanão Sâkman Saina/Prayer for Safe Journey. *In: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 40-41, 2019.

MATTOS, D. O Estudo Científico de Culturas para fins de tradução. In: MATTOS, Delton (Ed). *Cultura e Tradutologia*. Brasília: Thesaurus, p. 7–26, 1983.

MANIBUSAN, C. L. A. Auntie Lola’s Champion Chalakiles. In: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 293-298, 2019.

MARSH-TAITANO, K. G.; AGUON, J. Chenchule’: Social Reciprocity. *Guampedia*. Disponível em: <<https://www.guampedia.com/chenchule/>>. Acesso: 29 jan. 2024.

ORO, A. D. Mamahlao: Shame. *Guampedia*. Disponível: <<https://www.guampedia.com/mamahlaho-shame/>>. Acesso: 29 jan. 2024.

PARK, M. “Oceania is US:” An intimate portrait of CHamoru Identity and Transpacific Solidarity in from unincorporated territory: [lukao]. *The Criterion*, 2020.

PEREIRA, T. A. S. O Caribe de Língua Inglesa: Identidade cultural e representação literária. 2011. vol. 1. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

PEREZ, C. C. T. Signs of being — A Chamoru spiritual journey. 1997. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade do Havaí, 1997.

PEREZ, C. S. *Navigating CHamoru Poetry*. Arizona: The University of Arizona Press, 2021.

PEREZ, C. S. *New CHamoru Literature*. Havaí: University of Hawaii Press, 2023.

PEREZ, C. S. Posfácio. In: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 332-333, 2019.

PEREZ, T. The floating world. In: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). *Indigenous Literature from Micronesia*. Havaí: University of Hawaii Press, p. 345, 2019.

PEREZ-IYECAD. Inafa'maolek: Striving for Harmony. Guampedia. Disponível: <<https://www.guampedia.com/inafamaolek/>>. Acesso em: 29 jan. 2024.

PHILLIPS, M. Land ownership in Guam. Guampedia. Disponível em: <<https://www.guampedia.com/land-ownership-on-guam/>>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SCHWARCZ, L. M. Imaginar é difícil (porém necessário). *In*: ANDERSON, B. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. 8ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, p. 9-17, 2008.

TAITANO, G. E. Chamorro vs. Chamoru. Guampedia. Disponível em: <<https://www.guampedia.com/chamorro-vs-chamoru/>>. Acesso em: 26 jan. 2024.

VENTURA, D. T. Hineksa Anonymous. *In*: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, p. 308-310, 2019.

VENUTI, L. Escândalos da tradução. Tradução de Laurino Pelegrin et al. Bauru: EDUSC, 2002.

VENUTI, L. Introduction. *In*: VENUTI, L. (Eds). Rethinking translation: Discourse, Subjectivity, Ideology. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2019.

VENUTI, L. "Introduction: Poetry and Translation". *Translation Studies*, 4(2), p. 127-132, 2011.

VIERNES, J. P. English Major. *In*: FLORES, E.; KIHLENG, E. (Eds). Indigenous Literature from Micronesia. Havaí: University of Hawaii Press, p. 226, 2019.

TAITANO, G. E. Chamorro vs. Chamoru. Guampedia. Disponível em: <<https://www.guampedia.com/chamorro-vs-chamoru/>>. Acesso em: 28 jan. 2024.

TRIVEDI, H. Translating culture versus cultural translation. *In*: ST. PIERRE, P.; KAR, P. C. (Ed.). *In translation. Reflections, Refractions, Transformations*. Delhi: Pencraft International, 2005.

## ANEXO A – TRADUÇÕES SEPARADAS DO TEXTO FONTE

### Tradução 1:

#### O começo

*Leonard Z. Iriarte*

No começo, no começo,<sup>67</sup>  
 Dentro da mente do Altíssimo,  
 Todas as coisas eram combinadas como um,  
 Infinito e ilimitado,  
 Dentro da mente do Altíssimo,  
 Dentro da mente, dentro da mente do Altíssimo,  
 Hui!<sup>68</sup> Infinito e ilimitado,  
 Ha!

No começo, no começo,  
 Quando não havia terra e nem água,  
 Todas as coisas eram combinadas como um  
 Infinito e ilimitado,  
 Quando o Ancião falou, o trovou surgiu,  
 E inundou seus pensamentos,  
 Então os trovões ecoaram,  
 Então os trovões ecoaram,  
 Então os trovões ecoaram,

Então Pontan<sup>69</sup> sorriu,  
 E ele sabia que era bom,  
 Fo'na<sup>70</sup> também estava feliz,  
 E ela começou a cantar,  
 Como o vento, ela ressoou,  
 Quando ela foi escutada por Pontan,  
 Ele começou a sonhar,  
 Ele começou a sonhar,

---

<sup>67</sup> Consultores linguísticos, Mark A. Santos e Jeremy N. C. Cepeda 1.1 Tinituhon, “The Beginning”, é uma canção (normalmente cantada e executada por mulheres) derivada da história da criação indígena. É uma referência ao povoamento humano inicial do Arquipélago de Mariana. É, portanto, visto como um título oral para a terra.

<sup>68</sup> As vocalizações Hui! Ha! e Ei! são usados para transmitir um sentido semântico subjacente mais profundo. São ritualisticamente chamados e usados como ponte para o reino sobrenatural.

<sup>69</sup> Pontan, “um coco maduro que caiu da árvore”, é o nome do irmão na história da criação indígena. Na história, ele empodera sua irmã para criar o mundo para os seres humanos. Em teoria, ele é o descobridor inicial do arquipélago, que em última análise lidera a sua linhagem matriarcal no esforço inicial de colonização, garantindo assim o direito como primeiro líder supremo masculino na hierarquia social tradicional, alcançando em última análise o estatuto mítico.

<sup>70</sup> Fo'na, “ser a primeira”, é o nome da irmã na história da criação indígena. Na história, ela recebe o poder de seu irmão para criar o mundo para o homem. Em teoria, ela é a mulher com classificação mais alta em sua linhagem matriarcal e, portanto, recebe o direito de ser a primeira mulher líder suprema na hierarquia social tradicional. Ela também finalmente alcança o status mítico.

Ele começou a sonhar,

Ele viu um lugar para o povo,  
 Ele viu os campos de arroz,  
 Tinha tanta vida marinha,  
 Bastante tartarugas e peixes,  
 E quando ele acordou,  
 Chamou a sua irmã,  
 “Chegue perto e ouça,  
 Logo eu morrerei,  
 Logo eu morrerei,”

“Pegue a terra vermelha,  
 E a misture com areia e água,<sup>71</sup>  
 Faça a mulher,  
 A primeira filha,  
 Faça também o homem,  
 O primeiro filho,  
 Agora os traga juntos,  
 E crie todo o povo,  
 Crie todo o povo,”

“Do meu peito,  
 Faça o céu,  
 E os bons ventos,  
 irão empurrar as velas,  
 Das minhas costas,  
 Faça a terra e as colinas,  
 Crie a água doce,  
 A água doce,  
 A água de Hagâ'-ña,”<sup>72</sup>

“Pegue os meus olhos,  
 Para que o povo possa ver,  
 O sol do dia,  
 E a lua a noite,  
 E quando estiver completo,  
 Crie os arco-íris,  
 E os suspenda,  
 Acima do povo da terra,  
 O povo da terra,  
 O povo do mar”

---

<sup>71</sup> Uma referência aos ingredientes para a fabricação da cerâmica e a implicação de que as mulheres participavam dessa atividade.

<sup>72</sup> Uma referência à nascente de água doce da aldeia primordial de Hagâ'-ña, que se traduz como “sangue dele/dela”. A posição de Hagâ'-ña na hierarquia tradicional da aldeia e o significado do seu nome (uma referência adicional à matrilinearidade de Pontan e Fo'na) sugere que a aldeia foi o local inicial de localização de humanos no arquipélago.

O primeiro povo! O Matao!<sup>73</sup>  
Hoi'!

---

<sup>73</sup> Nome de contato pré-casta e pré-europeu para os habitantes indígenas do Arquipélago Mariano. *Chamoru* é o nome de contato pós-europeu tanto dos povos indígenas do Arquipélago das Marianas quanto de sua língua.



**Tradução 2:****Os ossos velhos***Leonard Z. Iriarte*

Os ossos velhos embaixo dos nossos pés,  
louvamos o Matao<sup>74</sup>, o povo de antes  
Que chegou nas primeiras canoas à vela,  
louvamos nossos ancestrais,  
E louvamos todos os ossos velhos.

---

<sup>74</sup> Consultores linguísticos, Mark A. Santos e Jeremy N. C. Cepeda 1. O uso do termo Matao em uma declamação faz referência a ancestrais de contato pré-europeus. *Chamoru* é o nome de contato pós-europeu tanto dos povos indígenas do Arquipélago das Marianas quanto de sua língua.

## Tradução 3:

## Eu vi a Sirena lá no mar

Evelyn Flores

Eu vi a Sirena lá no mar  
 me  
 chamando.  
 braço delgado marrom levantado,  
 metade em despedida, metade em aceno.  
 — Venha, — ela diz,  
 — Deixe para trás as ha'iguas<sup>75</sup>  
 para aqueles  
 ferros de passar  
 Deixe para trás o pátio da escola,  
 e venha comigo:  
 eles continuarão sem você-

Eu não consigo ouvi-la,  
 mas consigo ler as palavras  
 soprando dos seus lábios enquanto  
 ela  
 arqueia  
 através da boca de Minondu.<sup>76</sup>

E fiz parecer como se eu fosse,  
 virei meio voluntariamente em direção à costa,  
 meio em direção à porta  
 da casa da minha mãe.

Minha mãe implorando,  
 minha madrinha sussurrando,  
 — A terra, a terra, a terra,  
 E a Sirena lá no mar,  
 parou novamente na divisão do canal  
 para olhar para mim com seu olhar transbordando sabedoria.

---

<sup>75</sup> Publicado anteriormente, Brian Millhoff e Evelyn Flores, eds., *Images of Micronesia*, M-m-mauleg Publishing, 2006.

Consultor de idiomas *Chamoru*, David De Leon Flores Sr.

*ha'iguas* - cascas de coco queimadas como madeira para aquecer o ferro.

<sup>76</sup> *Minondu* - a foz do rio Hagâtña, onde deságua no oceano

## Tradução 4:

## A árvore

Christiane Taitano DeLisle

A árvore  
 jamais será  
 a mesma.  
 Não para a mulher que a plantou  
 trinta e três anos atrás,  
 que desde então  
 a cuidou,  
 a assistiu  
 crescer e crescer.  
 Ela mesma, entrou na ligação do  
 ma-tree-mônio  
 com o homem/o clã/a terra,  
 fixou suas próprias raízes  
 no mesmo solo fértil.

A árvore  
 nunca será  
 a mesma.  
 Não para a mulher cujo o ritual matutino  
 depois de uma boa noite de sono  
 consistia em  
 ficar parada na frente do *labadót*<sup>77</sup>  
 da sua *kusinan sanhiyong*<sup>78</sup>  
 lavando sua *la'uya*,<sup>79</sup>  
 escolhendo *puntan kalamasa*<sup>80</sup>  
 para sua *kaddon mannok*.<sup>81</sup>  
 E o tempo todo  
 absorvendo o doce aroma das flores vermelhas  
 da árvore  
 que ela nem sempre conseguia ver  
 de onde ela trabalhava  
 mas sabia que estava lá.  
*Familia*.<sup>82</sup>  
*Familia*  
 Familiari-tree.

Não, a árvore  
 nunca será  
 a mesma.

---

<sup>77</sup> pia.

<sup>78</sup> cozinha do lado de fora da casa.

<sup>79</sup> panela.

<sup>80</sup> sementes de abóbora

<sup>81</sup> ensopado de frango

<sup>82</sup> Família.

Não para a mulher  
que no caminho de volta  
da habitual alimentação das galinhas às três horas  
de uma tarde chuvosa de segunda  
avistou uma fruta estranha pendurada em seus membros frágeis.

Desorientada/confusa/agitada... *Gof ma'añao yu' pues hu âgang i lahi-hu*<sup>83</sup>  
O filho dela então chamou alguém para investigar.  
Ele por sua vez chamou alguém para examinar  
o que mais tarde foi declarado ser um caso de fruta azeda se tornando amarga  
que ficou na própria  
árvore  
para apodrecer.

Não importava para mulher se era esse lado ou o outro lado  
homicídio ou suicídio... *Pakeha Yu'. Sa' hafa na ti ma cho'gue esti gi tano'-niha? Dalai na  
bidan-niha gi tano hagd-hu!*<sup>84</sup>

Qualquer que seja a energia colocada lá  
não pertencia lá  
a terra em que ela se estabeleceu há trinta e três anos  
a terra que ela e ele construíram sua primeira casa  
a terra que sua filha mais tarde herdou.

Quando a coisa pendurada foi finalmente removida  
depois de horas de  
questionamento  
deliberação  
ela decidiu  
que a árvore deveria cair.

Nenhum homem poderia içar sua cruz alto o suficiente  
dizer as palavras certas  
borrifar água aqui e ali  
para expulsar o veneno do solo e do ar. Duas vezes, aliás.

Apenas o zumbido de 2 cavalos e meio contra o caule da  
árvore  
poderia acalmar  
a mulher  
para dormir.

---

<sup>83</sup> Fiquei com medo, aí liguei para meu filho.

<sup>84</sup> Não é da minha conta. Por que eles não fizeram isso em suas próprias terras? O que fizeram nas terras da minha filha foi demais!

**Tradução 5:****O que eu sou***Frederick B. Quinene*

Meu grande e querido Tio Sam,  
Essa carta é endereçada a você,  
Pois não sei o que sou,  
Eu quero saber, realmente quero.

Esqueça que você governou Guam,  
de 1899 a 1941,  
E então começou seu governo novamente,  
Depois que a Segunda Guerra foi vencida.

Em agosto de 1950,  
O Organic Act veio para Guam,  
Esse ato me fez seu cidadão,  
Mas eu ainda não sei o que sou.

Trinta e seis longos anos se passaram,  
Muitos anos de não sei o que,  
Eu ainda não sei o que eu sou  
Para onde estou indo nem onde estou.

Em seus salões sagrados do Congresso  
Eu sou mesmo representado?  
E eu sei que no Senado  
Eu nunca fui consultado.

Tio, quando lhe convém,  
Eu sou um cidadão seu,  
E, quando não lhe convém mais  
Eu não sou cidadão, é claro.

Você diz que não coloniza,  
Mesmo assim eu sinto que Guam é uma colônia.  
Você diz que sou seu cidadão,  
Então por que eu não me sinto livre?

Você me prometeu muitas coisas,  
Uma delas é a autodeterminação.  
Mesmo assim não consigo nem ter isso,  
Sem a sua inclinação.

Sim, você derrama todos os tipos de mercadorias  
Na minha amada terrinha,  
Mas então você me bate no joelho  
Quando tento me levantar.

Mesmo quando você está me vestindo,  
Eu ainda me sinto despido de dignidade.  
O que me faz te perguntar, o que eu sou?  
Por favor, Tio Sam, você vai me dizer.

É verdade que você me educou,  
Mas para quê e então por quê,  
Pois mesmo com tudo o que aprendi,  
Eu ainda pergunto, o que eu sou?

Você diz que é o campeão  
De todos que são oprimidos,  
Então se eu sou uma parte de você,  
Por que ainda me sinto deprimido?

Eu imploro que você reconheça,  
Se nada mais, eu sou um homem,  
Eu quero minha autodeterminação,  
Por favor, conceda-a, pois sei que você pode.

Eu acredito mesmo meu Tio Sam,  
Que sou maduro o suficiente agora,  
Que eu posso decidir meu destino,  
Pois você mesmo me mostrou como.

Por favor me permita, Tio Sam,  
Este pequeno fragmento de dignidade,  
Não estou pedindo muito mais,  
Do que aquilo que você me prometeu.

Deixe-me tirar essa teia fora,  
Minha mente profundamente perturbada,  
Eu realmente quero saber o que eu sou,  
Este tesouro eu gostaria de encontrar.

Conceda-me o direito de alcançar metas,  
Não importa se a meta é alta,  
Permita-me crescer  
E deixe-me encontrar a resposta para o que eu sou?

**Tradução 6:**  
**Hineksa Anônimos**

*Desiree Taimanglo Ventura*

Olho para o prato lascado na minha frente. Para alguns, vai parecer cheio. Tudo que eles veem é uma refeição saudável. Tem proteína. Tem legumes. Tem carboidratos saudáveis. Eu desfilio o frango com meu garfo, quebrando um pequeno pedaço que deslizo suavemente em direção à massa integral que fica tristemente à sua esquerda. A comida não tem gosto ruim, mas a refeição parece errada. Quebrada. Incompleta.

*Não tem arroz.*

Arroz, agora estão me dizendo, é ruim. Ninguém quer que eu coma mais. As revistas sofisticadas com mulheres com braços de palitos sugerem, ao invés disso, batata-doce e quinoa. Minha parteira, a *haole* com a voz anasalada, me lembra que o “meu povo” come muito mais arroz do que deveríamos. Ela também me lembra que “meu povo” come muita comida enlatada. Quando ela me disse isso, eu pensei em lembrar ela que foi o “POVO DELA” que trouxe a comida enlatada para o “meu povo.” Ela me entregou um panfletinho com uma mulher branca na frente comendo salada e rindo. Mulheres dos Estados Unidos sempre sorriem e riem nas fotos deles comendo salada. Eu encaro a foto. Senhoras dos Estados Unidos realmente amam salada. Esse panfleto está cheio de opções saudáveis.

Essa refeição é uma dessas opções; e não sinto nada parecido com a loira risonha da capa. Eu venho lutando para ver o arroz como algo que não é “bom” para mim e para a minha família. Mas eu sempre associei a presença do arroz na minha cozinha como um sinal de que ficaremos bem, que nossas refeições seriam satisfatórias.

Eu amo arroz. Até mesmo o ato de preparar arroz é tranquilizante para mim. Eu olho através da janela da minha cozinha, assistindo as galinhas caminharem enquanto eu passo os dedos pelos grãos molhados, deixando a água turva escorrer para a pia. Isso me acalma. Eu lavo o arroz com o meu filho, sorrindo para ele quando suas mãozinhas cruzam o caminho com as minhas enquanto nós fazemos movimentos circulares. Minha mãe fez isso comigo. Minha avó fez isso comigo. Arroz foi a primeira coisa que aprendi a cozinhar, e se tornou a primeira coisa que ensinei o meu filho a cozinhar. Minha mãe uma vez me disse que contanto que eu soubesse fazer arroz, eu ficaria bem. Se eu pudesse fazer arroz, eu sempre teria algo para comer.

Quando eu era uma garotinha, viagens para os Estados Unidos para visitar parentes estranhos que deixaram Guam sempre resultaram em idas incômodas a restaurantes. Eu pedia

“arroz normal” para garçons que me olhavam confusos, insistindo que as estranhas pilhas de grãos amarelos ou marrons ao lado da minha carne eram “arroz.”

No final do corredor, onde eu guardo minhas toalhas e outras roupas de cama, um cobertor está dobrado gentilmente no topo da prateleira. Ele foi feito pela minha avó paterna, Vicenta. Ela fez vários como esse depois da guerra, o suficiente para todos os seus filhos. Os cobertores são feitos de velhos sacos de arroz Calrose costurados. Eles são perfeitos para o clima de Guam, proporcionando a segurança que você deseja ao deitar na cama sem fazer com que você fique desconfortável no calor de Guam. Quando eu olho para o cobertor, penso no quão importante um saco de arroz foi para uma família chamorro durante os diferentes períodos na história da nossa ilha. De alguma forma, mesmo agora, sinto um estranho tipo de pânico quando o estoque de arroz está acabando na nossa casa. Poderíamos ter muitas outras coisas na despensa ou na geladeira, mas quando vejo o arroz desaparecendo, eu fico um pouco estranha e me certifico que, assim que possível, irei no mercado comprar arroz para reabastecer o pote.

Minha avó materna, Lola, também deixou para trás histórias me lembrando do estranho poder do arroz na história chamorro. Ela explicou que quando os padres estadunidenses chegaram na ilha, eles queriam que Romano Pálido, um padre espanhol muito próximo de muitas famílias chamorros, fosse embora. Empresários estadunidenses na ilha ajudaram a divulgar uma petição que insistia em que ele fosse removido.

Minha avó explicou que a sua mãe não queria que Romano Pálido fosse embora; ela gostava muito dele. Ele falava em chamorro com o povo e rezava em chamorro, o que os estadunidenses não gostavam. Mas ela acabou assinando a petição porque quando os homens estadunidenses apareceram na sua casa com o papel, eles também levaram um saco de arroz. Minha avó me disse que eles nunca questionaram Tan Maria (sua mãe) sobre a assinatura. Eles entenderam que eles não poderiam recusar arroz. Minha avó me disse que sua mãe ficou muito triste quando os homens foram embora com a petição. Ela serviu arroz para eles em silêncio naquela noite.

Histórias de arroz também chegam até mim por parte do meu pai. Meu pai me conta que alguns dos “parentes da minha mãe” eram mais influentes que os dele no passado. Ela tinha tios que sabiam o valor do arroz e o usavam para exercer poder sobre as famílias chamorro mais pobres. Um dos meus tios maternos foi encarregado de distribuir alimentos na Segunda Guerra Mundial. Quando ele foi na casa dos meus avós paternos para entregar a comida, ele fazia questão de espalhar o arroz no chão, sabendo que ele podia agir dessa forma



e ainda poderia voltar para a próxima visita. Esse tio era estadunidense. Meu avô odiava esse tio e se recusava a se jogar no chão para juntar o arroz na frente dele. Mas quando meu tio ia embora, meu avô e sua esposa juntavam o arroz do chão de qualquer forma. Cada vez que meu tio estadunidense visitava com o arroz, meu avô sofria essa humilhação.

Essas são apenas algumas histórias de família que foram passadas envolvendo arroz. Arroz, para a minha família, era algo que simbolizava a sobrevivência e superação até dos dias mais difíceis. Quando minha geração nasceu, o arroz se tornou uma forma de promover conforto. Toda refeição servida pela minha mãe e avó incluía arroz. Essas refeições eram feitas com amor e um desejo de prover para os seus filhos.

Mas é 2013 agora. A guerra acabou. E agora, arroz engorda. Você deveria comer apenas uma pequena colher por dia (de acordo com a parteira estadunidense da voz anasalada). Eu tenho servido menos arroz desde que ela me deu o panfleto. Isso desaponta meu pai e meu filho. Meu pai alega que ele PRECISA de arroz branco. Ele argumenta que ele pode ter “dor de estômago” se eu fizer arroz integral. Ele me diz (de novo) que quando ele era jovem, viajando para os Estados Unidos para um torneio de beisebol, ele tinha que ser transferido para uma *host family* filipina. A família caucasiana ficava dando batatas para ele. Ele alega que ele ficou “muito doente” e essa é a prova de que ele PRECISA de arroz. Eu olho para o meu frango e a massa integral, tentando me convencer que isso é melhor para mim. De repente, sinto-me tentando afirmar que também PRECISO de arroz. Essa massa integral pode me dar uma dor de estômago. Depois de dez minutos, olho ao redor da cozinha. Estou sozinha. Eu me levanto e ando culpada em direção à panela de arroz. Eu abro a tampa, deixando o vapor flutuar sobre meu rosto. Olho para o lindo monte de arroz branco e fofinho, intocado na panela.

Só um pouquinho.